



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE**  
**CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

**AS MEMÓRIAS EDUCATIVAS DOS(AS) PROFESSORES(AS) NEGROS(AS)**  
**DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**  
**NOS CAMPUS PELOTAS E PELOTAS-VISCONDE DA GRAÇA**

**WILLIAM MACHADO DA SILVA**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges**

**Pelotas**  
**2020**



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE**  
**CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

**AS MEMÓRIAS EDUCATIVAS DOS(AS) PROFESSORES(AS) NEGROS(AS)**  
**DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**  
**NOS *CAMPI* PELOTAS E PELOTAS-VISCONDE DA GRAÇA**

**WILLIAM MACHADO DA SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Ensino

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges

**Pelotas**  
**2020**

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

S586m	<p>Silva, William Machado da</p> <p>As memórias Educativas dos(as) Professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça / William Machado da Silva. – 2020.</p> <p>271 f.: il. color.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas-Visconde da Graça, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação, 2020.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges.</p> <p>1. Formação de professores. 2. Prática pedagógica. 3. Relação étnica. 4. Educadores negros. I. Hentges, Angelita</p> <p>(orient.).</p> <p>II. Título.</p> <p>CDU 37.02</p>
-------	--

Catalogação na fonte elaborada pelos Bibliotecários  
Emerson da Rosa Rodrigues CRB 10/2100  
Vitor Gonçalves Dias CRB 10/1938



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE**  
**CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

**AS MEMÓRIAS EDUCATIVAS DOS(AS) PROFESSORES(AS) NEGROS(AS)**  
**DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE**  
**NOS CAMPUS PELOTAS E PELOTAS-VISCONDE DA GRAÇA**

**WILLIAM MACHADO DA SILVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Ensino

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges

Data de aprovação: 15 de dezembro de 2020

Membros da Banca:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges (Orientadora – IFSul)

Prof. Dr. Julvan Moreira de Oliveira (UFJF)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Giusti Moreira (IFSul)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marislei da Silveira Ribeiro (UFPel)

**Pelotas**

**2020**

Dedico esta dissertação de mestrado à  
minha avó Cila Garcia Machado (*in  
memorian*), ao meu irmão Jonathan  
Machado da Silva (*in memorian*), à minha  
mãe Ana Jara Machado da Silva, ao meu pai  
Fernando César Cardoso da Silva e ao  
Sergio de Souza Silveira.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus, que está sempre ao meu lado em todos os momentos de minha vida, e a Nossa Senhora de Fátima.

Ao meu grupo de oração de Pedro Osório, em especial à minha amiga Eugenia Feijó. Aos meus pais, Fernando e Ana Jara, que permanecem ao meu lado mais uma vez nessa jornada.

Ao companheiro Sergio de Souza Silveira, que esteve presente nesta caminhada me dando o apoio necessário para não desistir, sendo peça fundamental desta conclusão da dissertação.

À minha amiga e professora orientadora Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges, que foi incansável na construção deste trabalho.

À minha querida amiga Lúcia Beatriz Ott pela parceria durante o tempo de mestrado.

À banca examinadora, pela disponibilidade de avaliação referente ao meu trabalho.

A todos os meus verdadeiros amigos, que me apoiaram e estiveram presentes em mais esta jornada.

Obrigado!

"Eu tenho um sonho... de que um dia viverão  
numa nação onde eles não serão julgados  
pela cor da sua pele, mas pela essência do  
seu caráter".

Martin Luther King Jr., 1963.

## RESUMO

Esta pesquisa contempla um estudo de como se dá o exercício da docência no que diz respeito às memórias dos professores negros dos *campi* Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça, do IFSul. Nesse sentido, o objetivo geral é investigar como as memórias dos(as) docentes negros(as) contribuem para as práticas pedagógicas dos(as) educadores(as). Dessa maneira, as questões raciais estão cada vez mais presentes no cotidiano acadêmico e em debates pedagógicos acerca da temática traz benefícios ao trabalho dos(as) educadores(as) em sala de aula. Em relação aos autores que dão subsídios a esta pesquisa, destacam-se: Donald Pierson (1945), Kabengele Munanga (2004) e Nilma Lino Gomes (2012) nos pressupostos referentes às memórias na relações raciais; mas também Gusdorf (1967), Tardif (2014) e Imbernón (2016) no que diz respeito à formação de professores e saberes docentes. Quanto à metodologia, em uma abordagem qualitativa, realizaram-se entrevistas e questionários, com análise interpretativa dos dados conforme Gil (2002; 2008), Bogdan e Biklen (1994) e Guerra (2006). Portanto, a utilização das memórias docentes por parte dos(as) professores(as) dos dois *campi* do IFSul contribui para a discussão de questões étnicas em sala de aula. Como produto educacional, foi produzido um documentário ao longo da pesquisa que rememora as práticas elaboradas pelos(as) educadores(as) negros(as).

**Palavras-chave:** Memórias. Docência. Formação. Professores(as). Negro(a).

## ABSTRACT

This research contemplates a study of how teaching is carried out with regard to the memories of black teachers on the Pelotas and Pelotas-Visconde da Graça *campi*, at IFSul. In this sense, the general objective is to investigate the memories of black teachers contribute to the pedagogical practice of educators. In this way, racial issues are increasingly present in the academic daily life and pedagogical debates about the theme bring benefits to the work of educators in the classroom. Regarding the authors who provide subsidies to this research, the following stand out: Donald Pierson (1945), Kabengele Munanga (2004) and Nilma Lino Gomes (2012) in the assumptions regarding memories in race relations; and Gusdorf (1967), Tardif (2014) and Imbernón (2016) with regard to teacher training and teaching knowledge. As for the methodology, in a qualitative approach, interviews and questionnaires were carried out, with interpretative analysis of the data according to Gil (2002; 2008), Bogdan and Biklen (1994) and Guerra (2006). Therefore, the use of teaching memories by teachers on the two IFSul *campi* contributes to the discussion of ethnic issues in the classroom. As an educational product, a documentary was produced during the research that recalls the practices elaborated by black educators.

**Keywords:** Memoirs. Teaching. Formation. Teachers. Black.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas à pergunta 1 do Questionário.....	54
Gráfico 2 – Respostas à pergunta 2 do Questionário.....	55
Gráfico 3 – Respostas à pergunta 3 do Questionário.....	55
Gráfico 4 – Respostas à pergunta 4 do Questionário.....	56
Gráfico 5 – Respostas à pergunta 5 do Questionário.....	57
Gráfico 6 – Respostas à pergunta 6 do Questionário.....	58
Gráfico 7 – Respostas à pergunta 7 do Questionário.....	58
Gráfico 8 – Respostas à pergunta 8 do Questionário.....	63
Gráfico 9 – Respostas à pergunta 9 do Questionário.....	64
Gráfico 10 – Respostas à pergunta 10 do Questionário.....	65
Gráfico 11 – Respostas à pergunta 11 do Questionário.....	68
Gráfico 12 – Respostas à pergunta 12 do Questionário.....	71
Gráfico 13 – Respostas à pergunta 13 do Questionário.....	75
Gráfico 14 – Respostas à pergunta 14 do Questionário.....	75

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CaVG – Pelotas-Visconde da Graça

CEFET-RS – Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas

CEFETs – Centros Federais de Educação Tecnológicas

COVID-19 – Coronavírus *Disease* 2019

ETFPEL – Escola Técnica Federal de Pelotas

IFs – Institutos Federais no Brasil

IFSul – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

IPF – Instituto Paulo Freire

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros Indígenas

RS – Estado do Rio Grande do Sul

SUNO – *Southern University of New Orleans*

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS RELAÇÕES ÉTNICAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1 Práticas Pedagógicas e Relações Étnicas: Aproximações</b> .....	<b>18</b>
<b>2.2 As memórias dos(as) professores(as) negros(as) já contadas</b> .....	<b>24</b>
<b>3 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO(A) NEGRO(A): ASPECTOS TEÓRICOS E SOCIAIS</b> .....	<b>28</b>
<b>3.1 As questões raciais e aspectos teóricos</b> .....	<b>28</b>
<b>3.2 As discussões acerca da igualdade racial</b> .....	<b>31</b>
<b>3.3 O cenário regional</b> .....	<b>34</b>
<b>3.4 O amparo legal por meio da Lei n. 10.639/2003</b> .....	<b>37</b>
<b>4 O CENÁRIO DE PESQUISA, O PERCURSO METODOLÓGICO E O PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>43</b>
<b>4.1 A construção do <i>corpus</i> da pesquisa: o <i>Campus Pelotas</i> e o <i>Campus Pelotas-Visconde da Graça</i> do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)</b> .....	<b>43</b>
<b>4.2 Metodologia da Pesquisa</b> .....	<b>45</b>
<b>4.3 O Produto Educacional</b> .....	<b>49</b>
<b>5 O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA: ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS PESQUISADOS</b> .....	<b>52</b>
<b>5.1 Os(as) professores(as) entrevistados(as)</b> .....	<b>54</b>
<b>5.2 Formação docente e professores(as) negros(as) a partir das memórias</b> .....	<b>59</b>
<b>5.3 Preconceito racial e professores(as) negros(as)</b> .....	<b>65</b>
<b>5.4 As memórias docentes como referência a partir da contribuição da cultura negra</b> .....	<b>72</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>80</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>84</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO</b> .....	<b>85</b>

<b>APÊNDICE B – PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS (SEMI-ESTRUTURADA).....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA A .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA B .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE E – ENTREVISTA C .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE F – ENTREVISTA D .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE G – ENTREVISTA E .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE H – ENTREVISTA F .....</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDICE I – ENTREVISTA G .....</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE J – ENTREVISTA H.....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE K – ENTREVISTA I.....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE L – ENTREVISTA J .....</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE M – PERGUNTAS DOS QUESTIONÁRIOS.....</b>	<b>187</b>
<b>APÊNDICE N – QUESTIONÁRIO A (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA A)</b> <b>.....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE O – QUESTIONÁRIO B (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA B)</b> <b>.....</b>	<b>199</b>
<b>APÊNDICE P – QUESTIONÁRIO C (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO C)</b> <b>.....</b>	<b>207</b>
<b>APÊNDICE Q – QUESTIONÁRIO D (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO D)</b> <b>.....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICE R – QUESTIONÁRIO E (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA E)</b> <b>.....</b>	<b>223</b>
<b>APÊNDICE S – QUESTIONÁRIO F (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO F)</b> <b>.....</b>	<b>231</b>
<b>APÊNDICE T – QUESTIONÁRIO G (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO G)</b> <b>.....</b>	<b>239</b>
<b>APÊNDICE U – QUESTIONÁRIO H (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA H)</b> <b>.....</b>	<b>247</b>
<b>APÊNDICE V – QUESTIONÁRIO I (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO I)....</b>	<b>255</b>
<b>APÊNDICE W – QUESTIONÁRIO J (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA J)</b> <b>.....</b>	<b>263</b>
<b>APÊNDICE Y – MOSAICO SOBRE A VALIDAÇÃO DO PRODUTO</b> <b>EDUCACIONAL A PARTIR DE COMENTÁRIOS DOS(AS)</b>	

**PROFESSORES(AS) NEGROS(AS) DOS CAMPI PELOTAS E PELOTAS-  
VISCONDE DA GRAÇA, DO IFSUL.....271**

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação enfatiza a problemática das memórias docentes dos(as) professores(as) negros(as) dos *campi* Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça (CaVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). No que diz respeito aos processos de regência nesses espaços educacionais, para além da finalidade de ensinar, as questões de representatividade dos(as) professores(as) negros(as) em sala de aula contribuem positivamente no trabalho de educadores(as) e na formação dos(as) professores(as), seja inicial ou continuada.

Cada vez mais presente no cotidiano da sociedade, a busca por espaços mais equilibrados nas questões de raça, de etnia ou de gênero faz com que o(a) educador(a) tenha a tarefa de tratar de conteúdos relacionados ao tema. Nesse contexto, há obrigatoriedade – ao menos em tese – do estudo da história e da cultura afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio, mediante a publicação da Lei n. 10.639/2003 (BRASIL, 2003), com os acréscimos da Lei n. 11.645/2008 (BRASIL, 2008). Assim, a temática delimita-se em investigar como as memórias dos(as) professores(as) negros(as) contribuem para o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas no IFSul, *campi* Pelotas e CaVG.

Neste cenário, os(as) docentes desenvolvem a relação de ensino e de aprendizagem ao utilizar mecanismos de memórias. Assim, o problema de pesquisa remete ao seguinte questionamento: Que memórias refletem o processo de formação pedagógica dos(as) docentes negros(as) do IFSul?

Logo, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como as memórias dos(as) docentes negros(as) contribuem para a prática pedagógica dos(as) educadores(as). Deste modo, os objetivos específicos buscam: (i) investigar os(as) professores(as) negros(as) a partir das suas memórias de formação; (ii) analisar o preconceito racial com relação aos(as) professores(as) negros(as); (iii) analisar as memórias docentes como referência a partir da contribuição da cultura negra; (iv) elaborar um documentário com relatos dos(as) professores(as) negros(as) sobre suas memórias pedagógicas; (v) debater com os(as) discentes as questões étnicas, por meio das memórias docentes desses profissionais do Instituto.

Para responder ao problema apresentado, a hipótese desta pesquisa afirma que as memórias pedagógicas desenvolvidas por esses(as) profissionais contribuem para potencializar o processo de ensino dos sujeitos e seu contexto social. Com o

auxílio do documentário, como produto educacional, demonstrar-se-á como se dá a construção dessas experiências professorais, aliadas à trajetória de vida como professor(a) negro(a).

Neste sentido, com os pressupostos das memórias docentes, os(as) professores negros(as) passam a desenvolver a cultura negra dentro de sala de aula. Permite-se, pois, por meio das memórias docentes, aprimorar conteúdos programáticos, por exemplo, nas disciplinas de história, geografia, artes, literatura, sociologia, filosofia, ensino religioso etc.

A motivação para realizar a pesquisa nessa temática se dá em virtude de o autor ser um homem negro e já ter estudado assuntos correlacionados desde a primeira graduação em Direito, bem como ter participado de projetos de extensão e de pesquisa voltado às questões étnicas, jurídicas, comunicacionais e sociológicas. O autor também é bacharel em Jornalismo e licenciado em Sociologia, aprofundando, pois, como professor negro, o interesse pela problemática.

Justifica-se, socialmente a pesquisa em função das dificuldades enfrentadas pelos professores(as) na educação, especialmente os(as) negros(as), por exemplo, em decorrência dos inúmeros casos de preconceito e de racismo, além de outras dificuldades nos processos formativos. Cientificamente, a discussão do tema mostra relevância a partir da necessidade de mais estudos e pesquisas para debater as questões étnicas, as memórias e as práticas pedagógicas, com o intuito de apontar contribuições para a superação desses desafios.

No percurso metodológico, como estratégia de ação, selecionou-se uma amostra não estatística e o conteúdo da pesquisa de campo, com base em uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e questionários (BAUER; GASKELL, 2003), a fim de buscar informações e dados da influência na formação docente dos(as) professores(as) negros(as) dos *campi* Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça do IFSul (GIL, 2008). Em adição, elaborou-se um produto educacional, que consiste em um documentário para auxiliar os(as) professores(as) a debater com os(as) discentes as questões étnicas, por meio das memórias docentes desses profissionais do Instituto.

Apresenta-se como referencial teórico o pesquisador Donald Pierson<sup>1</sup> (1945), que aborda as matérias étnicas e traz, além da questão da cor, a perspectiva das

---

<sup>1</sup> Adverte-se que esta discussão acerca das ideias de Pierson (1945) foram trazidas à baila meramente para ilustração do contraponto com relação ao pensamento de Munanga (2004) e Gomes (2012).

classes sociais. Em contraponto a este pensamento, o contemporâneo Kabengele Munanga (2004) trata do enfoque nas relações raciais entendendo a cor da pele como objeto principal de seus estudos.

Do mesmo modo, Nilma Lino Gomes (2012) caracteriza as noções de preconceito, preconceito racial e discriminação, respaldando as concepções raciais, indo ao encontro da abordagem de Munanga (2004). Assim, Nilma (2012) relaciona as questões étnicas a uma visão pedagógica dos processos de formação de negritude na sociedade brasileira.

Sobre as práticas pedagógicas, apresenta-se Francisco Imbernón (2016), que analisa a formação do professorado juntamente ao ensino, pensando na perspectiva da qualidade educacional. Neste sentido, Georges Gusdorf (1967) aborda as questões do ensino e dos saberes, demonstrando o impacto causado pelos(as) educadores(as) nos sujeitos dos processos educacionais.

Em adição, Paulo Freire (2001) mostra as práticas pedagógicas de maneira a evidenciar a educação por um viés de autonomia dos educandos, de um modo progressivo e com foco na criticidade a partir do diálogo e reflexão. Já Maurice Tardif (2014), estuda os saberes docentes dos(as) professores(as) e o mister de saber utilizar as competências e habilidades no cotidiano dos(as) educadores(as).

Na organização desta dissertação, debate-se no primeiro ponto, após a introdução, as práticas pedagógicas e relações étnicas em uma aproximação teórica a partir das memórias. Neste aspecto, verificam-se as contribuições positivas aos(as) educadores(as) no ambiente de ensino.

Propõe-se, na seção 3, no que se refere à contextualização do(a) negro(a), os aspectos teóricos e sociais para uma reflexão sobre o porquê do preconceito racial no Brasil e as consequências atreladas a ele. Assim, a partir desse viés, discute-se como ocorre a formação dos(as) professores(as) negros(as), inclusive no âmbito da legislação educacional e conteúdos étnicos, com fundamento na Lei n.10.639/2003 (BRASIL, 2003).

Já no ponto subsequente, examinam-se os procedimentos realizados nesta pesquisa. Trata-se da apresentação do cenário de pesquisa, do percurso metodológico em uma abordagem qualitativa e do produto educacional, o qual consistiu em um documentário audiovisual.

Na seção posterior, apresenta-se a análise dos dados pesquisados, descobertos por meio de entrevistas e de questionários na pesquisa de campo, a qual

forneceu subsídios para elaboração do documentário como produto educacional. Por conseguinte, sucedem-se as com considerações finais.

Portanto, esta dissertação busca investigar as práticas pedagógicas a partir das memórias professorais que envolvem os(as) educadores(as) negros(as) dos *campi* Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Seguem-se, pois, as seções que tratam dos aspectos teóricos e práticos da pesquisa.

## **2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS RELAÇÕES ÉTNICAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

Nesta seção, são desenvolvidas as primeiras aproximações entre os conceitos teóricos sobre as práticas pedagógicas e as relações étnicas que fundamentam essa investigação. Discutem-se, pois, aspectos ligados aos(às) educadores(as) e às memórias já contadas.

### **2.1 Práticas Pedagógicas e Relações Étnicas: Aproximações**

No que diz respeito à formação docente, o professor, pesquisador e pedagogo Paulo Freire, nascido em 1921, em Recife, capital do Estado de Pernambuco, desenvolveu estudos voltados à construção dos saberes na educação, na perspectiva de subsistência das classes mais empobrecidas (IPF, 2012).

Logo, salienta-se o entendimento do pernambucano: “como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, pré-disposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha vida docente deve necessariamente repetir-se” (FREIRE, 1996, p. 50). Percebe-se, pois, a reflexão dialógica e plural à medida que o educador discute as problemáticas que afligem a sociedade.

Ademais, aponta que a educação não está desagregada da concreta realidade dos educandos (FREIRE, 2001). Quanto à situação factual discente, há estudantes que enfrentam situações de preconceito e de racismo em sala de aula ou na comunidade da qual fazem parte. Desse modo, a representatividade dos(as) seus educadores(as) ganha relevo para que a afirmação freiriana aproxime-se dessas realidades.

Igualmente, o filósofo francês George Gusdorf (1967) analisa a conjuntura dos(as) docentes, trazendo à discussão elementos importantes do ensino, do saber e do reconhecimento dos(as) mestres. Sobre a função professoral, no sentido do papel que tem o(a) educador(a) em sala de aula e fora dela, já na década de 1960 mencionava ideias de futuras substituições das pessoas nessa função. Contudo, ressaltava que os(as) educadores(as) não devem ser substituídos por recursos tecnológicos, por exemplo, mas agregarem os novos instrumentos disponíveis (GUSDORF, 1967, p. 47-48). Ainda:

A pedagogia não se exerce apenas na aula, pelo ministério do professor, mas deveria exercer-se em toda a parte, de tal forma que as crianças a respirassem no próprio ambiente da sua vida: devia introduzir-se nelas pela persuasão de todos os sentidos conjugados (GUSDORF, 1967, p. 29).

Neste sentido, demonstra-se a importância do(a) professor(a) como o(a) profissional em sala de aula e o impacto que ele causará nos sujeitos dos processos educacionais, em especial nos(as) discentes. Há contribuições até mesmo quando não estiver no ministério de suas atribuições, por exemplo, no diálogo do(a) estudante com a sua família sobre os conteúdos discutidos na escola (GUSDORF, 1967, p. 97).

Na busca de uma consciência coletiva, que seja comum a todos, entende-se o ato de ensinar como a procura contínua pelo conhecimento, saber repensar e, principalmente, pesquisar. Nas palavras de Freire (1996, p. 29) “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Para tanto, destaca-se aí a importância do aperfeiçoamento constante do(a) educador(a). No caso em tela, a educação racial remete às práticas docentes, ao dia a dia docente e à confrontação com a situação concreta. Ainda sobre essa condição, Freire (1996, p. 29) aduz:

Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente.

Assim, o(a) educador(a), em sua formação docente, equivoca-se ao desprezar as diferentes “expressões culturais”. Neste sentido, ir além de uma consciência crítica é respeitar as diversas culturas, não atendo-se apenas a uma perspectiva eurocêntrica, mas, sim agregando a sua disciplina o diálogo positivo acerca da relevância das pessoas negras e indígenas no desenvolvimento do país.

Como contemplação professoral e referência formativa, Francisco Imbernón (2016), dialoga com esses processos: "os docentes devem se assumir como protagonistas, com a consciência de que todos são sujeitos quando se diferenciam, trabalham juntos e desenvolvem uma identidade profissional" (IMBERNÓN, 2016). Mesmo diante da ideia de protagonismo, o interesse maior é a busca pela identidade profissional, em um sentido mais coletivo.

Ao se debater uma escola de qualidade e de inclusão, como relata Imbernón (2016), no ensino e na formação dos(as) professores(as) lembram-se os riscos

que o(a) educador(a) corre ao ensinar, como com relação à própria aceitação ao novo ou às diferentes formas de discriminação:

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujaram a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 1996, p. 36).

Notadamente, nas palavras acima, “branquitude” remete à construção histórica brasileira, em que há imagens preconceituosas e racistas. Menciona-se o papel fundamental exercido pelo(a) professor(a) na desconstrução dessas práticas, sejam elas em classe, em raça ou em gênero.

Neste sentido, reflete-se sobre a prática docente de modo crítico, em um movimento retórico e eficiente, pautado na ação não apenas realizada por si só. Assim, o cenário de desvelamento na formação professoral mostra-se complexo (FREIRE, 1996, p. 39).

Para Imbernón (2016, p. 37), sobre as formas de ensinar e os diferentes tipos de professores(as) na sua trajetória educacional, afirma que o mister do trabalho docente é percebido como “tradicional, revolucionário, religioso, revolucionário, conservador entre outros [...]”. Na conjuntura contemporânea, a forma de ensinar foi impactada. Contudo, a falta da percepção dessas transformações implica em educação conservadora, sem a pluralidade e o diálogo com todos.

As mudanças nas atribuições dos(as) professores(as) passaram por transformações consideráveis acerca do lecionar. A troca de saberes também contribui para o ensino, no próprio sentido da palavra em tomar para si conhecimento desenvolvido em sala de aula com os(as) estudantes (IMBERNÓN, 2016).

Assim, o incentivo dos(as) professores(as) auxilia os(as) estudantes a desenvolverem suas aptidões, pois a escola e o exercício da profissão são cruciais para o desenvolvimento (IMBERNÓN, 2016, p. 41). Logo, observa-se que a falta de

representatividade entre os(as) educadores(as) negros(as) torna-se um limitador nas memórias docentes que são apresentadas aos(as) discentes.

Por consequência, com apoio nas ideias de Imbernón (2016), os(as) professores(as) negros(as) sofrem ao resgatar as imagens pedagógicas em seu período de formação, tornando-se um ciclo de negação da identidade cultural. Por força de lei ou em datas específicas, desenvolvem-se atividades voltadas à cultura negra nas instituições, entretanto, esse diálogo só acontece à medida que educadores(as) se dedicam a buscar novas práticas docentes.

Além das preocupações de sala de aula, os(as) professores(as) constituem-se também como agentes sociais, dentro de um campo multicultural. Pontua-se que:

Multiculturalismo é reconhecer a existência de uma sociedade plural e diferenciada e a necessidade de agir da maneira respeitosa, mas também é a promoção das diferentes culturas e uma relação de convivência plena entre os diversos grupos culturais. Não é diluir as culturas diversificadas, e sim respeitá-las e compartilhá-las (IMBERNÓN, 2016, p. 69).

Nota-se que a diversidade cultural e étnica, muitas vezes, é vista de modo a consistir em uma ameaça para a identidade da nação, sendo tratada como um princípio ideológico. Contudo, trata-se de fator de enriquecimento e abertura de novas e de diversas possibilidades para o diálogo nas relações entre educadores(as) e educandos(as).

Logo, identifica-se que a constante formação no professorado possibilita a flexibilização e adaptação na perspectiva da construção dos saberes (IMBERNÓN, 2016, p. 99-100). Assim, passa-se a abordar as práticas pedagógicas, voltadas às discussões professorais nas questões étnicas.

Por sua vez, Maurice Tardif (2014) dá suporte à discussão sobre as práticas pedagógicas na formação docente. O saber docente ao qual se refere denota-se em uma construção como profissional atuante em suas práticas, pois, mesmo antes da formação acadêmica, as imagens pedagógicas já estão na constituição desse(a) educador(a), à medida que nossas memórias se mostram na edificação no mister educacional (TARDIF, 2014).

Também, o compartilhamento desses saberes demonstra o caráter social dessa educação, em face da realidade que estudantes e professores(as) enfrentam, pois as trocas de saberes não são individualizadas. Ademais, a complexidade está

direcionada entre os agentes da organização, tais como docentes, estudantes, pais, entre outros (TARDIF, 2014).

Sobre a profissionalização docente, percebe-se que:

A definição de profissionalização do ensino tem sido muitas vezes tratada como profissionalismo, profissionalização, ofício, se apresentando também vinculada à questão da (in) competência para ensinar com eficácia. As controversas e polêmicas por que tem passado a dimensão profissional da docência evidencia a dificuldade de enfrentar a profissionalização do ensino e a indefinição da carreira docente (CÁRIA; OLIVEIRA, 2016, p. 434).

Analisar a educação é dialogar com o trabalho docente à medida que o ministério de lecionar em sala de aula perpassa diferentes saberes. Percebe-se que, para transmitir os conteúdos, o(a) professor(a) aprofunda-se nos conhecimentos aprendidos. Para ser um(a) agente transformador ressignifica-se todos os dias, pois, a educação contemporânea é exigente, mas também deficitária quanto à equidade e à igualdade.

Tratar de questões de educação indica abordar diversidade, tanto étnica, quanto de gênero, deficiências e todas as limitações enfrentadas no espaço de trabalho, inclusive sob o ponto de vista racial, como apresentado nesta dissertação. Logo, há uma reverberação nesta formação.

Para Hentges (2016, p. 89), a preocupação da academia deveria ir muito mais além do que é problematizado na formação dos(as) professores(as). Os professore(as) não são apenas meros(as) reprodutores(as) de conteúdos, razão pela qual preparar um(a) profissional para ensinar remete a algo mais amplo, como o desenvolvimento humanístico do(a) educador(a). Para tanto, o exercício do professorado em uma sociedade em que a valorização desses(as) educadores(as) está depreciada – por diversos motivos – traz à tona o interesse por determinados temas. Assim, mostrando-se que os contextos políticos, econômicos e sociais influenciam diretamente nos processos educacionais:

Vivemos num tempo de neoprodutivismo, no qual o indivíduo é levado a exercer sua capacidade de escolha, visando adquirir os meios que lhe permitam ser competitivo no mercado de trabalho. E o que ele pode esperar das oportunidades escolares é apenas a conquista do status de empregabilidade. A educação passa a ser entendida como um investimento em capital humano individual (HENTGES; MORAIS, 2019, p. 3).

Nesta perspectiva, a indissociabilidade entre o que é real e aquilo cobrado em classe contribui para que os(as) educadores(as) não se distanciem destas questões. Notadamente, olhar o(a) docente apenas como um número, sem perceber a contribuição de suas memórias, acarreta a exposição ao risco de torná-los(las) professores(as) extremamente tecnicistas.

Neste sentido, observa-se a importância de entender os contextos em que se vive e as realidades sociais as quais demonstram as diferentes variações em sala de aula. Logo, depara-se com diferentes níveis e conhecimentos linguísticos, sociais e culturais advindo de estudantes. Entretanto, ao mencionar-se as diferentes ceulemas, notam-se as lembranças que carregam os(as) educandos(as) e os(as) educadores(as).

Ademais, ao pensar no que impulsiona o trabalho do docente, aponta-se para as emoções, às ações e à cognição envoltas no exercício da regência. Com menção à indivisibilidade das ações voltadas ao professorado, sobre métodos próprios na formação educacional e os saberes:

Os saberes profissionais também são temporais, no sentido de que os primeiros anos da prática profissional são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional. Ainda hoje, a maioria dos professores aprendem a trabalhar na prática, às apalpadelas, por tentativa e erro (TARDIF, 2014, p. 261).

Tardif (2014, p. 261), aponta que os saberes profissionais se fazem no dia a dia, na prática. Isso coloca a questão de que a formação de um professor(a) acontece na tessitura do cotidiano, perpassando pelas marcas que cada um(a) carrega, rememoradas no fazer. Neste sentido, as diferentes maneiras de ensinar passam pela rememoração das memórias de cada um(a) conforme são apresentadas e replicadas a partir da vida pessoal (GUSDORF, 1967, p. 99).

Conforme tal perspectiva, fala-se na formação dos saberes docente como concepção intimamente ligada a questões pessoais e afetivas. Nessa construção como educador(a), abarcam-se diversos elementos como situações referentes ao desenvolvimento do trabalho em sala (LÜDKE; BOING, 2004, p. 3).

Tardif (2014, p. 12), trata do saber social dos(a) professores(a) no que se refere ao conhecimento partilhado entre todos, independentemente dos níveis de ensino. Tais práticas, pois, desenvolvidas por apenas um educador(a) surtiriam efeitos

somente quando apresentadas e dialogadas no grupo educacional, o que ocorreria, por exemplo, no compartilhamento das lembranças pedagógicas de educadores(as) negros(as).

Nesse sentido, para ilustrar a rememoração dessas imagens, pontua-se a socialização profissional, em que se mostram os momentos da trajetória profissional, de acordo com o que apresenta Tardif (2014, p. 14): “[...] incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira, ao longo de uma história profissional onde o professor aprende a ensinar [...]”. Assim, as memórias desses(as) docentes em seu percurso carregam diferentes concepções em sua consciência prática de educar. Desta forma, Maria Lucia da Silva (2016, p. 156) afirma que:

Muitos professores e alunos não lembram que a cultura africana é milenar e que consagrou a transmissão de conhecimento pelo diálogo, com a troca de saberes e não subjugando o outro, mas compartilhando. A oralidade desenvolvida por esses povos não foi por falta de conhecimento e a cosmovisão africana apresenta todos os elementos que comprovam suas estratégias e intenções.

Portanto, ensinar também é resgatar memórias, principalmente, quando se trata de uma reparação histórica de uma parte da nação. Entretanto, há obstáculos na reapresentação da história e da cultura africana no cenário brasileiro à medida que parte da população não reconhece essas bases. Nesse ínterim, o amplo debate é necessário para que haja o reconhecimento das africanidades.

Assim, conforme serão apresentados nos próximos pontos, a partir de expressões semelhantes nas entrevistas junto aos(as) professores(as) negros(as) realizadas para essa pesquisa, conectam-se ideias dos(as) docentes que fazem parte da mesma instituição de ensino. Na sequência, rememoram-se memórias já contadas que se conectam à temática desta pesquisa.

## **2.2 As memórias dos(as) professores(as) negros(as) já contadas**

Neste ponto, apresentam-se as memórias de professores(as) negros(as) já publicadas em outras pesquisas. São lembranças que se constituem no cotidiano do exercício da profissão em ambientes educacionais, como escolas e universidades. Primeiramente, percebe-se a relevância das memórias junto aos(as) professores(as)

em suas trajetórias docentes. Logo, a edificação dos saberes apresenta-se por meio dos professores (CASTRO, 2005, p. 3).

Logo, demonstra-se a experiência prática do professor negro Hassimi Maiga, do Mali, país da África Ocidental. Ao revelar como foi lecionar “Francês e Cultura Songhay” na *Southern University of New Orleans* (SUNO), na Lousiana, nos Estados Unidos, o docente mostra atributos de uma cultura genuinamente africana (MAIGA, 2011, p. 55).

Neste sentido, o diálogo pedagógico tende a se dar por meio da construção da herança das origens por meio da linguagem e da cultura. Também, em suas memórias de docência, o professor relata as diferenciações culturais sobre pequenas palavras, como “nós” e “eu”, pois a utilização delas em uma determinada região da Europa apresenta significado distinto de outras localidades africanas. Assim, alude-se que “nós” apresenta a ideia de inclusão e tende a ser acolhedora, enquanto “eu”, no sentido dos povos africanos denota arrogância (MAIGA, 2011, p. 56).

Destarte, pensa-se em questões inerentes aos(às) professores(as) negros(as) brasileiros(as), quando eles não se incluem no processo identitário ao lecionar, não manifestando posições religiosas, políticas, entre outras. Nessa conversa, muitas vezes, a falta da representação em sua formação inicial faz com que esse educador continue reproduzindo o “não reconhecimento dos saberes étnico-raciais”, mesmo que de forma não ostensiva.

Maiga (2011, p. 57), apresentou o método “Nossa Herança Africana” nas aulas que ministrou. Desenvolveu um modelo de explicações a partir de interconexões e análises relacionadas aos continentes Africanos, Europeu e Americano, por meio da compreensão e do reconhecimento cultural étnico. Deste modo, uma das alunas afirmou que os legados da língua e da cultura africana ajudam a construir uma nação, sendo a união de uma perspectiva e dessas heranças são capazes de ressignificar o processo de aceitação de um povo (MAIGA, 2011, p. 59-60).

Em adição, Joyce King (2011, p. 62) define a memória como uma atividade pessoal, na percepção de recuperação dos pensamentos. Entretanto, ela aborda a questão da memória cultural como algo produzido pelo todo – pela sociedade – sendo recuperável e tratando de pontos convergentes. Para ela, esta convergência liga-se ao pensamento, à percepção e às estruturas de crença (KING, 2011, p. 66).

Envolver significativamente pessoas da comunidade na educação de alunos de pós-graduação permite que a próxima geração de intelectuais e pesquisadores acadêmicos pratiquem um “pensamento orientado para a comunidade”, um aprendizado mediado pela comunidade, e um processo de construção do conhecimento centrado culturalmente. Recuperar a memória negra cultural Negra dessa forma foi transformador, desafiador e capacitador. Os alunos foram capazes de reconhecer “a capacidade de pensar corretamente” presente na epistemologia e no pensamento Africano [...] (KING, 2011, p. 71).

Notadamente, os(as) professores(as) negros(as), ao buscarem a resistência, sentem-se amparados pelas produções científicas sob a orientação de um pensamento da negritude. Logo, o conhecimento cultural, pensado a partir de uma determinada comunidade, torna-se transformador nos processos educativos formais.

Além disso, nessa mesma conexão, em outro caso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), outra memória é o relato com o codinome “professora prosperidade”, que percebe a utilização de um espaço de raiz negra, desde o começo de sua edificação, pautado em resistência e em cooperação. Nessa experiência, menciona-se “isso, mesmo olhando para UNILAB e vendo a África aqui dentro” (SILVA, 2016, p. 149).

Sônia Stella Araújo-Oliveira (2011, p. 107-112), dialoga sobre as ideias, relatando sua experiência de infância junto a uma colega afro-uruguaia. Esta menina negra enfrentou duro processo de exclusão em sala de aula por meio do silenciamento de colegas e da regente das disciplinas do educandário, percebidos na falta de conversas sobre dificuldades econômicas, gênero, classe e sua identidade como negra.

Com o passar do tempo, Sônia (2011, p. 107-112) torna-se mestra e é designada para trabalhar em uma escola na periferia de uma cidade no Uruguai, em que ocorre o confronto pessoal com as questões raciais. A partir desse momento, ela detém a possibilidade de repensar e refletir sobre um novo fazer, um novo saber, relacionado às questões étnicas afro-uruguaias e a estratégias para valorizar meninos e meninas negras por meio de uma escola transformadora de igualdades em oportunidades.

Portanto, nesta seção, percebe-se que as perspectivas relativas às práticas pedagógicas abordadas em uma aproximação teórica acerca dessas questões e da interligação delas às memórias negras. Diante dessas narrativas apresentadas, nota-se o papel das imagens para reflexão raciais no Brasil, pinçando memórias de

professores(as) negros(as) e não negros(as), mas também relacionados à temática étnica.

### **3 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO(A) NEGRO(A): ASPECTOS TEÓRICOS E SOCIAIS**

Nesta seção, trata-se das questões étnicas relativas à população afro-brasileiro e reflexões acerca da legislação que ampara o desenvolvimento de ações em sala de aula, com relação à temática relacionada. Primeiramente, discutem-se os fundamentos teóricos a partir da perspectiva de Donald Pierson (1945), Kabengele Munanga (2004) e Nilma Lino Gomes (2012). Na sequência, abordam-se discussões sobre cenário regional. Após, o debate enfatiza a questão do amparo étnico por meio da Lei n. 10.639/2003.

#### **3.1 As questões raciais e aspectos teóricos**

No que se refere aos(as) negros(as) na sociedade brasileira, mencionam-se Pierson (1945), Munanga (2004) e Gomes (2012), que tratam de diferentes formas as questões da identidade negra. O primeiro realizou estudos sobre a origem do preconceito na metade inicial do século XX, enquanto o segundo analisou o tema na metade final do século anterior e o terceiro remete a pesquisas realizadas nas últimas décadas.

Começa-se por um critério cronológico, pelo norte-americano Donald Pierson (1945), o qual argumenta que a sociedade brasileira, em seu modo de organização, transcende as formas de preconceito de raça. Entende, pois, que a nomenclatura de identificação se dá através da cor, em abordagem diferente dos outros dois autores mencionados no parágrafo anterior, tratados a seguir.

Donald Pierson (1945), foi um importante pesquisador da temática do negro na sociedade brasileira nas décadas de 1930 e 1940. Iniciou estudos na Escola Sociológica de Chicago, influenciado pelo seu orientador Robert Park, o qual havia vindo ao Brasil e despertou a curiosidade sobre o aludido convívio sem preconceitos entre as raças no local. Assim, o então orientando também vem ao país para pesquisar as relações raciais. Entende-se, contudo, que não havia a democracia racial, diferentemente da ideia transmitida a outros países (GOMES, 2012, p. 56-57).

A pesquisa de Pierson (1945) concentra-se no estado da Bahia, especificamente na cidade de Salvador, durante vinte e dois meses, analisando o tema da negritude brasileira. Seus estudos originaram o livro “ Pretos e Brancos na Bahia”, obra cuja qual é um dos marcos no assunto.

Naquele período de vinte dois meses, residindo na cidade de Salvador/BA, o pesquisador tenta entender o porquê dos problemas do preconceito de raça brasileira e, se, hipoteticamente, o Brasil, naquele período, vivia uma fase de convivência harmônica. Por outro lado, essas discussões nos Estados Unidos eram discutidas durante anos, como um “problema racial” (PIERSON, 1945, p. 39). Para ele, essa questão está intimamente ligada à economia de uma população de origem não europeia a qual acaba por estar desigual nas suas formas de sobrevivência, sem ascensão social para competir igualmente.

Em consonância com o pensamento mencionado, alude-se às questões do acesso das pessoas negras nas universidades, no que se refere à inserção, à permanência e à colação de grau no ensino superior. Também, discute-se a representatividade como professores(as) no meio acadêmico e, quando lecionam, quais são as principais dificuldades que enfrentam em sala de aula. Será que, para além do problema de cor, a nomenclatura utilizada pelo pesquisador no que se refere à abordagem de classes sociais não está imbuída nas características brasileiras?

Observa-se que Pierson (1945) tratava a questão negra através de outros aspectos, concluindo que um dos grandes problemas brasileiros, além da cor, refere-se às classes sociais. Assim, se fosse “solucionado” este ponto, haveria maior aceitação das pessoas discriminadas nas relações estabelecidas na sociedade: “Existe preconceito no Brasil, mas é preconceito antes de classe que de raça, apesar de estar, até certo ponto, ligado a cor. É a espécie de preconceito que se pode encontrar dentro do próprio grupo negro nos Estados Unidos” (PIERSON, 1945, p. 41). Sobre este ponto:

[...] o problema duma minoria racial ou cultural que procura, numa comunidade onde em certo sentido e até certo ponto é considerada estranha, alcançar um “status” que seja ao mesmo tempo seguro e não marcado pelo estigma de uma inferioridade de qualquer espécie (PIERSON, 1945, p. 41).

Notadamente, no entendimento acima, percebe-se que, para ele, o principal problema das discussões de raça está centrado na perspectiva das ascensões de classes sociais. No mesmo sentido, o autor norte-americano utiliza palavras como estigma e inferioridade presentes nas marcas trazidas pela população negra ao longo da história. Observa-se que a visão de Pierson (1945) sobre as concepções raciais no

país aponta que, antes de qualquer tipo de preconceito, a raiz da sociedade racista está ligada às classes sociais.

Por sua vez, Kabengele Munanga (2004) argumenta suas considerações em outra direção. Antropólogo por formação, nascido no Congo em 1942, recebeu uma bolsa em 1972 para estudar e realizar doutorado no Brasil, onde em 1978, diante dos inúmeros problemas de seu país de origem, decide permanecer. Ele percebe que, ao pesquisar as inquietações étnicas, as pessoas negras detêm problemas relativos ao ascendimento social, contudo, não com suporte na direção econômica, como defende Pierson (1945). Diante disso, para o autor africano a cor da pele é o fator determinante para dificuldades enfrentadas nas relações raciais.

As alusões ao “mito de democracia racial” (no sentido de uma população aparentemente miscigenada, em que não há brancos e nem pretos, mas sim um povo brasileiro mestiço) ofuscam a percepção dos conteúdos mais intrínsecos dessas questões. Notadamente, a população negra é desfavorecida no mundo do trabalho, na saúde e, principalmente, na educação, demonstrando que a expressão acima não reflete a realidade (GOMES, 2012, p. 56). Além disso:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico (MUNANGA, 2004, p. 52).

Em uma vertente contemporânea, observam-se as questões de identidade negra sobre o ponto de vista do preconceito racial como a principal manifestação dos problemas sociais introjetados em uma camada da população. Isto demonstra, pois, que a discriminação está ligada às questões raciais. Ademais, a pedagoga e pesquisadora Nilma Lino Gomes (2012), reflete sobre as concepções de raça, etnia, preconceito racial e discriminação racial na sociedade. Nas palavras dela:

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social (GOMES, 2012, p. 42).

A pesquisadora (2012, p. 45) define raça como um termo advindo da época da escravidão, sendo algo construído sobre ser branco e negro no Brasil. Ainda acerca das concepções que advém do questionamento a respeito de raça, entende-se que esta palavra demonstra o sentido de discriminação em desfavor dos negros(as). O contexto utilizado para esse termo está calcado no sentido de raças superiores e inferiores.

Etnia, por sua vez, representa o sentido de entender-se em algo que remete à ancestralidade e à condição étnico-racial e de outras manifestações sociais (GOMES, 2012, p. 50). Já o preconceito racial caracteriza-se como uma concepção não positiva de determinadas pessoas e grupos. Outro conceito fundamental e distinto é a discriminação racial, que é a efetivação do preconceito, configurando-se também uma prática racista (GOMES, 2012, p. 54-55).

Neste sentido, ainda que apresentem divergências, os entendimentos expostos acima convergem no que diz respeito à tonalidade da pele ser um dos principais problemas nas estruturas dos preconceitos de origem racial. Em adição, Pierson (1945) acrescenta como outro vetor o elemento envolvendo a classe social.

Portanto, as questões negras na sociedade como visto, estão presentes em diversos contextos, seja no mundo do trabalho, na seara econômica, no ambiente político, no acesso à saúde e no campo da educação. Essa, por sua vez, apresenta o potencial de impactar positivamente outras áreas, denotando-se sua relevância no debate, principalmente no que é atinente à formação humana, acadêmica e profissional. Assim, na continuidade, debatem-se as questões inerentes às discussões de igualdade.

### **3.2 As discussões acerca da igualdade racial**

Neste ponto, focam-se as discussões acerca da formação de igualdade racial. Primeiramente, tratam-se das relações de preconceito e o racismo na conjuntura brasileira. Em um segundo item, abordam-se aspectos relacionados à educação, ao negro, à cultura e ao cenário regional.

Ao mencionar as relações raciais, cita-se o pesquisador racista Raymundo Nina Rodrigues (2010), que trouxe à baila a problemática racial. Quanto ao preconceito, aduz-se que “o brasileiro tem preconceito de não ter preconceito” e,

assim, afirma-se que a população nacional não consegue nem mesmo discutir preconceito e racismo no Brasil (ORTIZ, 2006, p. 36).

Entende-se que se trata das diferenças em questões culturais, como a cultura negra e a cultura indígena, uma vez que, nessa concepção, as representações de igualdade e de educação sofrem diversas formas de exclusão. Nesse sentido, traduz-se essa problemática nas questões educacionais, pois as formas excludentes estão nessas celeumas.

Dessa maneira, ao dialogar com temas étnicos, vislumbra-se a negação de uma população em suas formas habituais e culturais, mas também educacionais. A amplitude de discussão dá-se por meio da informação, potencialmente representada em sala de aula pelos educadores. Isto porque eles são formadores de opinião em diferentes níveis de escolarização, à medida que a construção de saberes deve estar voltada a todos os cidadãos mesmo com as suas diferenças.

Além disso, como expressão em sala de aula, exemplificativamente, um(a) educador(a) negro(a) que relaciona os conteúdos com a cultura africana, por meio do candomblé, da umbanda, do espiritismo etc., enfrenta resistências conservadoras no contexto de uma determinada disciplina. Logo, a identidade cultural deixa de exercer direitos e práticas previstas nas normas brasileiras, pois, os próprios educadores, em virtude dos obstáculos, evitam em tratar dessas discussões e deixam de aproveitar as imagens pedagógicas que os cercam.

Outrossim, no que se refere à negritude, o processo escravocrata faz parte das raízes brasileiras e reflete na conjuntura contemporânea, tornando-se um dos fatores que contribuíram para esse aparecimento das desigualdades no Brasil. Notadamente, Hasenbalg (1979, p. 29) aduz:

[...] o escravismo foi uma experiência histórica crucial para os negros nas Américas. Além de seu significado econômico, a importância da relação senhor - escravo, como relação em que as clivagens de classe e raça coincidiam quase perfeitamente, reside nas formas em que se moldou a tradição cultural e os padrões de organização social do grupo racial subordinado.

Dessa maneira, percebe-se a influência da escravidão nas Américas, à medida que a ligação com esse processo escravista denominou principalmente as relações de poder e de economia, distanciando uma etnia que historicamente foi desfavorecida no país. Para tanto, mesmo após a libertação dos escravos no Brasil, em 1888, as

condições de subsistência dos alforriados trouxeram resultados desastrosos em relação a sobrevivência. A vulnerabilidade foi acompanhada por condições desumanas e “(re)alocação” nas periferias brasileiras. No campo da educação, as imagens sobre essa “teórica libertação” é mais assombrosa, refletindo negativamente uma formação socioeconômica e educacional da população negra brasileira (HASENBALG, 1979).

Nesse ínterim, uma intenção de mestiçagem foi inserida na construção brasileira, nas palavras de Renato Ortiz (2006, p. 41),

O mito das três raças torna-se então plausível e pode se atualizar como um ritual. A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano.

Percebe-se que, para escamotear o processo de escravidão construído historicamente, forja-se uma convivência harmônica entre as raças que nunca ocorreu. A democracia racial apontada por Gilberto Freyre (2003) não se concretizou, visto que permanece o preconceito étnico na sociedade brasileira.

Entretanto, revelou-se o propósito de “clarear” a população até o momento em que fossem suprimidas as etnias negra e indígena (FREYRE, 2003), o que, apesar da marginalização, também não aconteceu. Pelo contrário, perpetuaram-se diferenças étnicas e sociais evidenciando posições de desigualdades.

No entanto, especialmente no século XX, essa temática ganhou relevância. Assim, as relações sociais e o cotidiano da vida humana, voltados para as questões étnicas começam a ser discutidos com a proposta de alternativas para superação das desigualdades no Brasil (PIERSON, 1945).

Dessa forma, discutem-se os direitos arraigados sobre a cultura e expressão, inclusive como professor. À medida que se dificulta a busca pelos educadores de suas imagens pedagógicas, sejam elas por meio da religiosidade, sejam via educação formal e informal de negritude, relacionando o tema aos conteúdos da disciplina ora desenvolvida, em sala de aula, há impactos culturais negativos.

Do mesmo modo, a exclusão de uma identidade cultural cerceia uma construção identitária professoral negra, pois não há acolhimento das imagens pedagógicas que os envolvem. Assim, a desconstrução formativa desse educador

revela uma distorcida formação educacional, sem relacionar os conteúdos da cultura africana à edificação histórica brasileira.

### 3.3 O cenário regional

Primeiramente, menciona-se que a cidade de Pelotas – que abriga os dois *campi* da amostra desta pesquisa – está localizada na Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul (RS), na região meridional do país. Notadamente, trata-se de um município com registros de uma história escravocrata, sendo considerada um dos piores lugares para sobrevivência do povo negro no século XIX (CAMARGO, 2015).

Em virtude das condições subumanas dos escravos, tratava-se de uma questão de “sobrevivência”. As condições climáticas caracterizadas por invernos de frio rigoroso e os castigos extremos, colocavam a região na rota dos destinos para castigar os escravizados (CAMARGO, 2015):

A história de Pelotas começa em Junho de 1758, através da doação que Gomes Freire de Andrade, Conde Bobadela, fez ao Coronel Thomaz Luiz Osório, das terras que ficavam às margens da lagoa dos patos. [...] Em 1780, instala-se em Pelotas o charqueador português José Pinto Martins. A prosperidade do estabelecimento estimulou a criação das charqueadas e o crescimento da região, dando origem à povoação que demarcaria o início do município de Pelotas (CAMARGO, 2015, p. 4).

Pelotas ficou conhecida pelo charque, pois, após sua emancipação de Rio Grande, a localidade torna-se atrativa para comercialização do produto, em planícies com águas navegáveis que facilitavam o transporte das mercadorias das charqueadas para os destinatários finais:

A planura, proporcionando fácil acesso, e a vegetação do local permitiram aproveitar, como fontes de matéria-prima, o interior do estado, especialmente a serra dos Tapes e a região do pampa, de onde convergiam muitas manadas para abate. Com isso, Pelotas chegou a ocupar o posto de principal exportadora de charque na região, o que lhe valeu muita riqueza e prestígio político, funcionando como centro social que, no período do Império, foi mais importante que a capital, Porto Alegre (LONER; GILL; SCHEER; 2012, p. 135).

Neste sentido, Pelotas detinha alto prestígio na sociedade sul-rio-grandense. Com isso, a mão de obra escrava era muito utilizada, visto que era necessário muitos escravos para cumprir esse papel. Ainda, por vezes, chegou-se a somar em apenas

uma fazenda mais de cento e vinte escravos, além de aproximadamente quarenta charqueadas entre a sede de Pelotas e a atual localidade de Monte Bonito. Salienta-se que, em meados de 1780, havia cerca de 17 mil habitantes na região da cidade, sendo 19% de índios, 28% de escravos e 53% de brancos. Logo, eram mais de 5 mil pessoas negras trabalhando em condições desiguais para a população branca (LONER; GILL; SCHEER; 2012, p. 135).

Nessa construção, ao longo do tempo, conta-se que os negros advindos da África que sobreviviam em Pelotas eram, na maior parte, chegados do Congo e da Angola e suas características de vestimentas percebem-se até hoje, em suntuosas e mescladas cores, com muitas estampas e mangas largas, roupas riscadas que demonstravam a nação e origens (LONER; GILL; SCHEER; 2012, p. 140). Ao retratar essas características, remete-se às memórias de regaste, de imagens, de história, em que a narrativa contempla uma identidade de um povo.

Embora, pelo desperdício de partes nobres nos cortes das carnes, havia fartura sobre esse aspecto, no que se refere a hortaliças e legumes não havia sobras para população negra escravizada, nem a possibilidade de aquisição desses produtos. Conseqüentemente, ocorriam problemas sérios de saúde, aliados ao inverno rigoroso da região e às condições impiedosas a que eram submetidos (LONER; GILL; SCHEER; 2012, p. 139). Até o momento de lecionar, em sala de aula, o corpo docente não passa pelas dificuldades semelhantes às vivenciadas pelos antepassados escravizados? Demonstra-se que:

As desigualdades étnico-raciais, reveladas na breve série temporal considerada neste informativo, têm origens históricas e são persistentes. A população de cor ou raça preta ou parda possui severas desvantagens em relação à branca, no que tange às dimensões contempladas pelos indicadores apresentados – mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de moradia, educação, violência e representação política (IBGE, 2019, p. 12).

Sendo assim, percebe-se que o tratamento aos menos favorecidos e a falta de acesso à saúde são pontos que não se dissociam, mostrando-se aí, que a desigualdade impacta a população negra. Quanto às questões raciais, essas representam as memórias. Note-se:

O governo federal do Brasil não exigiu a coleta de dados raciais para os casos de COVID-19 até a segunda semana de abril, e somente o fez após pressão de movimentos negros, entidades de classe e associação científica. Todavia,

os dados que têm sido divulgados não têm qualidade que permita a realização de análises robustas que desvelem as iniquidades raciais em saúde. Independentemente disso, em abril o Ministério da Saúde já havia apontado altas taxas de mortalidade por COVID-19 entre os negros, uma categoria que inclui pessoas que se identificam como “pretas” e “pardas” no censo demográfico. As autoridades do município de São Paulo também anunciaram que as taxas de mortalidade entre os pacientes com COVID-19 eram mais altas entre os negros. Dados coletados no mês de maio por pesquisadores independentes para mais de 5.500 municípios mostram que 55% dos pacientes negros, hospitalizados com COVID-19 em estado grave, morreram em comparação com 34% dos pacientes brancos (ARAÚJO; CALDWELL, 2020, p. 2).

Neste momento pandêmico, evidenciam-se as questões raciais a partir de dados e análises que revelam o número de mortes da população negra no Brasil. Entretanto, são imagens que refletem a temática em estudo, inclusive no âmbito da educação. Quais serão os retratos após o esperado controle do COVID-19?

Ainda, a expectativa de vida para os escravos era em torno de quarenta anos, havendo a proibição de frequentar hospitais como a Santa Casa de Pelotas. Apenas aqueles ligados à construção civil e que eram livres possuíam o direito a esses serviços de saúde (LONER; GILL; SCHEER; 2012, p. 139).

Questões urbanas e geográficas também permanecem desiguais em grande parte do território brasileiro, pois é alto o número de áreas periféricas e de aglomerações dentro de bairros. Com a precarização dos empregos, transportes coletivos lotados, dificuldades para acesso à saúde e falta de saneamento básico contribuem para elevar o índice de proliferação do vírus e as pessoas negras sejam mais afetadas (RAMOS; FERREIRA; 2020, p. 4).

Observa-se que as marcas do tempo demonstradas desde o período da escravidão refletem-se nos processos de socialização da população negra brasileira, em especial a pelotense. Modificar a construção histórica envolve uma complexidade social, diálogo e o resgate de memórias:

aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupos estigmatizado, radicalizado e excluído das posições de comando da sociedade cuja a construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupos étnicos-racial que teve sua humanidade negada ou cultura inferiorizada (CAMARGO, 2015, p. 9).

Portanto, identifica-se a relevância dos movimentos negros nos contextos social e educacional e como forma de recuperação das memórias das tradições, bem

como de riquezas culturais e sociais. Mostra-se, pois, parte da formação da cidade de Pelotas por meio de imagens dos negros. Assim, na sequência complementam-se essas questões por meio da elucidação das Leis n. 10.639/2003 e n. 11.645/2008.

### **3.4 O amparo legal por meio da Lei n. 10.639/2003**

No contexto dessa norma (BRASIL, 2003), que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996)<sup>2</sup>, por meio da redação modificada, deve ser incluída nas redes de ensino público e privado a temática que envolve a História e Cultura Afro-Brasileira. Em complemento a Lei n. 11.645/2008, também trouxe mudanças e incluiu as questões relacionada aos povos indígenas como tema obrigatório (BRASIL, 2008).

Inicialmente, a discussão da proposta teve como marco o Projeto de Lei n. 259/1999 (BRASIL, 1999), que começou a tramitar na Câmara dos Deputados em março daquele ano. Neste sentido, a justificativa apresentada demonstra o sentido de:

[...] criar condições para implantação de um currículo na rede oficial de ensino que inclua o ensino de História da Cultura afro-brasileira, visando a restauração da verdadeira contribuição do povo negro no desenvolvimento do país, ressaltando o fato de que a sociedade dominante discrimina e inferioriza o povo negro em relação ao chamado SABER UNIVERSAL.

É urgente e necessário desmistificar o eurocentrismo, neste momento em que se quer repensar um novo modelo de sociedade em que todos não somos apenas brancos, como que fazer crer o livro didático imposto aos estudantes nas escolas. Podemos captar, compreender os mecanismos de funcionamento que excluem a verdadeira história do povo negro, discriminado e excluído nas escolas e nos livros, alertando os responsáveis pela produção de livros didáticos, bem como professores e alunos vítimas destas distorções e omissões nas instituições de ensino.

A educação é um dos principais instrumentos de garantia do direito de cidadania. Por isso toma-se imprescindível que o Estado assuma o compromisso político de reconstrução dos currículos escolares, adequando-os à realidade étnica brasileira para responder aos anseios dos diferentes segmentos da população.

O que se vê, porém, é que o sistema oficial de ensino, cada vez mais, apresenta-se como um dos principais veículos de sustentação do racismo, distorcendo o passado cultural e histórico do povo negro.

Assim, torna-se imperioso e de fundamental importância que se resgate a história do povo negro, reformulando o currículo escolar nas suas deformações mais evidentes, que impedem a aproximação do negro da sua identidade étnica. E também que se desenvolvam programas de conscientização de todos os agentes envolvidos no processo de educação, para que a escola promova uma educação sem complexos, enriquecida de um senso antropológico, contribuindo para a criação de uma sociedade em

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 09 set. 2020.

que todos tenham direitos e possam gozar das mesmas oportunidades, seja no plano social, econômico e político na Nação.

A discriminação racial nas escolas públicas manifesta-se no momento em que os agentes pedagógicos não reconhecem o direito à diferença e acabam mutilando a particularidade cultural de um importante segmento da população brasileira que é discriminado nas salas de aula, nos locais de trabalho e na rua, não apenas por aquilo que é dito, mas, acima de tudo, pelo que é silenciado.

O Brasil é, fundamentalmente, um país de formação pluriétnica e multicultural. Mas o povo negro ocupa posições subalternas em relação à classe dominante, que considera a cultura afro-brasileira inferior e primitiva, sob a ótica e os parâmetros da cultura branca, que exclui dos currículos escolares e dos livros didáticos a verdadeira contribuição do povo negro na história, desenvolvimento e na cultura do País (BRASIL, 1999, p. 2-3).

Assim, na construção identitária brasileira, torna-se difícil a compreensão de entender-se como negro(a) na sociedade à medida que, mesmo com o avanço das discussões, a falta da sensação de pertencimento à cultura indígena e afro-brasileira propiciou que se buscasse modificações na legislação da Educação. Por conseguinte, a discriminação racial representa um obstáculo ao desenvolvimento social, político e econômico nacional.

No que é atinente ao saber universal mencionado sobre a contribuição da população negra, mostra-se relevante as conexões e as referências sobre os diferentes grupos culturais. Essas manifestações dão-se por comportamentos, tradições e formas de se expressar, colaborando para a percepção de características as quais todos comungam (GOMES, 2005, p. 41).

Quanto à educação, ao ensino e ao currículo, citados na justificativa acima, lembra-se que esses conhecimentos se apoiam nas práticas profissionais especializadas. Ao passo que se abordam as questões ligadas à Ciência da Educação, volta-se à temática étnico-racial (TARDIF, 2017, p. 247).

Além disso, no que diz respeito à discriminação e à exclusão, exposta não apenas nas escolas, mas também nos livros didáticos, as memórias dos educandos e a formação docente são impactadas. A falta dessas imagens leva a uma percepção equivocada acerca da temática negra, desprovida das verdadeiras trajetórias sob perspectiva não eurocêntrica (CAVALHEIRO, 2005, p. 65).

Sendo assim, aborda-se o surgimento dessa norma no início dos anos 2000 e sua eficácia com relação a discussão sobre as consequências de seus efeitos na sociedade, por meio da inclusão do artigo 26-A na LDB. Destarte, no enunciado do dispositivo, a etimologia da palavra “obrigatoriedade” remete a uma imposição. Então, a discussão já apresenta questionamentos relativos à introdução da história e da

cultura negra – e indígena, posteriormente – na educação em virtude de lei, o que demonstra dificuldades em torno das temáticas étnicas no Brasil.

Já a respeito da “cultura afro-brasileira”, a qual cultura se refere a norma? Pensa-se num povo brasileiro que se reconhece através das imagens negras como sua identidade cultural? A população brasileira identifica-se como negra no Brasil diante de frequentes casos de preconceito racial no cenário nacional?

Em seguida, no primeiro parágrafo do mesmo artigo, sugere-se que a inserção dos conteúdos tratados nessa temática deve ser disponibilizada, especialmente, na disciplina de História. Isto confirma-se no parágrafo segundo da justificativa da lei em debate, o qual estabelece a transversalidade da problemática com relação a todo o currículo escolar, abrangendo, especialmente, além da matéria citada, também as disciplinas de Educação Artística e de Literatura (BRASIL, 2003; 2008).

Além dessas, tal problemática quando é abordada, está contida mais frequentemente em Geografia, Sociologia e Filosofia. Todavia, outras disciplinas como Português, Ensino Religioso, Biologia, Educação Física etc., não conseguiriam incluir esses assuntos? Projetos interdisciplinares poderiam ser elaborados para fins pedagógicos, compreendendo a história e a cultura afro-brasileira?

Por outro lado, aspectos positivos são ressaltados nesses parágrafos da legislação. Um deles é o propósito de demonstrar toda a construção e as lutas das origens afro-brasileiras, incluindo a escravização das pessoas negras e as adversidades enfrentadas.

Também, destaca-se a inclusão do estudo dos costumes, da identidade e a da participação dessa população na sociedade, na economia e na política. Ainda, incluiu-se o artigo 79-B, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, do dia 20 de novembro no calendário escolar, denominado como “Dia Nacional da Consciência Negra”, em alusão a morte de Zumbi dos Palmares<sup>3</sup> (BRASIL, 2003).

Em adição, a citada lei foi sancionada com vetos parciais<sup>4</sup>. O primeiro com relação à proposta de um terceiro parágrafo ao artigo 26-A da LDB, estabelecendo que dez por cento (10%) do conteúdo programático das disciplinas de Educação

---

<sup>3</sup> Zumbi dos Palmares, durante a escravidão no século XVII, no Brasil Colônia, atuou como um dos principais líderes do Quilombo do Palmares e importante símbolo de resistência para o povo negro (OLIVEIRA, 2017, p. 104).

<sup>4</sup> Em sessão conjunta realizada no Congresso Nacional, foram mantidos os vetos parciais ao Projeto de Lei n. 259/1999, que foi convertido na Lei n. 10.639/2003, conforme informação disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=15223>. Acesso em: 09 set. 2020.

Artística e de História do Brasil, no Ensino Médio, seriam dedicados ao tema em questão. Já o segundo, refere-se à participação de entidades do movimento afro-brasileiro, de universidades e de instituições de pesquisas na realização de cursos de capacitação de docentes, no dispositivo que seria o artigo 79-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2003).

Como razões para a primeira rejeição, apontam-se possíveis contradições com as diretrizes para a base nacional comum curricular (artigo 26, *caput*, da LDB) e ausência de participação de Estados e de Municípios no procedimento que trataria da elaboração de currículos mínimos nacionais (artigo 211, *caput*, da Constituição Federal de 1988). No que diz respeito ao segundo veto, entendeu-se que o teor do pretendido artigo 79-A seria estranho ao objeto da lei em questão, pois em nenhum momento ela trataria de cursos de capacitação para professores (BRASIL, 2003).

Assim, a legislação é um dos suportes para o desenvolvimento do trabalho dos educadores, inclusive em sala de aula. Explicitando os apontamentos acima, apresenta-se a integralidade dos dispositivos, advertindo-se que não está no foco desta pesquisa a análise jurídica da norma:

LEI N. 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º. (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º. da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque  
(BRASIL, 2003)

Portanto, questiona-se a efetiva aplicação dos dispositivos citados nos espaços educacionais e como os(as) educadores(as) lidam com essa temática em sala de aula. Desta maneira, em uma sociedade complexa, nem sempre o que é normatizado apresenta efeito social esperado, inclusive nos meios educacionais. Por vezes, as discussões versam sobre um único tema, a pertença coletiva e, na maioria dos casos, essas comunicações são feitas pela demanda de um grupo, cuja conversa permanece na mesma comunidade, havendo dificuldades para colocar a norma em prática (FONTOURA, 2017, p. 7040).

Ainda, há de falar sobre o mito de democracia racial, pois se houvesse equidade nas condições da população, não haveria a necessidade de edição de uma norma para obrigar a inserção da temática nos conteúdos curriculares dos educandários brasileiros. Neste sentido, Petrônio Domingues (2005) afirma que:

Embora o racismo à brasileira, no pós abolição, tenha sido exacerbado na prática social, foi neste momento que as bases teóricas do mito da democracia racial se consolidaram no imaginário social. [...] Democracia racial, a rigor, significa desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação (DOMINGUES, 2005, p. 2).

Gilberto Freyre (2003), por diversas vezes afirmava existir uma convivência harmônica em brancos, negros e índios. Entretanto, percebe-se que no Brasil não há uma democracia racial, à medida que barreiras relacionadas ao preconceito, principalmente, racial nessa suposta conjuntura.

Destarte, Fontoura (2017, p. 7043), aponta ações realizadas de maneira isoladas. Contudo, demonstra que faltam elementos para satisfazer os efeitos pretendidos pela norma, pois em pesquisa realizada pelo governo em 2013 indicou a ineficácia da Lei 10.639/2003 quanto à produção de impactos na implementação dessas políticas. Logo, questionam-se as mudanças que teriam ocorrido na última década a ponto de, hipoteticamente, mostrar que os resultados daquele estudo teriam se modificado.

Sendo assim, tratam-se de bases para professores(as) negros(as) e não negros(as), por meio das imagens atreladas a legislação para apresentar a história e cultura negra a discentes. Mostram-se aí questões dos processos educativos formais nos ambientes escolares. Ainda, sobre as funções pedagógicas:

Nas práticas pedagógicas há possibilidade concreta de problematizar, destipificar ou desnaturalizar ideias, valores, comportamentos e práticas de desigualdade racial. A educação escolar pode proporcionar a des/construção de conceitos, conhecimentos e saberes pertinentes ao convívio em sociedade, enfatizando a importância do reconhecimento do pluralismo e da diversidade racial presente na escola (FONTOURA, 2017, p. 7046).

Em que pese, por força de lei se imponha uma obrigatoriedade, a comunidade escolar, negros(as) ou não negros(as), junto às práticas pedagógicas por meio da discussão da problemática, é que potencialmente promoverá a aplicação efetiva da legislação. Contudo, não se mensuram nem se culpabilizam educadores ou familiares pela eliminação do racismo. Ainda:

Embora concordemos que a educação tanto familiar como escolar possa fortemente contribuir nesse combate, devemos aceitar que ninguém dispõe de fórmulas educativas prontas a aplicar na busca das soluções eficazes e duradouras contra os males causados pelo racismo na nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p. 18).

As marcas desse processo de construção do racismo, notadamente, são consideráveis e as imagens que ficam na constituição de um grupo étnico reverberam em todos os campos, em especial no educacional. Como apresentam-se nos aspectos teóricos acima e, sobretudo no cenário regional, as pessoas negras inserem-se em um contexto de desigualdade racial.

Já no que se refere à Lei 10.639/2003, que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir mecanismos para subsidiar educadores(as) nos processos de ensino. Entretanto, de modo geral, os fatos sociais antecedem as normas, não sendo diferente com relação à proteção dos direitos educacionais e dos(as) negros(as) no Brasil.

## 4 O CENÁRIO DE PESQUISA, O PERCURSO METODOLÓGICO E O PRODUTO EDUCACIONAL

Nesta seção, desenvolve-se o cenário de estudo, explicitando a construção do *corpus* de pesquisa e o percurso metodológico, bem como aborda-se como ocorreu a elaboração do produto educacional junto à dissertação. Assim, são demonstradas as ações desenvolvidas ao longo do trabalho metodologicamente.

### 4.1 A construção do *corpus* da pesquisa: o *Campus Pelotas* e o *Campus Pelotas-Visconde da Graça* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)<sup>5</sup>, surge a partir de Lei n. 11.892/2008, começando suas atividades em 1917, por meio dos dirigentes da Biblioteca Pública Pelotense que tinha por objetivo qualificar meninos de baixa renda, levando a eles ensinamentos por meio da fundação da Escola de Artes e Offícios. A partir de então, houve mudanças de nome, passando por Escola Technico Profissional, Instituto Profissional Técnico, Escola Técnica Federal de Pelotas e Centro Federal de Educação Tecnológica, até a atual denominação (IFSUL, 2019).

Em 2008, a criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, com sede na cidade de Pelotas, levou a Instituição a abranger nos anos seguintes, 14 *campi* distribuídos no Estado do Rio Grande do Sul: Pelotas-Visconde da Graça (1923), Pelotas (1943), Sapucaia do Sul (1996), Charqueadas (2006), Passo Fundo (2007), Bagé (2010), Camaquã (2010), Santana do Livramento (2010), Venâncio Aires (2010), Sapiranga (2013), Gravataí (2014), Jaguarão (2014), Lajeado (2014) e Novo Hamburgo (2014) (IFSUL, 2019).

O IFSul, além da Reitoria da Instituição, possui dois *campi* na cidade Pelotas. A seleção desses dois locais (*Campus Pelotas* e *Campus Pelotas-Visconde da Graça* – CaVG) como amostra ocorreu em virtude de serem os dois maiores *campi* da Instituição em questão, além de estarem na mesma cidade em que se desenvolve o estudo, facilitando a obtenção dos dados.

---

<sup>5</sup> O portal eletrônico do IFSul está disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

O *campus* Pelotas remete à origem da Instituição, na década de 1940, em que as atividades desenvolvidas tinham como foco as áreas relacionadas a metal, madeira, artes construtivas e decorativas, bem como trabalhos desenvolvidos em couro. Nesse sentido, deu-se início à Escola Técnica de Pelotas autorizada pelo decreto 4.127, em 25 de fevereiro de 1942 (IFSUL, 2019).

Após, começaram as atividades voltadas ao ciclo industrial em 1945, em que se destacam alguns cursos, tais como o Serralheria, Fundição, Mecânica de Automóveis, Máquinas e Instalações Elétricas, Aparelhos Elétricos, Telecomunicações, Carpintaria, Artes do Couro, entre outros. Ressalta-se, que cursos como Telecomunicações e Mecânica permanecem até hoje com uma nova roupagem (IFSUL, 2019).

Somente a partir de 1959, a Instituição passa a ser reconhecida como federal e apenas em 1965, torna-se Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL). Décadas depois, no ano de 1998, a Instituição volta-se também para o ensino superior, atuando na formação pedagógica de professores e na educação profissional. Já no ano seguinte, a transformação para Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS), possibilitou a ampliação dos cursos de graduação e de pós-graduação (IFSUL, 2019).

A partir de 2008, o prédio que deu origem ao IFSul passou a ser designado como *Campus* Pelotas. Nesse sentido, esse *campus* está localizado na área em que começou a funcionar o Instituto, no Centro da cidade, na Praça Vinte de Setembro, n. 455, tendo prédios em um espaço com 40.449 m<sup>2</sup>, sendo disponibilizadas 55 salas para os estudantes e, ainda, 120 laboratórios (IFSUL, 2019).

Já o outro *Campus* em estudo, o *Campus* Pelotas-Visconde da Graça<sup>6</sup> (CaVG), iniciou suas atividades em 1923, sob a denominação de Patronato Agrícola Visconde da Graça, em homenagem a João Simões Lopes Filho, notório político pelotense que havia recebido em 1872 o título de Barão da Graça, elevado a Visconde da Graça em 1876, durante o Império do Brasil (IFSUL, 2020).

A Escola foi transformada em Aprendizado Agrícola Visconde da Graça na década de 1930, em Escola Agrotécnica no ano de 1946 e em Colégio Agrícola no ano de 1964. Integrou a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) a partir da fundação

---

<sup>6</sup> O portal eletrônico do *Campus* Pelotas-Visconde da Graça está disponível em: <http://www.cavg.ifsul.edu.br/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

desta, de 1969 até 2010, quando passou após decisão referendada pela comunidade acadêmica, a fazer parte do IFSul.

Dessa maneira, o local possui área de 201 hectares, localizado no Bairro Três Vendas, distante aproximadamente 8 quilômetros da região central da cidade de Pelotas, localizada no sul do Estado do Rio Grande do Sul. Esse *campus* oferece cursos em nível médio e técnico, além de cursos de graduação e de pós-graduação, no qual compõe os cursos de graduação em Agroindústria, Ciências Biológicas, Design de Moda, Física, Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados, Gestão Ambiental, Gestão de Cooperativas, Pedagogia em Educação Profissional e Tecnológica, Química, Viticultura e Enologia (IFSUL, 2020).

Já os cursos técnicos oferecidos são: Agroindústria, Agropecuária, Alimentos, Biocombustíveis, Contabilidade, Desenvolvimento de Sistemas, Meio Ambiente, Serviços Públicos, Vestuário. Em nível de pós-graduação, há o mestrado profissional em Ciências e Tecnologias na Educação e a especialização em Ensino de Matemática para os Anos Iniciais, bem como a Especialização em Ciências e Tecnologias na Educação. No *Campus* Pelotas há o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), mas ainda não foi implementada estrutura similar no CaVG (IFSUL, 2020).

## 4.2 Metodologia da Pesquisa

A investigação descrita seguiu o método de abordagem qualitativa, confrontando elementos e atributos para obter semelhanças, diferenças e transformações históricas. As técnicas foram a bibliográfica, via livros e artigos científicos, e documental, via normas, documentos e indicadores secundários, além das informações de campo, nos termos do que leciona Gil (2002). Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva para o aprimoramento do conhecimento (GIL, 2008). Ancorando-se na qualidade dos dados:

Um bom trabalho científico, que utiliza metodologia mais próxima da realidade a ser pesquisada, deve ser aquele que propicia ao pesquisador “colocar-se no papel do outro”, ou seja, compreender a realidade pela visão dos pesquisados como forma de aproximação entre a vida e o que vai ser investigado. Para isso, ainda um melhor caminho é através da pesquisa qualitativa com metodologia que vise compreender a questão do humano através da dimensão educacional (ZANETTE, 2017, p. 153).

“São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, p. 28). Assim, as pesquisas descritivas buscam também o que implicitamente está sendo discutido e pesquisas qualitativas como esta, buscam abordagens que focam, em essência, na “[...] compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. [...] Recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

Nesta empreitada, o objetivo central consistiu em investigar como as memórias dos(as) docentes negros(as) contribuem para a prática pedagógica dos(as) educadores(as). Para isso requer-se conhecer de que forma se constituem as práticas desses professores a partir de suas trajetórias de formação.

No percurso metodológico, como estratégia de ação, realizaram-se entrevistas semiestruturadas (cujas perguntas estão elencadas no Apêndice A – Perguntas da Entrevista) e questionários (cujas questões estão elencadas no Apêndice B – Perguntas do Questionário) com professores(as) negros(as) para buscar informações e dados sobre as memórias que reverberam em suas práticas como docentes no *Campus Pelotas* e no *Campus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG)*, ambos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), em Pelotas/RS.

Sobre a técnica de entrevista, Gil (2008, p. 109) afirma que:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

Aporta-se, que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados (DUARTE, 2004, p. 215).

Ainda nessa perspectiva, as respostas obtidas apresentam elementos sobre a percepção e a significação das experiências dos entrevistados, permitindo analisar as informações com profundidade, com relação ao contexto específico desta pesquisa. Já Bauer e Gaskell, (2003, p. 185) observam que:

A entrevista, estruturada ou não, é um método conveniente e estabelecido de pesquisa social. Mas assim como as pessoas expressam seus pontos de vista falando, elas também escrevem - para fazer relatórios, para planejar, jogar ou se divertir, para estabelecer normas e regras, e para discutir sobre temas controvertidos. Deste modo, os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas.

Em conformidade com esse apontamento, a revelação das imagens pedagógicas dos professores apresentados nos questionários contribuiu para corroborar com os dados obtidos através das entrevistas, mas também para complementá-los. Neste caso, possibilitou-se que o entrevistado revele no questionário informações que não se sentiu à vontade para expressar na entrevista, garantido em ambos os casos a confidencialidade das respostas.

A aplicação do questionário, pois, contemplou as teorias estudadas ao longo da pesquisa, contribuiu para a análise dos dados obtidos com relação à prática pedagógica dos educadores. No que se refere a esta técnica de investigação, Gil (2008, p. 121) ressalta:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Dessa forma, buscou-se obter dados com maior precisão em relação as diferentes celeumas do cotidiano, bem como o aprofundamento no que diz respeito ao que se pretende coletar e analisar (GIL, 2008, p. 110). Em adição, afirma-se:

“[...] que o trabalho escrito deveria ser bem documentado com base em dados obtidos nas notas de campo e outros materiais. O que não significa que deva incluir extensas secções de dados sem discutir ou propor uma razão clara para a sua inclusão” (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p. 254).

Deste modo, as entrevistas com perguntas semiestruturadas, realizadas individualmente com os(as) professores(as) negros(as) dos dois *campi* mencionados, foram gravadas em vídeo e as transcrições encontram-se em Apêndices, constando a análise interpretativa dos dados pesquisados em item específico na seção 5 abaixo. Neste sentido, as gravações subsidiaram a elaboração do produto educacional, tratado no ponto 4.3 abaixo, com foco nas memórias docentes desses professores.

Salienta-se que, para otimização do tempo dos(as) participantes da pesquisa, a entrevista com cada um(a) foi feita no mesmo dia da aplicação do respectivo questionário. Com o mesmo enfoque relacionado à temática em questão, foram contempladas perguntas similares, no intuito de confrontar as ideias contidas nas respostas.

Isto ocorreu porque favorece a revelação de informações pertinentes em algum momento escrito ou de forma oral na comunicação com o(a) participante da pesquisa. “Escolhas teóricas e empíricas influenciam a seleção dos programas ou histórias, que não são exemplos auto evidentes do tópico em consideração” (ROSE, 2003, p. 345). Dessa maneira, a forma em que se escolhe contar as histórias influencia a construção de uma narrativa.

Para prevenir eventuais dificuldades, como a obtenção de dados equivocados ou distorcidos em entrevistas, a pesquisa de campo foi com a adoção de medidas de esclarecimento sobre a importância do trabalho, com discrição e utilização exclusiva para fins acadêmicos, buscando reduzir barreiras para atingimento dos objetivos e obtenção dos resultados (GIL, 2009).

O número aproximado de dez docentes foi obtido junto ao *Campus* Pelotas, mediante informação disponibilizada pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros Indígenas (NEABI), “responsável por desenvolver ações referentes à temática das relações étnico-raciais”, nos termos do art. 157, § 6º, ‘b’, do Regimento Geral do IFSul<sup>7</sup>. Também, o mesmo Núcleo informou que o NEABI junto ao *Campus* CaVG ainda não foi implementado. Após contato junto a doze docentes que poderiam identificar-se como negros(as), um deles optou por não participar e outro não respondeu às tentativas de conversa por telefone, *e-mail* e redes sociais.

Sendo assim, os sujeitos da pesquisa nos dois *campi* estudados foram dez professores(as) que se identificaram como negros(as) em exercício em caráter efetivo e substitutos(as). Lembra-se que, de acordo com dados obtidos no Portal da Transparência<sup>8</sup>, atualizados até junho de 2020, 330 professores do ensino básico,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/regimento-geral/item/310-regimento-geral>. Acesso em: 03 set. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/servidores/consulta?paginacaoSimples=true&tamanhoPagina=&offset=&direcaoOrdenacao=asc&colunasSelecionadas=detalhar%2Ctipo%2Cc CPF%2C nome%2CorgaoS%E2%80%A6&orgaosServidorExercicio=OR26436&cargo=PROFESSOR+ENS+B ASICO+TECN+TECNOLOGICO&ordenarPor=nome&direcao=asc>. Acesso em: 18 set. 2020.

técnico e tecnológico estavam em exercício no *Campus Pelotas*, enquanto 115 no *Campus Pelotas Visconde da Graça*, de um total de 968 em todo o IFSul.

Os diálogos individuais foram analisados a partir das entrevistas e para produção do documentário. Posteriormente, buscou-se pontos de convergência entre eles, os quais são analisados a partir da emergência das memórias referentes aos saberes docentes.

Nesta perspectiva, quando se trata do produto educacional – um documentário –, que também visa resgatar as memórias dos(as) educadores(as) negros(as) do IFSul, dos *campi Pelotas* e CaVG, Rose (2003, p. 343) observa que essas imagens devem ser também avaliadas por métodos que expressem o que se quis dizer nas produções audiovisuais. Entretanto, ressalta-se que o aprofundamento e discussão sobre o produto educacional será discutido abaixo.

### **4.3 O Produto Educacional**

Propôs-se, juntamente à dissertação, o desenvolvimento de um produto educacional para utilização em ambientes de ensino, referente a um documentário produzido com os diálogos dos(as) professores(as) negros(as) do *Campus Pelotas* e *Campus CaVG* do IFSul, tendo o objetivo de rememorar os saberes docentes do(as) professores(as) negros(as) da Instituição. A relevância desse documentário se mostra à medida que, junto aos representantes do núcleo de ações afirmativas da organização, há carência de representatividade negra no magistério do local em estudo, bem como existe a necessidade de salvaguardar as memórias desses profissionais.

Nesse sentido, metodologicamente, Rose (2003, p. 343) aduz à relevância nas análises de um documentário, sendo preciso buscar as imagens em movimento que tentam resgatar o que está por de trás do contexto apresentado em um vídeo. Ainda, sobre os fins pedagógicos, sendo necessário um instrumento auxiliar para que o produto educacional contemple benefícios práticos aos(às) professores(as).

Na questão audiovisual Rose (2003, p. 343) descreve:

Parte da aplicabilidade geral do método provem de seus fundamentos teóricos. Na verdade, a argumentação teórica e crítica em cada ponto do desenvolvimento da técnica. Começarei, então, dizendo algo sobre os

fundamentos teóricos do método, limitando-me, nesse ponto, a um nível mais geral.

A função pretendida por esses mecanismos é auxiliar professores a realizar suas atividades com a utilização de recursos tecnológicos que promovem a aproximação pedagógica do discente, impactando de forma positiva no seu contexto educativo (HENTGES; MORAES; MOREIRA, 2017, p. 4).

Assim, o produto educacional é parte integrante da dissertação. Logo, não estando dissociado do processo de escrita, ele validou a metodologia utilizada no percurso da pesquisa, mostrando o seu alinhamento à proposta em questão.

Para composição do produto educacional, realizou-se uma conversa iniciada junto ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), no *Campus* Pelotas, para coleta de informações sobre a composição do quadro dos(as) professores(as) negros(as) do IFSul. Assim, foi verificada a disponibilidade e a vontade dos educadores de participarem da produção audiovisual.

Após essa etapa, em data e hora marcada, de forma individual, deu-se a realização da entrevista com cada educador(a) negro(a). Primeiramente, elucidou-se sobre o teor desta pesquisa. Em seguida, apresentou-se um questionário como forma de complementação, bem como um termo de autorização com os direitos de imagens para veiculação. Assim, o conteúdo do documentário foi produzido a partir da edição das gravações das respostas dos(as) participantes.

Logo, ao encerrar a entrevista, passou-se ao processo de seleção e de corte das imagens, o qual é realizado por um programa específico de edição – o Adobe Premiere –, selecionando-se *takes* e sonoras para composição do produto educacional. Lembra-se que:

No Mestrado Profissional, distintamente do Mestrado Acadêmico, o mestrando necessita desenvolver um processo ou produto educativo e aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação deve incluir necessariamente o relato fundamentado da aplicação do produto educacional desenvolvido (CAPES, 2019, p. 5).

Dessa forma, o vídeo está caracterizado neste trabalho como documentário, preenchendo os critérios recomendados pela Capes. Destarte, o conteúdo audiovisual foi postado na plataforma YouTube, inicialmente de forma privada, com posterior envio

do *link* de acesso para um grupo via aplicativo WhatsApp, reunindo virtualmente os(as) professores(as) participantes. A partir dos comentários, obteve-se a validação do produto educacional por parte dos(as) docentes negros(as) dos *Campi Pelotas* e CaVG. Apresenta-se no Apêndice Y abaixo as imagens das manifestações dos(as) dez educadores(as).

## 5 O CORPUS DE PESQUISA: ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS PESQUISADOS

Nesta seção, analisam-se os dados obtidos na pesquisa de campo, ressaltando-se que o conteúdo do termo de autorização para participação nesta pesquisa está no Apêndice “A”. As perguntas realizadas nas entrevistas estão no Apêndice “B” e as respectivas transcrições – desenvolvidas de maneira “semiestruturada” – estão nos Apêndices “C” a “L”. Também, o estudo complementa-se por questionários aplicados por meio de formulários eletrônicos, cujas indagações estão no Apêndice “M” e as impressões das questões respondidas estão nos apêndices “N” a “W”.

A trajetória desta pesquisa começou com o encontro junto a uma das professoras em data e hora marcada no mês de maio de 2019. A partir de então, buscou-se a qualificação do projeto de pesquisa, o que ocorreu em dezembro de 2019. Em meados de 2020 iniciaram os encontros com os(as) demais educadores(as). Na primeira reunião informal, a Entrevistada B comentou sobre o baixo número de professores(as) negros(as) nos dois *campi* da Instituição estudada.

Em virtude das limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus, apenas em agosto de 2020 foram retomadas as conversas com a mencionada professora, a qual passou o contato de um dos integrantes do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do *Campus* Pelotas do IFSul, para uma possível entrevista. Nesse sentido, inicialmente houve a aceitação de três professores(as) negros(as) para tratar sobre o assunto e, a partir da primeira entrevistada, a realização da pesquisa se disseminou para outros(as) profissionais, que entraram em contato com o entrevistador.

Ressalta-se que mediante a aceitação e o primeiro contato via telefone, enviou-se a Carta de Apresentação disponibilizada pela professora orientadora, para que o mestrando procedesse a sua identificação e informasse os propósitos da pesquisa. Em face da pandemia de COVID-19, a realização das entrevistas, que inicialmente seriam presenciais, ocorreu por meio de encontros virtuais, por meio da plataforma Google Meet. Por meio da gravação das imagens e dos áudios, gerou-se um documentário como produto educacional, lançado via YouTube. Quanto às datas marcadas e horários, todas as entrevistas ocorreram em setembro de 2020.

Nesse sentido, mesmo com a autorização dos(as) pesquisados(as), optou-se por preservar a identidade dos sujeitos na dissertação, em virtude de tratar-se de um documento escrito. Já no documentário, para proporcionar melhor qualidade audiovisual a imagem autorizada dos(as) participantes foi exibida, porém sem relacionar o nome dos(as) entrevistados(as) às designações neste trabalho escrito, as quais são representadas por letras de “A” a “J”.

O encontro com a Entrevistada A foi realizado no dia 11 às 14 horas e 20 minutos, com a Entrevistada B, no dia 14, às 14 horas e 30 minutos. O Entrevistado C participou no dia 15, às 15 horas, e o Entrevistado D, às 17 horas do mesmo dia. Já no dia 18, a Entrevistada E, colaborou com seus relatos às 19 horas.

Assim, também, o Entrevistado F, participou no dia 21 do mesmo mês, às 14 horas, e, no mesmo dia, o Entrevistado G, às 17 horas e 30 minutos. No dia 22, às 14 horas, aconteceu a reunião com o Entrevistado H, o Entrevistado I, no dia 25, às 10 horas e 30 minutos, e a Entrevistada J, às 17 horas do mesmo dia.

Lembra-se que após cada entrevista gravada, individualmente, encaminhou-se um questionário eletrônico pelo Google Forms, via *WhatsApp*, para cada pesquisado(a), com o entrevistador ainda em contato pelo Google Meet, para elucidar eventuais dúvidas sobre as perguntas.

Adverte-se, que nesse momento a conversa deixava de ser gravada, pois, não era autorizada pelos(as) participantes. Assim, encerravam-se as entrevistas gravadas e os questionários. Logo, ao final de cada entrevista começava-se a transcrição das manifestações de cada docente. Na sequência, deu-se o processo de análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, conforme próxima seção, em que se apresenta o *corpus* de pesquisa e a análise interpretativa dos dados pesquisados.

As considerações abaixo estão amparadas nas discussões teóricas desenvolvidas nas seções 2, 3 e 4 acima. Lembra-se que, na busca de compreender as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do IFSul nos *campi* Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça, os questionamentos foram elaborados com foco nas imagens desses(as) docentes.

Ainda, explica-se que para as análises apresentam-se: os(as) professores(as) entrevistados(as); os(as) professores(as) negros(as) a partir das suas memórias de formação (com termos grifados na cor azul nos Apêndices “C” a “L”); o preconceito racial e professores(as) negros(as) (com termos grifados na cor amarela nos Apêndices “C” a “L”); as memórias docentes como referência e a partir da contribuição

da cultura negra (com termos grifados na cores rosa e cinza nos Apêndices “C” a “L”). Demonstra-se que, conforme Guerra (2006) e Bogdan e Biklen (1994), a utilização de cores para divisão é um mecanismo facilitador para categorizar os dados.

### 5.1 Os(as) professores(as) entrevistados(as)

A partir dos questionamentos feitos nas entrevistas e na aplicação dos questionários realizados entre os dias 11 e 25 de setembro de 2020, apresenta-se quem são os(as) professores(as) entrevistados(as), mostrando os dados referentes ao gênero, à faixa etária, à etnia, à formação e à titulação.

Primeiramente, mostra-se o gênero dos(as) pesquisados(as). No Gráfico 1 abaixo, demonstra-se que a pesquisa obteve o equilíbrio entre respondentes, visto que metade dos dez docentes que concederam entrevistas e submeteram respostas aos questionários metade deles são do sexo feminino, enquanto a outra metade é do sexo masculino. Lembra-se que tanto essa como as demais perguntas possibilitavam a opção “Prefiro não informar”. Neste item, também se oportunizou a alternativa.

#### Gráfico 1 – Respostas à pergunta 1 do Questionário

1) Com qual gênero você se identifica?



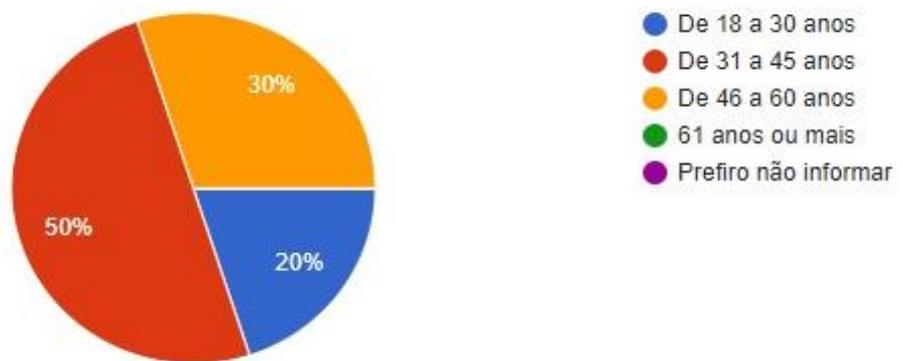
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na sequência, perguntou-se sobre a faixa etária dos(as) entrevistados(as), conforme Gráfico 2 abaixo. Assim, obteve-se 50% de participantes que informaram a idade variando entre 31 e 45 anos. Já a outra metade divide-se em 30% entre 46 e 60

e em 20% entre 18 e 30 anos. Há, pois, um número baixo de pessoas mais novas entre o professorado pesquisado no Instituto.

### Gráfico 2 – Respostas à pergunta 2 do Questionário

2) Qual é sua idade?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em adição, apresenta-se a identificação étnica. Assim, no Gráfico 3 abaixo, todos(as) os(as) docentes declaram-se negros ou negras.

### Gráfico 3 – Respostas à pergunta 3 do Questionário

3) Como você se identifica?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Ancora-se, neste ponto, uma das manifestações dos participantes referentes à relação com a etnia:

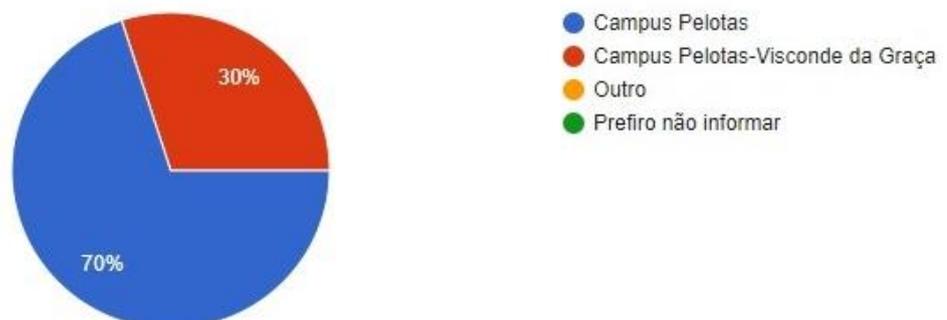
Então, interessante perguntar isso, né? Até porque na nossa construção de gênero identidade e eu não percebia isso, e não faz muito né? Que eu em um determinado momento, me reconheci negra. Até então, eu não havia ainda conscientemente, voluntariamente, intelectualmente, me reconhecido como tal. Hoje, eu me identifico negra, preta, já me identifiquei negra parda (ENTREVISTADA A).

Nesse sentido, demonstra-se que a falta de pertença que ainda é um fator determinante para que uma população possa entender-se como negra. Mostra-se aí que os processos de identificação identitárias são extremamente complexos no Brasil. Logo, concepções de uma democracia racial permeiam um imaginário social e da percepção de entender-se como pessoa branca na sociedade, em busca de uma ascensão supostamente mais fácil (GOMES, 2012, p. 56-57).

No Gráfico 4 abaixo, mostra-se o panorama dos respondentes referente ao número de educadores(as) nos dois *campi* e que se identificaram como negros(as). Neste sentido, 70% estão em exercício no *Campus Pelotas* e 30% no *Campus Pelotas-Visconde da Graça*. Dessa maneira, relembra-se os dados obtidos do número de professores efetivos, sendo 330 no primeiro e 115 no segundo, totalizando 968 educadores entre os dois *campi*, de acordo com o Portal da Transparência<sup>9</sup>.

#### Gráfico 4 – Respostas à pergunta 4 do Questionário

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul?



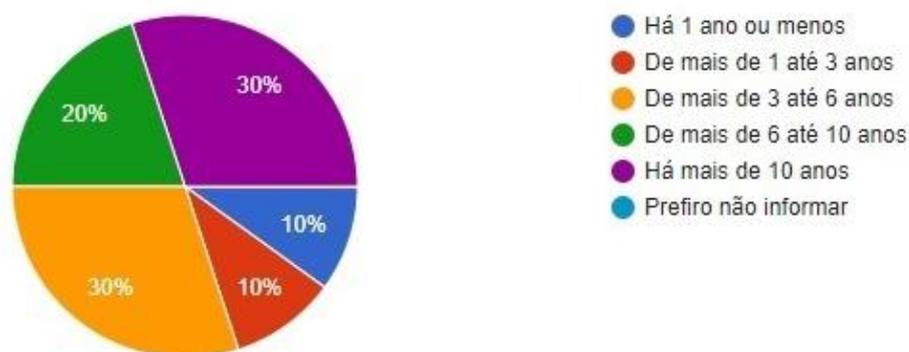
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/servidores/consulta?paginacaoSimples=true&tamanhoPagina=&offset=&direcaoOrdenacao=asc&colunasSelecionadas=detalhar%2Ctipo%2Ccpf%2Cnome%2CorgaoS%E2%80%A6&orgaosServidorExercicio=OR26436&cargo=PROFESSOR+ENS+BASICO+TECN+TECNOLOGICO&ordenarPor=nome&direcao=asc>. Acesso em: 18 set. 2020.

Já o Gráfico 5 abaixo relaciona-se ao exercício da docência no IFSul demonstrando que, 30% dos(as) entrevistados(as) possuem mais de três a até seis anos e outros 30% há mais de 10 anos. Já 20% informaram a opção mais de seis a até dez anos, 10% mais de um até três anos e outros 10% há um ano ou menos.

### Gráfico 5 – Respostas à pergunta 5 do Questionário

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Ademais, outro dado relevante demonstra-se na área de atuação docente no *campus*, em que se apresentam as Ciências Humanas em um maior percentual, de 40% dos(as) pesquisados(as). Portanto, alude-se a fala do Entrevistado D:

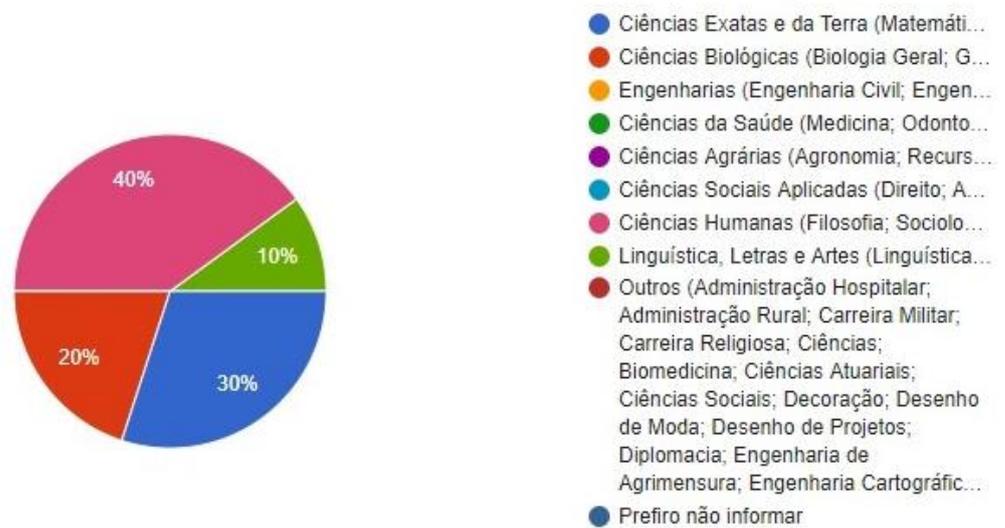
Os docentes negros acabam construindo um trajeto pelas ciências humanas. Não que as ciências exatas seja impossível, ou algo do gênero, mas a gente tem que pensar, por exemplo William, que as universidades hoje, ainda hoje, elas tem os seus cursos de licenciatura basicamente à noite, né, e aqueles em que há a menor procura ainda são os cursos na área de ciências humanas (ENTREVISTADO D).

Neste sentido, o Gráfico 6 abaixo evidencia o encontro da teoria junto à prática, pois, pelos dados da pesquisa de campo, o Entrevistado D revela o percurso acadêmico que esses(as) educadores(as) fizeram para alcançar à docência na Instituição. Observa-se que as questões ligadas ao acesso à educação ainda são inerentes a população negra (GOMES, 2012, p. 56).

### Gráfico 6 – Respostas à pergunta 6 do Questionário

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ

- <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>)?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No Gráfico 7 abaixo, os dados do questionário expressam que, referente à titulação acadêmica dos(as) educadores(as), há uma equiparação quanto à pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado e de doutorado, pois ambos se mostram com 50%.

### Gráfico 7 – Respostas à pergunta 7 do Questionário

7) Qual é sua titulação acadêmica?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Portanto, em uma síntese, nota-se que os números de homens e de mulheres é equivalente. Em relação à idade dos(as) entrevistados(as), metade tem de 31 a 45 anos. Outrossim, todos se consideram negros(as) e 70% estão em exercício no *Campus* Pelotas. Quanto ao tempo de atuação no IFSul, 30% estão entre mais de 6 e 10 anos, enquanto outros 30% entre mais de 3 e 6 anos. Ainda, 40% dos(as) educadores(as) possuem formação acadêmica em Ciências Humanas, com metade dos(as) participantes apresentando a titulação de doutorado e a outra metade, mestrado.

## 5.2 Formação docente e professores(as) negros(as) a partir das memórias

Apresentam-se as discussões a partir da interlocução com os(as) entrevistados(as) acerca de suas memórias de formação. Ao iniciar esse ponto na confluência de ideias, os(as) professores(as) contextualizam a identificação pela cor da pele, como aduz a Entrevistada A: “[...] eles entravam em sala de aula, para dar uma aula, eu digo nossa, tem uma pessoa da cor da minha pele me dando aula isso me torna mais próxima do contexto. Isso, me torna mais normal., né nesse sentido sim [...]”. Nesse sentido, o Entrevistado D, também percebe a importância da representação da cor:

Porque eu vou ver, por exemplo, professores negros, quando eu vou pra UFRGS e me deparo. Meu orientador de mestrado, por exemplo, é um professor negro, africano, mas negro, um cabo-verdiano, e eu acho que isso tem a ver com a maneira como a Universidade está estruturada também (ENTREVISTADA D).

Assim, retoma-se a teoria em que Tardif (2014, p. 31), demonstra a relevância do conjunto de saberes dispostos entre a educação e a sociedade, principalmente ao que se refere as relações de saber em transmitir o conhecimento. Educadores, por mais que não tenham a cor da pele na tonalidade preta, dialogam sobre essas questões com base nos saberes, por meio de sua formação.

Nesse diálogo, a Entrevistada B observa o papel da representatividade e da figura feminina em sua educação: “[...] eu costumo dizer a sorte, de as minhas duas primeiras professoras na vida terem sido mulheres negras, tá?”. No mesmo sentido, a Entrevistada C relata: “Eu lembro bastante de uma delas, que foi minha professora que falava um pouco mais sobre a questão de discriminação, um pouquinho assim, ela deixava transparecer um pouco mais”.

Mostra-se aí o quão relevante é a figura do(a) educador(a) negro(a) durante a trajetória no ensino, seja ela nas bases da educação infantil ou já na graduação ou pós-graduação. Ainda, nas memórias da formação docente desses(as) educadores(as) aparece a postura desses profissionais:

a seriedade que tratavam os professores que eu tive da Educação. Professores extremamente comprometidos assim, e uma segunda referência que eu tenho é de intelectualidade. Os professores negros que eu tive, em geral, eram e são pessoas as quais eu me inspiro até hoje, assim né, em termos de buscar estudar mais, conhecer mais aquilo que eu vou trabalhar em sala de aula, além da sensibilidade, né? (ENTREVISTADO D)

Nessa perspectiva, a Entrevistada H, também se conecta em uma memória semelhante às ideias do Entrevistado D.

professores afrodescendentes provavelmente da minha professora do Ensino Fundamental. Ela era da área de letras e a forma como se colocava e... em sala de aula, né, numa escola onde ela era basicamente a única professora afrodescendente, não havia outras (ENTREVISTADA H).

Em contraste, o Entrevistado F, percebe que, em sua formação docente, constrói as suas imagens a partir de todos os(as) professores(as), não especificamente dos educadores(as) negros(as), e não possuindo lembranças na formação docente:

eu acho que eu levo um pouquinho de cada, um pouquinho de cada no sentido de todos os professores, né. Acho que independente da... do jeito de... ou a forma, enfim... ou a etnia de cada um. Agora, especificamente com

os negros, eu não... eu não tenho nenhuma lembrança de algo que eu possa ter puxado, ter pego ali deles, né (ENTREVISTADO F).

Ainda, a Entrevistada E relembra a personalidade que utiliza em sua sala de aula:

Eu lembro que às vezes eram momentos que a gente que tava assistindo ficava tenso e ele levava tudo no bom humor. Então, isso, eu acho que é a maior inspiração que eu trago do professor Cipriano. Era o bom humor, era a maneira como ele lidava com as coisas (ENTREVISTADA E).

Dessa forma, Tardif (2014, p. 34) dialoga sobre o saber plural nas formações sociais, percebendo implicações nos processos de formação do indivíduo, que, além das imagens já construídas, por vezes, apresentam memórias eurocêntricas e não negras. Nesse ínterim, o Entrevistado D comenta: “[...] foi muito marcante pra mim, porque tive poucas referências de professores negros. Eu tive, na verdade, mais professores negros na pós-graduação, tanto no mestrado quanto no doutorado, quanto no restante da minha trajetória”.

Ainda, a figura da mãe, como professora também aparece entrevistados, como aduz a Entrevistada J:

Ah, mas a minha mãe, ela foi minha professora no jardim de infância, aí eu posso falar da minha mãe. Porque... a minha mãe tem um trabalho muito bonito, né, de... na área da inclusão, na alfabetização... A minha mãe, ela... agora ela tinha se aposentou, mas ela ficou mais ou menos uns 30 anos no magistério e ela dava séries iniciais, jardim e primeira série (ENTREVISTADA J).

Complementa a Entrevistada J: “[...] A minha mãe é uma grande referência pra mim”. No mesmo sentido, ela rememora o tempo em que foi aluna de sua genitora.

Então a minha mãe incentivou isso bastante, assim, essa questão de incluir, de inclusão, né, de tratar todos os alunos. Tanto que às vezes, quando ela saía na rua, ela via os alunos dela, que ela deu aula no jardim, na primeira série, já adultos e todos eles se lembravam dela com muito carinho. E eu fui aluninha dela no jardim, jardim de infância (ENTREVISTADA J).

Lembra-se que Tardif (2014, p. 160) menciona a educação e entende que sua finalidade não está concentrada na criança desse processo, mas sim no adulto no qual ela se transformará. Neste sentido, os entrevistados(as) acima, demonstram a importância da educação inicial na sua formação como docente, pois, nas próprias

palavras da Entrevistada J, “[...] já adultos e todos eles se lembravam dela com muito carinho”. Assim, as memórias que esses adultos possuem dessa professora os faz compreender a educação como algo possivelmente transformador.

Na sequência, a Entrevistada B, apresenta os discursos que compõe as memórias de docentes de institutos educacionais, em uma perspectiva de apenas reproduzir o que é proferido por um contexto social branco e com um olhar padronizado:

Esse era o discurso. Contra o discurso de que “ah, mas ela é irresponsável, é repetente, vive matando aula”, entendesse? E aí a gente cai nos estereótipos associados à negritude, que o negro é preguiçoso, que ele não quer fazer nada, que ele não tem perfil pra estudar e que ele tá deslocado (ENTREVISTADO B).

No mesmo contexto, o Entrevistado C, percebe essa relação nos processos acadêmicos:

E hoje, como professor, eu vejo melhor essa questão. O que pra mim se tornava um processo mais natural na minha sequência de vida, eu com o tempo fui vendo que pra outros, que pra outras pessoas negras, não era tão simples assim. No sentido de entender todo esse processo acadêmico. Porque o processo acadêmico pra uma pessoa negra nunca é fácil. Independente da condição social que nascera, independente da escola onde tenha estudado, certo? Não é pelo... obviamente o fato de estudar em uma escola particular ela te dá... me deu algumas condições favoráveis? (ENTREVISTADO C)

Ainda, para Imbernón (2016), o compartilhamento dos saberes é essencial para que haja a finalidade de desenvolver juntos aos educandos o conhecimento necessário, principalmente nas relações étnico-raciais. Tentando o desenvolvimento de aptidões de todos, sejam eles pessoas negras ou não negras. A Entrevistada H, apresenta uma realidade sobre o a sua escola:

na minha escola em especial eu não era única aluna negra, tinham muitas alunas meninas negras, porém eu era a única que pagava mensalidade, as outras meninas eram da obra de caridade das freiras, né, que faziam esse trabalho. Então as meninas passavam o dia lá e voltavam pras suas casas pra dormir. Mas, digamos assim, talvez [não] seja um termino adequado, mas dos pagantes, a minha família, na época, era basicamente a única afrodescendente (ENTREVISTADA H).

A professora mencionada aponta uma realidade inclusiva e excludente ao mesmo tempo, pois, notadamente, quando estava rodeada de meninas negras com o

seu mesmo tom de pele, sentia-se diferente por apenas ela estar pagando uma mensalidade e as demais não terem tais condições financeiras. Também o Entrevistado I mostra uma realidade em um contexto aparentemente mais de uma capital, entretanto:

[...] é essa realidade que eu percebi, né, sempre assim, né, era muito mais restrito, professores e colegas negros era uma coisa mais seletiva. Isso tudo aconteceu em Porto Alegre, certo? Digamos que, teoricamente, poderia ter, digamos, uma... um acesso um pouco mais flexível e até mesmo facilitado em toda essa questão, por ser capital e toda essa história, mas não foi muito diferente de outros lugares, não (ENTREVISTADO I).

Assim, na fala do Entrevistado D, percebe-se a presença das memórias que ligam os sujeitos pesquisados, pois essas construções e desconstruções da imagem correlacionam indivíduos, mas que possuem semelhanças e diferenças nessa conexão (MAIGA, 2011):

Nós, professores negros, acabamos de alguma forma em geral, porque as nossas histórias de vida são muito... E isso é interessante de pensar, né, as nossas histórias de vida são semelhantes às dos nossos alunos, o que significa que houve pouquíssima mobilidade social (ENTREVISTADO D).

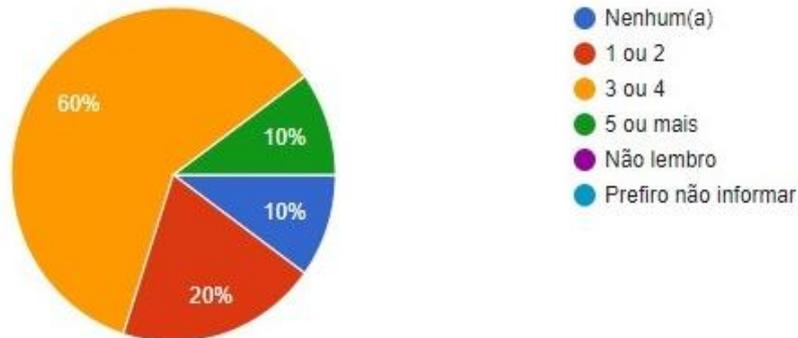
Entretanto, em sua manifestação, a Entrevistada B acredita que a única maneira para uma conscientização coletiva é a educação, porquanto as formações continuadas que são desenvolvidas pelos órgãos responsáveis pelas instituições são ineficientes:

Quando as pessoas se propõem a ir pra uma formação, né, e claro, posicionamentos que a gente vê que são muito e muito fechados, mas quando as pessoas se propõem a discutir isso, a gente vê que, bom, pelo menos dá pra ter algum avanço, dá pra ter... Mas acho que o caminho, sem dúvida, é a educação (ENTREVISTADA B).

Dessa forma, o Gráfico 8 abaixo, apresenta os dados em que 60% dos(as) respondentes tiveram professores(as) negros(as) em algum momento de sua formação. No entanto, esse número mostra-se baixo, em uma média apenas de 4 a 6 ao longo de toda trajetória de formação, bem como, 10% não teve qualquer educador(a) negro(a) em seu processo formativo.

### **Gráfico 8 – Respostas à pergunta 8 do Questionário**

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras?

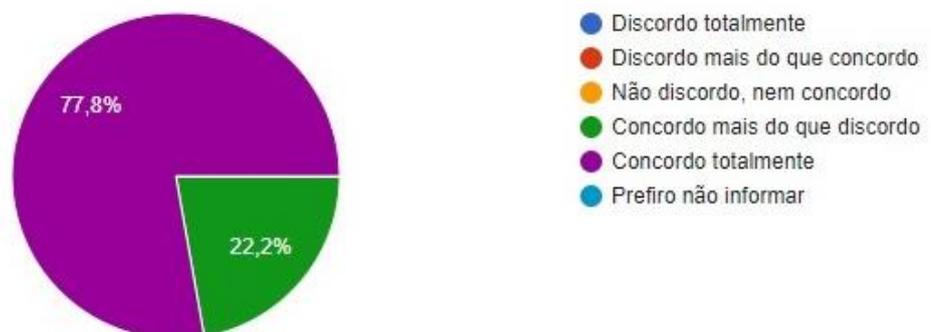


Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Ainda, no Gráfico 9 abaixo, indica-se que, dos(as) nove entrevistados(as) que responderam à questão 9 do questionário, 77,8% concordam totalmente que levam alguma inspiração de professores(as) negros(as) para sua sala de aula. Adverte-se que pessoa a qual informou não ter tido nenhum educador(a) negro(a) em seu processo formativo (na indagação 8), mediante configuração do formulário, passou diretamente para a pergunta 10.

### Gráfico 9 – Respostas à pergunta 9 do Questionário

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Assim, percebe-se neste ponto que as imagens na formação docente dos(as) educadores(as) convergem entre si. As memórias se aproximam, mas também

divergem. Não obstante, a realidade professoral entre os(as) pesquisados(as) são similares no que se refere à construção como docente negro(a), permeadas por pouca representatividade até chegar ao exercício de sua docência.

### **5.3 Preconceito racial e professores(as) negros(as)**

Nesse ponto, são tratadas as análises referentes ao preconceito racial voltadas aos(as) professores(as) negros(as), com base nas entrevistas realizadas. Ressalta-se que as respostas tem por base os casos de preconceito mencionados no exercício da docência, junto aos estudantes, por parte dos estudantes e por colegas de profissão.

Começa-se com o relato da Entrevistada A: “No momento em que, alguém estigma o teu papel naquele ambiente. No momento em que, me coloca em dúvida se tu é competente ou não para aquilo”, percebe-se que o julgamento sobre estar no referido espaço é um ponto característico entre os(as) participantes. Assim, novamente essa memória aparece:

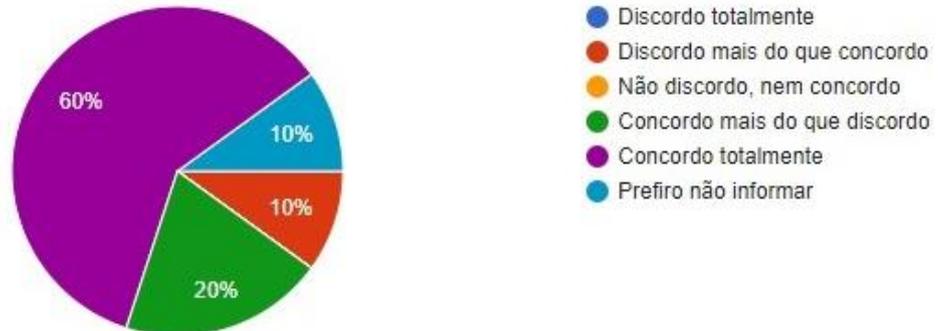
Tu tá dando aula, explicando o conteúdo e o aluno tá no... no celular, conferindo se o que tu tá falando é verdade e te questiona. Já aconteceu várias vezes. “Ah, mas esse [...] que tu tá dizendo, em tal coisa, assim, assim, assim”, eu digo, “bom, no final da minha apresentação sempre tem as referências bibliográficas, então a partir dessas referências que foi construída a aula de vocês (ENTREVISTADA B).

Observa-se que os(as) educadores(as) negros(as) são frequentemente questionados(as) no que se refere ao seu conhecimento, como se a intelectualidade negra, em um primeiro momento, inexistisse na concepção discente e de colegas de docência. No entanto, essas marcas são carregadas cultural e historicamente por meio do preconceito racial voltado para a cor da pele. Logo, essas concepções estão envoltas nos conceitos políticos e ideológicos (MUNANGA, 2004, p. 52-53).

Em complementação aos relatos das entrevistas:

### **Gráfico 10 – Respostas à pergunta 10 do Questionário**

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: “Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes”?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Portanto, de acordo com as respostas apresentadas no Gráfico 10 acima, 60% dos(as) professores(as) negros(as) entrevistados(as) concordam totalmente com a afirmação de que se lembram de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes.

Um ponto recorrente são os diversos apelidos que são atribuídos as pessoas negras, tema presente na fala dos(as) entrevistados(as). Dessa maneira, os(as) educadores(as) observam as relações de nomes pejorativos que fazem parte das memórias das pessoas não negras, pois, o proferimento dessas palavras tende a demonstrar como o preconceito racial se prolifera nas relações sociais.

contra mim, eu lembro mais na escola a questão de apelidos, a questão de xingamentos como macaco, desumanização, o negro burro, a negra que serve bem e para cozinhar para cuidar dos filhos. Para que tu tá estudando? Se o teu futuro é trabalhar da minha casa como cozinheira e babá (ENTREVISTADA B).

Notadamente, percebe-se que nesses tipos de comentários há uma ampla concepção de preconceito racial, entretanto, para os(as) ofendidos(as), o “trocadilho nas palavras de forma pejorativa”, ofende sentimentos de pertença das pessoas negras, pois também está envolvida a ancestralidade de um povo que possui raízes alicerçadas na edificação histórica brasileira (GOMES, 2012, p. 50). Assim, a Entrevistada E também comenta sobre o assunto:

eu acho que o mais comum são as piadas, né. É aquelas piadas que todo mundo faz, não só com os alunos, e que acha muito engraçado... e que não

tem graça nenhuma. Que são, são aquelas piadinhas comuns, tipo “coisa de negro”, sabe? Dizer “isso é coisa de negro”, mas tá brincando contigo. Se tu levar para o outro lado, tu é o ignorante. Tu entendesse? O Ignorante é o negro, não é quem tá fazendo a piada. Então, o que a gente presencia são esses tipos de brincadeira. “A coisa tá preta”, sabe? Como se a cor preta já, já te remetesse a coisa... coisa ruim, coisa negativa (ENTREVISTADA E).

Assim, no comentário da entrevista E, demonstra-se também a desvalorização acerca de uma cultura, porém, já enraizada na linguagem de uma população, pois há recorrentes situações referentes a esses comentários e baixa expectativa quanto a eventuais sanções.

Ao analisar os casos de preconceito, em especial sobre as questões raciais, nota-se não ser incomum ver que até estudantes fomentam os diferentes tipos de discriminação. Como aduz o entrevistado D, em um caso recente nas redes sociais, os aplicativos são facilitadores, também, para a disseminação do preconceito racial:

um caso de racismo explícito, isso foi no ano de 2019, no Campus Pelotas. Uma aluna foi exposta num grupo de WhatsApp a piadas e mensagens racistas e foi comparada a uma macaca e enfim... E a gente fez, via Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, fizemos a denúncia para a direção do Campus e muito pouco se fez a respeito disso, né, e essa aluna ficou com uma marca, uma pecha, e carrega isso (ENTREVISTADO D).

Neste sentido, o Entrevistado E cita um caso de racismo presente na memória:

eu posso te relatar o caso mais recente, assim, que é o que tá mais vivo na minha memória, né, que infelizmente aconteceu dentro do IFSul, dentro do Campus Pelotas, num grupo de WhatsApp. É, eu falo muito desse... foi uma questão muito polêmica pra gente tratar, pra gente abordar, e principalmente, pra gente definir isso como racismo, né (ENTREVISTADO E).

Em oposição, o Entrevistado F entende que há uma inibição por parte dos racistas ao falar sobre esse assunto:

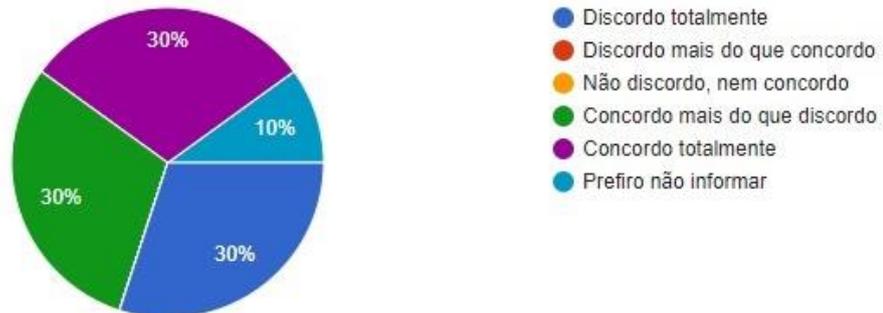
quanto isso é hoje, digamos, condenável, o quanto as pessoas entendem como um ato negativo, então isso acaba inibindo muito ação das pessoas. Então, por mais que você seja uma pessoa extremamente racista e preconceituosa, você não vai sair por ali, principalmente em um ambiente de salas de aula, acusando, falando, de repente que o teu professor é isso ou aquilo por causa da cor dele (ENTREVISTADO F).

Assim, o Gráfico 11 abaixo apresenta as memórias docentes sobre os casos de racismo sofridos por parte de estudantes contra professores(as). Nesse sentido,

30% concorda totalmente e outros 30% concordam mais do que discordam acerca de já terem sofrido algum tipo de preconceito racial na situação questionada.

### Gráfico 11 – Respostas à pergunta 11 do Questionário

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: “Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?”



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Por conseguinte, percebe-se que nas imagens reveladas por parte desses(as) educadores(as), a presença de expressões como “macaca” se agrega a outras como “nega preta”, “nega beijuda”, “cabelo seco”, de acordo com os apontamentos de Sousa (2015). Tais termos mostram-se comuns nessas memórias das pessoas negras em geral, independentemente de classe social ou de formação acadêmica.

A identificação de como ações e práticas racistas acontecem são extremamente difíceis de identificar. Neste sentido, a pessoa preconceituosa pratica atos de forma por vezes silenciosamente, por palavras, por ações, por olhares, por decisões em cargos de poder etc. Assim aponta o Entrevistado I:

num tempo de primeiro grau, mas no sentido de... da questão de cor de pele, aquele tratamento, assim, que é muito ruim, mas isso aconteceu, do tipo “pô, teu cabelo, o teu cabelo é pixaim, teu cabelo é uma molinha, teu cabelo é diferente, posso tocar, deixa ver como é que é teu cabelo”. É uma certa dose de ingenuidade, mas muito carregada do imaginário familiar deles, né (ENTREVISTADO I).

No que se entende por configuração do racismo, a mensuração do preconceito, torna-se um processo difícil e doloroso, pois, ao analisar a conotação que está por detrás das falas do Entrevistado I, percebe-se que essa lembrança causa um incomodo ao professor (GOMES, 2012, p. 54-55). Entretanto, há consonância e

diferença quanto à Entrevistada F, a qual também indica o racismo velado, porém não consegue apontar casos.

Hoje o racismo ele é muito mais camuflado, ele é bem discreto, né, não é uma coisa tão escancarada, tão denunciada. As pessoas já tem um certo consenso de que o racismo hoje, ele é um crime e é uma atitude completamente condenável. Então elas não revelam assim, de uma maneira tão espontânea, né. Então eu não consigo te apontar casos e casos em que isso acontecendo, né (ENTREVISTADA F).

Para tanto, o Entrevistado I, aborda outra manifestação de preconceito racial:

Então não tínhamos aula, tava todo mundo chegando e tal, era um saguão grande, assim, nessa escola, a gente esperando, tinha tempo, chegou um... uma pessoa branca, era mais velha que nós, assim, já, um cara mais... e ele chegou nesse saguão e... e... oferecendo títulos de... de... de... patrimônio pra um clube daqui da cidade. E tá, daí ele foi passando pelas pessoas, pelos colegas, sentados junto, conversando, uma coisa informal, assim, e ele ofereceu, ofereceu, ofereceu, e eu fui o único que ele não ofereceu, né, a possibilidade de... [...] o racismo aqui no Brasil ele acontece de forma muito velada, né, então dificilmente as pessoas vão te encarar e ser racistas na tua frente, geralmente elas fazem os comentários por trás, né, e aí depois tu fica sabendo, né (ENTREVISTADA J).

A falta de valorização dos negros, pois, principalmente no campo educacional, como é apresentado no caso do professor com julgamento acerca do poder aquisitivo, na percepção de que ele seria incapaz de ser um educador e de possuir condições financeiras para arcar com um título social, faz com que haja o estabelecimento e a afirmação de um racismo velado (SOUSA, 2015, p. 13).

As relações raciais estão interligadas e as comunicações independem do prestígio social. Logo, entende-se que, mesmo dentro de uma instituição a qual tem como o seu maior propósito o compartilhamento de saberes, por meio da educação, nem sempre esses preceitos são respeitados, haja vista, o próprio preconceito racial sofrido como educador (GOMES, 2012, p. 42). Assim, o entrevistado C relata:

como professor sim, aí eu sofri duas vezes, mais explicitamente, assim. Mas uma mais marcante, que é quando a menina me diz que não queria ter aula com professor afrodescendente. É, uma menina... solta isso assim, num acesso de fúria, e aí eu pergunto, comento com ela porquê e ela me relata que [erro na chamada] pelo grau de exigência, que os muito exigentes são professores... (ENTREVISTADO C)

Notadamente, o educador percebe que, mesmo com todo o processo de vivência como negro na sociedade, estando dentro de sala de aula, ele torna-se

“invisibilizado” perante os seus alunos. Assim que, torna-se difícil até mesmo discutir as questões raciais em sala de aula (ORTIZ, 2006, p. 36). Ainda, a Entrevista B faz alguns apontamentos sobre a discussão:

“ah, porque não dá, porque eu entro depois da [Entrevistada B] para trabalhar e a sala tá sempre uma bagunça, porque não sei o quê, as mesas riscadas, o plástico custa caro, não sei o quê”, digo, “olha, eu costumo revisar quando eu saio, e outra, né, se eu vejo que alguém tá depredando, tá riscando, já vou lá e já chamo atenção”. “Não, mas eu acho que tu tem que pegar e fazer uma limpeza nas mesas, que eu faço”. Eu digo “não, eu não vou fazer, o pessoal da limpeza faz, né, não vou fazer, sinto muito, eu tenho mais o que fazer. Agora tu não vai querer que a cada vez que eu sei que tu tem aula depois de mim, que eu pegue e limpe”. Né? [o que for?] A pessoa não ficou muito contente (ENTREVISTADA B).

A fala acima revela uma situação totalmente atípica e, talvez, esperada de uma colega no exercício da docência, pois, a insistência para que ela limpasse a sala de aula demonstra, nesse caso, o quanto a docente não negra sente-se confortável para proferir palavras que atribuam a Entrevistada B a funções tais como se ela não fosse professora.

Entretanto, a Entrevistada A percebe o preconceito Racial também está atrelado a outro ponto: “[...] de uma pessoa negra pobre, de uma pessoa negra da classe média e alta eu percebo essa diferença”. Neste caso, menciona-se Pierson (1945), que entende estarem as relações raciais também ligadas às questões de classes sociais. Em sua teoria, melhorias se dariam apenas com a ascensão de posição social, não somente pela cor.

Acerca da invisibilidade por parte dos colegas:

Às vezes, né, um colega não enxerga a gente como colega... como aconteceu num evento... e o colega, digamos, ele achou que eu era uma das moças da recepção, assim, que estavam recepcionando o pessoal. Mas, é como eu digo, sabe... isso eu opto, eu faço uma escolha de não deixar isso abalar o caminho que eu escolhi seguir. Porque se eu deixar, daqui a pouco isso se torna um peso com o qual eu não consigo lidar [...]. Nos meus primeiros anos no CaVG, das pessoas não me reconhecerem, acharem “ah, é mais uma aluna”. Eu atribuo isso a minha a minha pele juvenil, que disfarça minha faixa etária... eu tento não levar pra esse lado e foi uma situação estranha, porque a pessoa... eu estava com os alunos, que nós tínhamos aula nos sábados, estávamos vindo de um processo de greve e o colega tava ali e tal, e o colega chegou e disse assim “mas meninas, cadê a professora de biologia que ia dar aula antes de mim? Cadê essa pessoa, que não tá [aqui]” (ENTREVISTADA H).

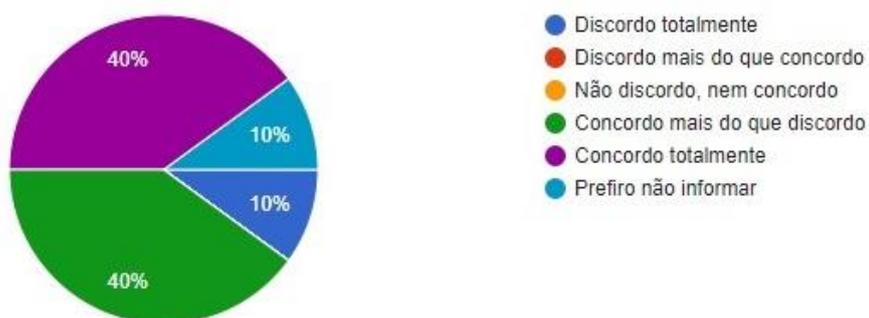
Mostra-se aí que a ampliação das discussões é essencial e a representatividade se apresenta por meio dos educadores, pois estudiosos(as) e pesquisadores(as) negros(as) formam opinião e enfatizam o respeito às diferenças ao que tange as relações étnico-racial para a troca de saberes (HASENBALG, 1979). Também atrelada as questões raciais, a Entrevistada J relata o seu caso de “gordofobia”.

ali na área do [...] que eu dou aula, né, eu fiquei sabendo depois que... Não, também não usaram, foi de uma forma velada, mas usaram um caso por eu ser gorda que eu não merecia ter passado no concurso. Você acredita nisso? Como se a pessoa ser gorda não capacita, não tem a capacidade de passar num concurso, de estudar, de, né, ter toda a titulação. Então, isso eu sofri, bullying, é, gordofobia, né [...]. E é muito... muito triste passar por uma situação de racismo por que a pessoa te julga por algo que tu é... e tu, né... Eu por exemplo, ela tava, aquele tempo todo assim, me julgando por eu ser negra, mas só que eu sou negra e eu tenho orgulho de ser negra, eu não posso mudar minha condição de ser negra, pra mim, é normal ser negra, é como eu sou (ENTREVISTADA J).

Para educadora, é impossível mudar a sua condição, pois, a aceitação como uma mulher negra vai além do preconceito racial sofrido. A Entrevistada J, percebe o julgamento atribuído inteiramente pela sua cor. Assim, como forma de exemplificação, apresenta-se o Gráfico 12 abaixo, o qual mostra que 40% dos(as) entrevistados(as) concordam totalmente que se lembram de casos de racismo por parte de colegas de docência durante as práticas professorais. Além disso, outros 40% concordam mais do que concordam com essa afirmação.

### Gráfico 12 – Respostas à pergunta 12 do Questionário

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: “Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência”?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Percebe-se, que os entrevistados possuem um descontentamento referente às diversas situações de racismo sofrida por eles, partindo de colegas de profissão. O julgamento apresenta-se de diversas maneiras, pelos olhares, pelo discurso, pela “gordofobia”, pela incredulidade como professor etc., porém com ênfase no fato mais relevante que é pela cor da sua pele (MUNANGA, 2004).

#### **5.4 As memórias docentes como referência a partir da contribuição da cultura negra**

Neste ponto, são apresentadas as memórias dos(as) professores(as) negros(as), bem como a contribuição da cultura negra nos processos educacionais nos dois *campi* do IFSul. Sendo assim, a partir do diálogo das entrevistas realizadas, começa-se com a primeira memória relatada pela Entrevistada D: “E aí eu sempre carente dessa coisa de não ter um professor negro. Eu não tive, na graduação, nenhum professor negro – tive um professor negro que não se identificava enquanto tal, ele não se reconhecia como negro”.

Em consonância, a Entrevistada E relembra a professora que ela não gostaria de ser:

Então, estas memórias, é que fizeram com que eu dissesse “não, eu não quero”. Eu sempre digo assim pro meu aluno... Meu aluno chega e diz “Entrevistada E, eu não pude vir na tua prova porque, bah, eu tava doente, não sei o quê...” Tem colega que dizia “mentira, muitos deles mentem”. Eu prefiro pecar, sabe, ser feita de boba, do que eu duvidar de um aluno e ele estar me dizendo a verdade (ENTREVISTADA E).

Na fala da entrevista E, as memórias apresentam-se extremamente marcantes ao ponto de ela exclamar o perfil de profissional no qual a Entrevistada não gostaria de ser. Logo, as imagens também reverberam negativamente, como no caso dessa educadora.

Ainda, alude-se Maiga (2011) as ideias que se valoram nas memórias apresentadas simbolicamente pelas diversas interpretações. No entanto, nesse sentido, as lembranças também aparecem positivamente no espelhamento de outros(as) educadores(as) e, por isso, pensa-se nas questões de representatividade no campo da educação.

Nesse íterim, a Entrevista H comenta sobre um dos seus exemplos:

Eu tento oferecer para os meus alunos tudo que é melhor de mim, como eu gostaria e como aquela professora que eu te comentei, do ensino básico, que era negra e eu te disse que o que me chamava muita atenção nela era a postura dela dentro da escola como um todo, que era um mar de pessoas de etnia diferente. Eu tento que me colocar como ela se colocava (ENTREVISTA H).

Logo, a busca pelas lembranças e pelos sentimentos, partindo das próprias experiências, fazem com sejam memorizadas as imagens que circulam nas vivências como docente negro(a) na Instituição. Dessa forma, as memórias individuais se encontram coletivamente. Logo, a Entrevistada J manifesta-se sobre a época que ela estudou no *Campus CaVG*.

Hoje em dia, eu tenho vários colegas, né, mesmo no CaVG, são professores negros também e que na minha época, quando eu estudei, isso era muito difícil de encontrar, né, tanto que na graduação, dentro de uma Universidade, eu era a única aluna negra, não tinha um professor como referência. E eu pude ver isso anos depois, né, na Universidade Católica, eu ser referência pra uma aluna, né, ela se sentir, né, feliz, porque tinha um professor negro representando, né, e também num cargo de coordenação (ENTREVISTA J).

Do mesmo modo, a Entrevista J também relata uma outra passagem educacional, na qual ela estava em uma posição de coordenação e se torna referência para o grupo ao qual pertencia, sendo uma mulher negra e estando em um cargo de chefia. No mesmo sentido, a Entrevista B comenta sobre o espanto dos estudantes ao ser uma docente negra de um instituto federal:

Principalmente, assim, ó, o que que eu acho que é importante, da mesma forma que os alunos olhavam pra mim e pensavam que eu não era da cidade, que era muito incomum ter uma professora negra, então assim... não era da cidade, ou perguntavam “ah, mas tu fez... tu te formou na UFPel, mesmo?”, digo “sim, na UFPel mesmo”, “e tu é de Pelotas?”, “sim, toda vida, nascida e criada em Pelotas, no bairro Simões Lopes, né, um bairro periférico”. Muito negro, por sinal, é um bairro que tem um dos maiores, né, expressiva população negra, “sou daqui, né, tenho uma vida bem parecida com a de vocês” (ENTREVISTA B).

Logo, a Entrevistada B mostra que as histórias da população negra se encontram e, em determinados momentos, se tornam a mesma, em tempos diferentes, mundos diversos, visões distintas etc. Entretanto, o encontro individual torna-se uma memória coletiva. Ainda nessa conexão, o Entrevistado E percebe que na pauta principal estão os(as) discentes:

As minhas memórias, elas me auxiliam a partir do momento em que elas fazem eu ser a docente que eu sou. Ou seja, eu pauto meu trabalho todo em cima dos meus alunos. Porque eles são a razão de sempre. Tanto é que agora, na pandemia, eu não tô afastada deles, a gente tá trabalhando juntos, a gente tá fazendo tudo juntos. Porque é a razão de ser (ENTREVISTADO E).

Assim, as memórias partem, também, das identificações com a negritude, pois a figura da mãe, a relação com a religiosidade e a família aparecem nessas conexões. Assim, o Entrevistado F conta acerca da presença da mãe em sua memória acadêmica:

A minha mãe era uma mulher que adorava dar aula, ela queria muito ser professora, não conseguiu ser. Acho que de... um pouco dela, sim, eu acabo pegando. Minha mãe também gostava bastante. Mas, assim, de experiências, de cultura, de episódio, de coisas que eu levo para sala de aula... (ENTREVISTADO F)

Entretanto, aparece na manifestação do Entrevistado F uma contrariedade, à medida que ele também entende que não leva nada da cultura negra: “Acho que assim, especificamente como cultura negra, né, eu acho que, né, eu acabo levando pouca coisa para dentro da sala de aula. Eu não sei se isso talvez pode ser um problema meu, pode não ser, enfim”.

No entanto, há de se questionar: quando ele menciona que leva experiências ligadas à sua mãe, será que não estaria intrinsecamente levando as origens afro-brasileiras? Sob o mesmo ponto de vista, em uma perspectiva coletiva nas questões de identidade, em uma amplitude pedagógica, trata-se de uma manifestação cultural (GOMES, 2012, p. 34).

Outro elemento que surge consiste na relação com a intelectualidade negra como fonte de inspiração e de resgate de memórias, como apresenta o Entrevistado D:

Eu trago isso pra minha formação, porque passou a ser importante pra mim pensar a questão da intelectualidade negra. Tanto que um dos meus objetos de pesquisa é justamente o Abdias do Nascimento, justamente pela questão da intelectualidade alternativa dos negros (ENTREVISTADO D).

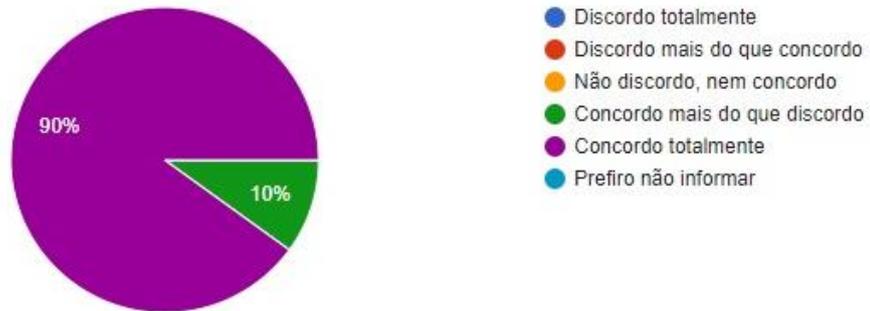
Assim, percebe-se a importância de pesquisadores(as) negros(as) da academia brasileira e a percepção deles(as) em referenciar esses(as)

educadores(as). Ademais, o Gráfico 13 abaixo, demonstra que 90% dos(as) professores(as) percebem que as memórias durante o seu período de docência auxiliam na formação docente, em seu constante processo e aprendizado.

### Gráfico 13 – Respostas à pergunta 13 do Questionário

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"?

10 respostas

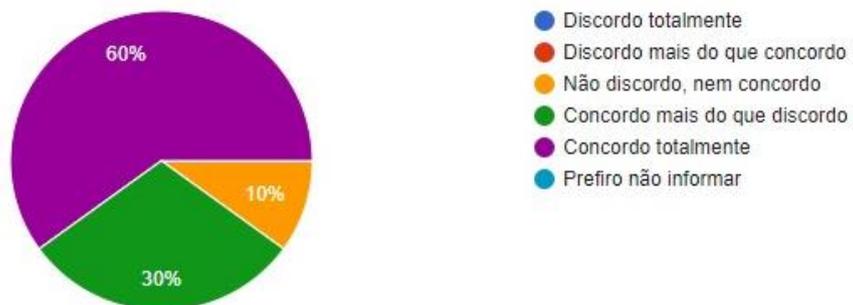


Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em adição, o Gráfico 14 abaixo complementa a análise e aponta que 60% dos participantes concordam totalmente que observam contribuições positivas da cultura negra na formação docente:

### Gráfico 14 – Respostas à pergunta 14 do Questionário

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Ainda há de se destacar que memórias em tempos de pandemia do COVID-19, em 2020, modificaram o panorama mundial em diferentes celeumas. Não foi diferente na educação brasileira, visto que as pessoas negras, como apontam os dados

(ARAÚJO; CALDWELL, 2020), foram as mais afetadas pelo novo coronavírus. Assim, percebe-se esse fato pelo próprio contexto relatado pelos educadores acima, mas também como o Entrevistado C comenta:

Infelizmente ela nos traz à tona um cenário que a gente já conhecia, já esperava, né, de que os negros, a população negra, é a que mais sofre, e a medida que essa doença e esse sofrimento chegou nas camadas mais populares, a gente tem um negacionismo dessa pandemia, né (ENTREVISTADO C).

Em consonância, o Entrevistado D também pondera sobre o COVID-19:

Os dados agora começam a demonstrar que a população negra é provavelmente a principal vítima também da pandemia. E não só do vírus, mas da condição socioeconômica e estrutural que se abateu sobre a sociedade brasileira. E que a população negra, ela é duplamente vitimada num cenário de pandemia. Primeiro por que a gente já vinha de uma condição econômica, a economia do país em queda, nós sempre somos os primeiros a ser desempregados, nós sempre somos os últimos a ser escolhidos de novo pro retorno ao mercado de trabalho, mesmo que tenha qualificação. A gente tem internet, eu tô no meu computador, tu tá no teu, né, mas isso é a realidade da maioria das pessoas? Não é. Não é, infelizmente, não. E a gente sabe que quem mais sofre com isso é a população negra, né (ENTREVISTADO D).

Mostra-se aí, que o momento enfrentado na pandemia, não está afastado da população negra brasileira e as condições da sociedade e da economia que são demonstradas neste contexto. Ambos os respondentes acima, percebem que essa situação já era esperada nas condições que são tratadas essas políticas educacionais. O Entrevistado D questiona, ainda, sobre a maneira de receber o ensino em casa, sem nem mesmo possuir um computador para as pesquisas.

Com o intuito de identificar as imagens pedagógicas dos(as) professores(as) negros(as) nos dois *campi* do IFSul, rememoram-se os objetivos desta pesquisa. Logo, as memórias pedagógicas desenvolvidas por esses(as) profissionais contribuem para potencializar o processo de ensino. Dessa maneira, evidencia-se que essas imagens existem nos dois *campi* pesquisados, entretanto, elas se mostram de diferentes maneiras, positivas e negativas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira enfrenta desde a abolição da escravidão no Brasil, um “problema” sobre o que fazer com a negritude no país. Notadamente, os negros libertos e ex-escravos não eram aceitos em uma sociedade conversadora e branca, o que permeia os processos educacionais.

Neste sentido, observa-se que as memórias trazidas pelos(as) educadores(as) negros(as) dos dois *campi* do IFSul em Pelotas/RS demonstram que práticas racistas estão presentes no contexto brasileiro. Assim, rememora-se o trajeto realizado nesta pesquisa.

O problema de pesquisa indagou como as memórias dos docentes negros(as) do IFSul contribuíram para o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas? O objetivo geral foi investigar como as memórias dos(as) docentes negros(as) contribuíram para a prática pedagógica dos(as) educadores(as). Já os objetivos específicos foram: (i) investigar os(as) professores(as) negros(as) a partir das suas memórias de formação; (ii) analisar o preconceito racial com relação aos(as) professores(as) negros(as); (iii) analisar as memórias docentes como referência a partir da contribuição da cultura negra; (iv) elaborar um documentário com relatos dos(as) professores(as) negros(as) sobre suas memórias pedagógicas.

Logo, na seção 2, discutiu-se aproximações teóricas às práticas pedagógicas e as relações étnicas, amparados pelos pressupostos teóricos que dão suporte às questões educacionais. Dessa maneira, o confronto das ideias demonstra que a construção das imagens pedagógicas se manifesta em diferentes celeumas.

Entretanto, o questionamento acerca da posição como professor(a) negro(a), por parte de colegas docentes, estudantes e pessoas que circulam nos ambientes educacionais, é percebido na confrontação dos aspectos teóricos e das análises da pesquisa de campo, especialmente pelas entrevistas e pelos questionários.

Neste sentido, na sessão 3 apresentou-se aspectos teóricos e sociais da contextualização do(a) negro(a). Logo, demonstrou-se a pertinência dessas discussões no campo educacional e na busca das imagens pedagógicas dos(as) educadores(as) negros(as).

Assim, as pessoas em foco nesta pesquisa apresentam, por meio das entrevistas, situações que indicam um complexo racismo, velado, mas também escancarado em diferentes contextos em sala de aula e nos dois *campi* da instituição.

Ressalta-se que a discriminação identificada é preponderante com relação à cor da pele.

Já a sessão 4, tratou-se do cenário de pesquisa, do percurso metodológico e do produto educacional. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e questionários por formulário eletrônico. Após as gravações e as transcrições das respostas, as imagens foram editadas para a produção do documentário.

Assim, as questões ligadas às imagens pedagógicas apresentaram-se por meio das memórias, em que se evidencia que as memórias desses(as) educadores(as) negros(as) convergem e divergem entre si, porém, há um consenso entre todos no que se refere ao preconceito racial sofrido por parte dos colegas e dos estudantes. Ainda, aponta-se que essas imagens reveladas por docentes são carregadas de sofrimento pelas marcas da infância e da formação acadêmica, sejam elas durante a educação infantil, fundamental, médio, graduação ou pós-graduação (*latu* ou *stricto sensu*), principalmente com relação à cor da pele.

Dessa maneira, a partir das informações e dos dados da amostra, a realização do produto educacional consiste em um documentário disponibilizado na rede social YouTube, inicialmente, mostrando memórias docentes de profissionais do IFSul. Menciona-se, pois, que a validação desse item se deu pelos(as) educadores(as) negros(as) dos dois *campi* pesquisados. Logo, após a conclusão do documentário, criou-se um grupo no aplicativo digital de mensagens WhatsApp para que se apresentasse o *link* do produto audiovisual aos(às) educadores(as), que o validaram unanimemente e o consideraram de extrema relevância social e acadêmica.

Ainda, na trajetória de pesquisa, a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo ocorreu centrando-se o estudo: nos(as) professores(as) entrevistados(as); nos(as) professores(as) negros(as) a partir das suas memórias de formação; no preconceito racial e professores(as) negros(as); e nas memórias docentes como referência e a partir da contribuição da cultura negra. Todas as entrevistas foram transcritas na integralidade para posterior realização dos agrupamentos por semelhanças e diferenças.

Do mesmo modo, os(as) professores(as) negros(as), a partir das suas memórias de formação, apresentam processos ressignificados constantemente em função da regência em sala de aula pautada pela relação racial subjacente na temática. Logo, os(as) professores(as) negros(as) dialogam de maneira recorrente com esses desafios no cotidiano educacional.

No que tange ao preconceito racial e professores(as) negros(as), notadamente os(as) educadores(as) percebem essa condição ligada de forma complexa na constituição das relações em sala de aula. À medida em que há o desvelamento da atitude motivada pela cor da pele, percebe-se o racismo.

Quanto às memórias docentes, as convergências e divergências dos(as) educadores(as) encontraram-se também no momento em que todos(as) os(as) participantes da pesquisa percebem-se como negros(as) atuando na docência na instituição de ensino. Diante disso, a condição étnica é fator determinante para essa conjuntura.

As respostas das pessoas entrevistadas mostram um desafio sobre o exercício da docência, especialmente para os(as) estudantes negros(as) durante a pandemia de COVID-19. Advindos, em geral, de uma condição social desfavorável na sociedade, há dificuldades para o desempenho de atividades em ensino remoto para discentes que não possuem acesso à internet, computadores compatíveis com as tecnologias educacionais necessárias, ambientes confortáveis e silenciosos em casa, entre outras limitações.

Na percepção da cultura negra por parte dos(as) professores(as) negros(as) participantes da pesquisa, entendeu-se que há aí uma força motora que os(as) conduz na motivação de não desistir do caminho que foi cerceado aos antepassados. A possibilidade de externar, pois, a identificação como educador(a) negro(a) na sociedade reverbera-se.

Evidencia-se, pois, que a convergência das ideias apontou para a necessidade de um olhar mais atento para essas questões a partir das memórias apresentadas aos(as) educadores(as) e como as formas de preconceito se manifestam na sociedade, inclusive em um contexto de pandemia, a exemplo da COVID-19. Portanto, espera-se que mais professores(as) negros(as) e não negros(as) identificados(as) com as questões atinentes ao objeto deste estudo e o uso do produto educacional deem mais suporte ao diálogo sobre a temática discutida.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Edna; CALDWELL, Kia. Por que a COVID-19 é mais mortal para a população negra? **Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO)**, 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gtracismoesaude/2020/07/20/por-que-a-covid-19-e-mais-mortal-para-a-populacao-negra-artigo-de-edna-araujo-e-kia-caldwell/>. Acesso em: 08 set. 2020.
- ARAÚJO-OLIVEIRA, Sônia Stella. Lendo pegadas para construir o futuro. *In*: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves e (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 103-114.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Dossiê do Projeto de Lei n. 259/1999**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [1999]. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=FE13EB67CF4702C1273B794B3FA410A5.proposicoesWebExterno2?codteor=1127776&file name=Dossie+-PL+259/1999](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FE13EB67CF4702C1273B794B3FA410A5.proposicoesWebExterno2?codteor=1127776&file name=Dossie+-PL+259/1999). Acesso em: 22 out. 2020.
- BRASIL. **Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 22 out. 2020.
- BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 22 out. 2020.
- CAMARGO, Thelma de Ávila. Comunidade negra no contexto socioeconômico e histórico de Pelotas. **Revista África e Africanidades**, ano 8, n. 20, jul. 2015. Disponível em: <https://africaeaficanidades.net/documentos/002020072015.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- CÁRIA, Neide Pena; OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva Sales. A profissionalização da docência e a formação do profissional da educação. **Revista Intersaberes**, v.11, n. 23, p. 421-440, maio-ago. 2016.

CASTRO, Magali de. **Percorrendo os caminhos da profissão docente**: estudo a partir da trajetória de professoras formadas nas primeiras décadas do século XX. PUC/Minas. Relatório de Pesquisa. fevereiro, 2005.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERRARI, Mari. A internacionalização dos institutos federais: um estudo sobre o acordo Brasil-Canadá. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 133, p. 1003-1019, out.-dez. 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302015000401003&lng=pt&nrm=iso&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302015000401003&lng=pt&nrm=iso&lng=pt). Acesso em: 10 set. 2020.

FONSECA, Christine Meyrelles Felipe da. **Noções de Didática**. Natal: IFRN, [2019].

FONTOURA, Elisângela de Oliveira. Lei 10.639/2003: uma análise de sua relevância no contexto escolar. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, XIII, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: EDUCERE, 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24954\\_12904.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24954_12904.pdf). Acesso em: 24 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: **Ação Educativa**, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo** - sentido e formas de uso. Estoril: Principia Editora, 2006.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967.

HENTGES, Angelita. A diversidade cultural como princípio pedagógico na formação de professores. Pelotas: **Revista Thema**, v. 13, n. 3, p. 88-93, 2016.

HENTGES, Angelita. **Imaginários fermentadores nas rodas de capoeira Angola do Accara**: Elementos de uma educação circular. 2016. Tese (Doutorado em

Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

HENTGES, Angelita; MORAES, Maria Laura Brenner; MOREIRA, Maria Isabel Giusti. Protótipo para avaliação da pertinência dos produtos educacionais desenvolvidos nos mestrados profissionais. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 4, p. 3-6, 2017.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL). **O Campus Pelotas-Visconde da Graça**. Pelotas: [IFSUL, 2020]. Disponível em: <http://cavg.ifsul.edu.br/o-cavg>. Acesso em: 10 mai. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL). **Histórico**. Pelotas: IFSUL, 2019. Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/historico>. Acesso em: 15 mai. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Informativo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41, em nov. 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.

INTITUTO PAULO FREIRE – IPF. **Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira**. São Paulo: IPF, [2012]. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 22 out. 2020.

IZZO, João Artur. Noosfera e midiosfera: o imaginário humano e o engenho da mídia. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – BOCC**. Rio de Janeiro: UFF, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-noosfera-joao.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2020.

KING, Joyce E. Usando o pensamento africano e o conhecimento nativo da comunidade. *In*: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves e (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 61-72.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; SCHEER, Micaele Irene. Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 133-152, dez. 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702012000500008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702012000500008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 mai. 2020.

MAIGA, Hassimi O. Nossa herança africana – reflexões de um educador do Mali em uma universidade historicamente negra. *In*: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves e (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 55-60.

MIRANDA, Sheila Ferreira. Políticas de identidade no contexto da discussão racial: a academia negra no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, Associação Brasileira de Psicologia Social, Belo Horizonte, 2017.

MOREIRA, Marco Antônio; MASSONI, Neusa Teresinha. **Epistemologias do Século XX**. São Paulo: EPU, 2011.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 out. 2020.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia** (estudo de contacto racial). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

REA, Silvana. Os caminhos da imaginação material. **Ide**, São Paulo, v. 32, n. 49, p. 50-64, dez. 2009. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010131062009000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062009000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23 jul. 2020.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Maria Lúcia da. **Memória dos professores negros e negras da UNILAB: tecendo saberes e práxis antirracistas**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/1537/2/Maria%20Lucia%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SOUSA, Cilene Franco de. **A vivência dos apelidos racistas em uma escola de Belo Horizonte**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Educação e Relações Étnico-Raciais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ADQRGL>. Acesso em: 25 jun. 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, UFPR, n. 65, p. 149-166, 2017.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

As entrevistas foram realizadas por meio do Google Meet e foram gravadas em vídeo e áudio, de modo que o termo de autorização foi lido na presença virtual de cada entrevistado(a) e a concordância e a autorização foram registradas na gravação. Neste sentido, segue o termo de consentimento adotado:

“Você está ciente de que sua participação nesta pesquisa de mestrado, intitulada “Os Imaginários da Formação Docente: As Memórias dos(as) Professores(as) Negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos *Campi* Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça”, é voluntária? Você concorda e autoriza o uso de suas respostas obtidas por meio de questionário e de entrevista e a utilização de sua imagem e áudio para a realização de um documentário? Você concorda e autoriza?”

## **APÊNDICE B – PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS (SEMI-ESTRUTURADA)**

1. Qual é o seu gênero?
2. Qual é tua idade?
3. Como tu te identifica com relação à tua etnia?
4. Qual é o teu Campus de atuação no IFSul?
5. Qual é a tua formação acadêmica? E qual é a tua titulação acadêmica?
6. Em tuas imagens pedagógicas, dos professores negros com os quais conviveste no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros(as)?
7. Caso tenhas tido algum(a/ns/as) professor(a/es/as) negro(a/s/as) (se não teve, passar para a próxima pergunta), quais inspirações relacionadas tu levas para a sala de aula?
8. Com relação às tuas memórias docentes, quais lembranças tens de casos de racismo presenciados com os alunos? E contra ti em sala de aula por parte dos estudantes? Lembras de casos de racismo por parte de teus colegas de docência?
9. Com relação às memórias do teu período de docência, como elas auxiliam na formação docente?
10. Como tu observas a contribuição da cultura negra na sua formação docente?
11. Como tu observas a relação entre a pandemia (COVID-19) e o negro na sociedade brasileira?
12. Como tu observas a Pandemia COVID-19 e os negros(as) na conjuntura atual?
13. Há algum assunto que foi contemplado pelas perguntas anteriores, mas que tu gostarias de comentar?

## APÊNDICE C – ENTREVISTA A

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul campus Pelotas

Idade: de 18 a 30 anos

Data de realização: 11 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 42' minutos e 47" segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada a “Entrevista A”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e a Entrevista A, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia onze de setembro de dois mil e vinte, às quatorze horas e dezesseis minutos, iniciou-se a entrevista junto a primeira educadora convidada, doravante denominada Entrevistada A. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**Entrevistador: Olá professora! Boa tarde, tudo bem?**

**Entrevistada A:** Tá, muito bem!

**Entrevistador:** Primeiro queria agradecer à disponibilidade e colaboração, a gente sabe que é um momento difícil, que nós estamos passando principalmente nas questões identidade, gênero e de raça no qual a gente discute. Gostaria de dizer que eu sou do programa de Mestrado, formalmente me apresentando sou orientado pela professora Angelita Hentges do PPGCiTed do CaVG. E a minha pesquisa como eu já falei, mas novamente para lhe inteirar, é sobre esse Imaginário e as Memórias dos professores negros dos dois *campus*. E que por sinal eu já soube que são poucos professores, e o que não me espanta de uma certa maneira que a gente sabe, pois nossa luta é diária. E a gente sabe que em todo momento a gente vem lutando.

**Entrevistada A:** É verdade. Eu que agradeço, a oportunidade e fico muito honrada e penso que nesse momento que a gente tá vivendo e esse tipo de prática, esse tipo de estudo, esse tipo de luta e esse movimento que tu estás fazendo e esse diálogo não pode parar. E vamos lá!

**Entrevistador:** Bom, então a gente pode começar. Eu vou fazer umas dez perguntas e são bem tranquilas. Perguntas realmente sobre as tuas memórias enquanto professora negra do IFSul e depois eu vou te mandar o *link* para responder o questionário e são praticamente as mesmas perguntas e a gente vai respondendo junto.

**Entrevista A:** Tá!

**Entrevistador:** Primeira pergunta, como a sra. se identifica, qual o teu gênero?

**Entrevistada A:** Isso é uma questão legal, por ser uma professora de filosofia e estudante de direito, eu não consigo dizer uma coisa só, né? Então, interessante perguntar isso, né? Até porque na nossa é isso, né? Até porque na nossa construção de gênero identidade e eu não percebia isso, e não faz muito né? Que eu em um determinado momento, me reconheci negra. Até então, eu não havia ainda conscientemente, voluntariamente, intelectualmente, me reconhecido como tal. Hoje, eu me identifico negra, preta, já me identifiquei negra parda. Né? Quando eu me identificava, negra parda, é um processo de análise que eu faço, eu por isso, a uma mudança né? E que será que quando eu me identificava negra, parda, não era o processo de branqueamento que a gente se fala? que tava querendo fazer do não me reconhecer inteiramente como negra? Então dada todas essas perspectivas essa problemática, que hoje me identifico.

**Entrevistador:** Qual a sua idade, se quiser responder, né?

**Entrevistada A:** Tá, 29 anos.

**Entrevistador:** A tua atuação no campus? Qual é o campus no IFSul? Pois, nós temos vários.

**Entrevistada A:** Hoje, eu estou lotada no campus Pelotas, eu sou professora Substituta, ali. Tá! Eu ingressei em 2019, fecho os dois anos em março de 202. E em 2014, eu também fui professora substituta do Campus Camaquã. Permaneci lá pelos dois anos, que é o limite previsto na legislação de ficar. E fiquei lá até 2016, e esse é um outro fator também, ahã... Sou professora negra do Instituto, uma das poucas, mas ainda substituta e não efetiva. Quando a gente olha para o cargo de efetivo, a gente tem menos e professores negros ainda.

**Entrevistador: Bom, a tua formação acadêmica? Tu já falaste, mas poderia reiterar, qual é a tua titulação acadêmica?**

**Entrevistada A:** Tá. Eu sou licenciada em filosofia, e mestra em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Terminei o meu mestrado em 2014. E 2016, 2017 eu fiz o ENEM novamente e ingressei no curso de Direito. Hoje, eu “tô” no quarto ano do curso de Direito da UFPel também. Eu sou acadêmica do curso de Bacharel em Direito. Essa é a formação.

**Entrevistador: Tá, bom, em tuas imagens pedagógicas dos professores negros ao qual conviveste no ambiente escolar até a tua formação profissional? Quantos consegues lembrar que eram negros?**

**Entrevistada A:** Outra questão bastante interessante, eu venho de periferia, né? Meus pais são... Meu pai trabalha no estado, né. Serviço Gerais. A minha mãe também como contratado já está 14 anos, no estado. E então, a gente vem de uma classe pobre, onde eu estudei em escola sempre pública, da rede estadual. E lá, e mesmo sendo ambiente nessas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, mesmo sendo um ambiente de periferia.

Ainda assim, a maioria dos meus colegas né, eram pessoas brancas, os professores também, eu não tenho a imagem, a lembrança, de professores negros no meu ensino básico. No meu ensino médio, eu tenho a lembrança ao e longo do ensino médio de lembrança de dois professores negros, uma dela era de Filosofia, e ela era professora temporária também, do estado. E no meio dos meus colegas mesmo estando no ambiente público de periferia a gente sabe né, que a um maior número de que habitam ali, ainda assim, na sala de aula dentre as minhas relações número da bastante reduzido. Por exemplo, uma sala de aula com 30 alunos, 5 eram negros quando muito né, as vezes eu me lembro de um, dois.

**Entrevistador: Isso quando tu fazias a faculdade de licenciatura?**

**Entrevistada A:** Isso. Aí depois então, eu tentei ingressar no antigo CEFET, né ainda, e não consegui. Passar no vestibular e não entrei. Continuei na rede pública. E na graduação de Filosofia, também sempre uma minoria de pessoas negras. E professores, isso é bem interessante né, até porque ali no curso de Filosofia, estou desde o início, depois que eu terminei meu mestrado eu, ingressei como professora do ensino à distância, né. Onde eu me encontro até hoje, vai fazer sete anos. E não há, nenhum Professor negro! Nem do quadro de efetivos, nem do quadro de substitutos. Nenhum!!!

**Entrevistador: Isso, no curso à distância? De qual?**

**Entrevistada A:** Isso, no curso à distância e no curso presencial. Nos dois. Tá! Porque... A maior parte dos professores, do presencial é os dos professores que estão no curso distância e os demais nenhum deles a sua raça é a raça negra.

**Entrevistador: Desses professores que tu tivesses ali na tua formação no médio, e no superior, é, tu tiveste alguma inspiração desses professores que tu levavas para tua sala de aula? Para tua docência, o teu exercício?**

**Entrevistada A:** (Momento de pensamento da entrevistada A) Eu tive, no ensino médio, né. E no direito eu não tive. Hoje eu também não tenho nenhum Professor negro. Tá, (momento pensativo da entrevistada A) eu levo esses dois professores do ensino médio como uma inspiração, no sentido, de luta para que cada vez mais eu enxergue ambientes coloridos, que a gente fala né. Que o meu filho, por exemplo, quando vá entrar na escola no ensino básico e graduação que ele enxergue professores negros e colegas negros que isso seja "mais normal", que o espaço seja mais colorido, porque ainda assim a gente não vê um espaço colorido, a gente não vê a homogeneidade dentro desses institutos. Mas esses professores que passaram pela minha formação eu não sinto eles como, não me passaram nenhuma ideia de força para o movimento de representatividade nesse sentido.

Hoje, eu digo que infelizmente o contexto talvez não tenha permitido, a falta de conhecimento em algumas discussões que a gente faz hoje e que eles não tiveram, né mas eles têm a influência por estarem naquele ambiente, por serem necessários naquele ambiente. E por eu me reconhecer neles porque quando **eles entravam em sala de aula, para dar uma aula, eu digo nossa, tem uma pessoa da cor da minha pele me dando aula isso me torna mais próxima do contexto. Isso, me torna mais normal., né nesse sentido sim.** Mas hoje eu volto aqui aquela realidade, isso para mim é muito difícil, depois de vinte anos de ensino básico, dez, quinze anos volto ao ambiente acadêmico de estudo, de intelectualidade, e não enxergo essa representatividade lá.

**Entrevistador: Entendi. Bom, professora, em relação as duas memórias docentes, as tuas lembranças. Quais lembranças tem de casos de racismo presenciados com os alunos? São três perguntas na mesma. Contra ti, por parte dos estudantes. E se tu lembra, de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência em algum momento? Não precisa citar nomes, nem nada, se tu tens lembranças? se tu lembra de casos?**

**Entrevistada A:** Por parte dos meus alunos, de mim como docente, e por mim como aluna.

**Entrevistador:** E tu presenciando esse fato, na tua presença . Em relação aos teus alunos? Contra ti? E o racismo perante os teus colegas, junto aos teus colegas.

**Entrevistada A:** Tá. Isso incorpora a ideia pelo que a gente entende por racismo, né. As pessoas hoje querem colocar apenas como uma ideia mascarada de preconceitos sem considerar todo o contexto que a gente viveu, toda questão de reparação histórica. E se envolve também aquele racismo que é direto, ofensivo, agressivo, físico e moralmente. E aquele racismo obscuro, mascarado. Esse racismo mascarado o presenciado (pensamento da entrevistada), por mais vezes, em diferentes momentos.

No momento em que, alguém estigma o teu papel naquele ambiente. No momento em que, me coloca em dúvida se tu é competente ou não para aquilo.

No momento em que, que as pessoas não te querem ali e não podem falar isso diretamente faz uso de diversas maneiras, para que tu saia dali, com aqueles discursos tu que lute, consegue desiste, pede para sair ou então, perante os alunos eu percebo muitas vezes isso. Uma negligência por parte do processo de ensino e aprendizado, tu que lute, eu não estou nem aí para tentar entender o teu contexto se tu não está entendendo a dinâmica e a metodologia aqui, simplesmente a gente vive em um ambiente acadêmico que o indivíduo está lá sendo avaliado, por nota, por peso e essas notas muitas vezes não dizem tudo e por meio, dessas avaliações. Você percebe o racismo engendrado em que eu estou forçando uma situação para que essas pessoas façam mais jus daquele espaço.

Racismo mais direto... agressivo... moral... Eu também eu faço parte do NEABI, do Instituto Federal do Campus Pelotas, e o NEABI já vem há anos desenvolvendo um trabalho e além de tentar incorporar essas pessoas, por que não basta ter a lei de cotas para essas pessoas entrarem para o Instituto, essas crianças muitas vezes tem pessoas lá, adolescentes de treze, quatorze anos pelo sistema de cotas muitas vezes e não basta entrar tem que ter toda uma política lá dentro de organização lá dentro para que as pessoas se sintam parte daquele espaço. É o processo talvez mais difícil, passei, aquela euforia e aí depois eu não me sinto parte.

Aí, o NEABI está ali para isso, mas também não só para isso, para fazer também que o Instituto reconheça que ele possui um papel. Não é só o NEABI que possui um papel, instituto em si. Então, haviam muitas práticas do Instituto de às vezes mascarar

alguns fatos, sempre no sentido de amenizar, "não foi isso que ele quis dizer", "o ato não foi voluntário", então não tem como a gente responsabilizar o indivíduo. Por isso, o NEABI veio justamente, foi um ganho, e aconteceu apenas este ano quando um dos fatos de racismo. O indivíduo que cometeu o racismo foi responsabilizado a nível de instituição. Infelizmente, a gente tem que adotar essas medidas e lutar por elas porque se dependesse meramente de um discurso moral, e eu sinto um pouco na pele porque a filosofia trabalha com esses justamente com esses aspectos, de ética, de moralidade, o certo, correto, de empatia, eu percebi por muitos anos que apenas esses discursos não funcionava.

Não funciona com a maioria das pessoas com quem realmente precisa. Então não é uma questão de punibilidade, questão de responsabilidade. Os indivíduos tem que aprender que, liberdade absoluta não existe dentro de uma sociedade. Liberdade ela é restrita, à medida que eu tenho a liberdade do outro eu tenho que respeitar essa liberdade. Se eu desrespeito essa liberdade, se eu infiro eu tenho que ser responsabilizado por eles, essa é uma medida princípios fundamentais dessa pessoa. Então, foi um caso, eu vou dar um exemplo, mas isso é comum de acontecer que acontecer. Aconteceu com um ingressante do primeiro semestre e aí tem uma abertura né, de acolhimento desses alunos por parte deste Instituto e o NEABI tem uma fala dentro dessa abertura. Durante a fala do NEABI dentro do grupo de WhatsApp da turma eles mencionaram figurinhas, memes, não sei como é que chama. Mencionaram para as pessoas né, que fazer parte daquele grupo em geral, algumas imagens e figuras racistas.

Uma que me impactou muito era uma mão branca e o e mão preta se apertando, se cumprimentando e dizia façamos as pazes entre brancos e não humanos. No sentido de que, a pessoa branca era humana e a pessoa negra era um não humano. É isso foi printado e chegou ao NEABI e nós lutamos para que alguma coisa fosse feita. Nesse sentido, o Instituto daí se posicionou, e eu particularmente entrei com alguns argumentos, o Instituto muitas vezes se posicionava e responsabilizava o indivíduo porque deixava o aluno em suspenso de por alguns dias porque o aluno foi encontrado matando aula ou encontraram na bolsa de alunos bebida alcoólica. Aquilo foi retirado e o aluno foi suspenso por determinados dias.

E daí, porque na lei já tá o crime de racismo e essa lei não é imputável a menores, mas lei está posta como está? E a gente sabe que é grave o que é um crime imprescritível e inafiançável. Por que que quando chega a nós alguma medida

também não é feita? Por que, não sei! que para esses atos, esses fatos para responsabilizar esses indivíduos, eles também tinham muito medo de sofrer processos. E vocês? Podem estar sofrendo processo contra vocês, por não terem feito nada! Um crime omissivo por parte da vítima que sofreu racismo e desse lado vocês não pensam também percebe que há uma discussão histórica, difícil uma discussão estrutural que a gente precisa desenvolver melhor.

E aí, está essa tomada de consciência e eles resolveram então por meio, busquei na OD da instituição, bases amparos legais do próprio ordenamento do Instituto para poder enquadrar e responsabilizar o sujeito pelo ato que ele havia praticado. E isso das diferentes formas num caso direto, não que a gente diz ser notório. Existem os outros isolados e que as pessoas ainda dizem que são brincadeiras a racista.

E eu... enquanto professora sofrer racismo (Pensamento da entrevista A), talvez seja uma forma de racismo quando eu... (entrevistada A) sinto que algumas pessoas desejariam que eu não estivesse naquele ambiente, percebo isso. Não é um discurso vitimista, não é um discurso prolixo isso é uma percepção que não pode ser desconsiderada dado tudo aquilo que a gente lê e conhece evidencia. Quando eu penso em atos de racismo contra mim, eu lembro mais na escola a questão de apelidos, a questão de xingamentos como macaco, desumanização, o negro burro, a negra que serve bem e para cozinhar para cuidar dos filhos. Para que tu tá estudando? Se o teu futuro é trabalhar da minha casa como cozinheira e baba.

Ali era mais forte, eu me lembro de uma vez que eu tinha uma colega que o pai dela era escrivão do fórum e o diretor da nossa escola morava no condomínio dela. E eu morava no condomínio à frente do deles, e disse eu sempre vou com e a gente aproveita para caminhar e ele disse vamos todos dou carona para vocês.

Eu sentei no banco e no momento da conversa ele se refere a ela, num discurso de linguagem com ela e pergunta, quem é esta negrinha aí atrás? Isso para mim é muito forte! Sabe? Naquele contexto eu não sabia dos meus direitos, eu daquilo, “tava” dentro de um contexto que nós negros temos que saber lidar do nosso psicológico, não se vitimizar e eu não soube lidar.

Aquilo me magoou e me chocou, me constrangeu. Eu me senti mais constrangida. E não sabia como sair daquela situação, louca para chegar em casa. E trata da maneira que dá, mas enfim. Às vezes eu me pergunto enquanto um concurso público é transparente, ele passa por uma série de etapas bastante claras mas e características do concurso, e por que não há professores negros?

Eu faço parte do COCHTECH (Coordenadoria de Ciências Humanas) e nós teremos ainda bem um professor negro efetivo, o professor André é um grande nome enquanto causa do movimento negro e um grande sociólogo. E eu, enquanto substituta. Mas a maioria das coordenadorias a gente não enxerga nenhum professor ou professora negra nem como efetivo, nem como substituto, será que só uma questão e não entra porque não são capazes? Né! Só me perguntando por que não, da cultura, mas quando a gente tem oportunidade de praticar a gente deixa de praticar.

**Entrevistador: Professora, um questionamento que me veio? Tu achas? Tu falas em relação a esse preconceito mais na escola. Lá no fundamental, médio. E a partir do momento que tu consegues entender, tu por ser uma negra mais clara, do que os outros, tu achas que essa dosimetria, existe ou não? No teu ponto de vista, dessas questões de racismo que tu já passaste.**

**Entrevista A:** Existe. E existe não só na cor da pele, né. Porque percebe né dentro e que tu me fizestes aquela pergunta inicial, como que eu me identifico. O porque também dentro do nosso discurso, momento quando o movimento negro a gente tem que caracterizar, subdividir cor de pele. Talvez seja essa a grande temática, né? Angela Davis, já falava sobre isso. Talvez o preconceito como é esses conceitos de raça, de etnia quando a gente ainda conceitua, quando fora esses conceitos, né que aí esteja o grande problema. Mas eu identifico não só na questão da pele a cor da pele, ser mais clara ou ser mais escura, mas a questão da classe social.

E aí, a gente entra naquela questão de um racismo estrutural na tentativa de soluções com discussões interseccionais. No sentido, de bom eu hoje sei o quanto foi difícil de chegar onde eu cheguei/ muito embora ainda eu não tenho aquela estabilidade profissional, não tenho ainda a estabilidade gostaria de ter financeiramente. Mas, eu percebo que hoje em uma condição de privilégios frente a outras pessoas negras. Tudo não é medido só pela tua cor tu, é medido pela classe em que tu ocupa, pelo salário que tu ganha, o carro que tu anda, pela maneira que tu fala e te comporta, então, o negro tem que ser ainda melhor. Ainda, de além de parar o racismo e se colocando em sociedade, eu não quero uma oportunidade! Eu quero direito de estar ali, eu tenho o direito! Porque eu sou capaz, eu sou mulher, e aí a gente vê que tem que fazer uma força esses conjunto de coisas, que a além de ser negro, a gente tem que estar num padrão que a sociedade te exige. Obviamente, fatos e atos racistas diferentes de que uma pessoa com a pele mais escura uma pessoa com a pele mais

clara. De uma pessoa negra pobre, de uma pessoa negra da classe média e alta eu percebo essa diferença. Não sei se eu respondi a tua pergunta?

**Entrevistador:** Respondeu. Respondeu. Pois, dentro dos movimentos muito se fala dessas questões. Bom, já estamos quase chegando ao final das nossas perguntas. Primeiro, sobre a Pandemia da COVID -19, o que tu observas dessas relações da pandemia e o negro na sociedade?

**Entrevista A:** A pandemia série de questionamentos e uma série de mudanças não só a nível da discussão teórica, mas também prática. O que que eu observo com a pandemia, tem pessoas que dizem a pandemia vai deixar as pessoas melhores. Eu discordo um pouco disso, acho que quem é melhor vai se tornar melhor, e quem é pior vai se tornar pior.

E quem está no processo de formação de caráter, bom aí tem uma possibilidade que é aonde a gente enxerga uma certa Esperança de continuar a luta. Mas eu percebo que muitas pessoas se desempregaram, era uma luta para se manter ou para garantir espaço pessoas para garantir os seus espaços enquanto trabalhadores, alunos, adolescentes para o para o seu espaço na universidade e nos institutos, que onde a gente infelizmente sabe que tem uma diferença de ensino que não deveria mas tem. Então que esses alunos, e essa minoria de direito e são maioria populacional tem um acesso a esses espaços. Eu percebo com a pandemia que houve e está havendo aumento da desigualdade e isso é bem doloroso, e tem os dois papéis de continuar lutando, que ele que a gente fica um tanto estático se não tivesse o que fazer. Por exemplo, o Instituto está voltando remotamente ao ensino professores vamos dar aula para quem? Que tem possibilidade de voltar aos estudos como é exigido? Quem tem computador para entrar? Quem tem internet? Quem tem passo silencioso para uma ou duas horas para ali se concentrar como deve no seus estudos? Quem tem esse contexto propício para voltar ao ensino remoto?

A gente sabe que por isso as políticas públicas, por isso as cotas, pois esse reparo social e melhor pensado sabe que essas pessoas que necessitam das cotas e estão e exercem seu direito de ser cotista São pessoas que também possuem uma classe social também mais baixa, vivem em estado de vulnerabilidade social e econômica. Então eu acho que temia veio para deixar isso mais escancarado.

Por mais que a gente diga vamos ter a preocupação coisa por exemplo, pessoas negras, mulheres. fomentar o trabalho dessas pessoas, isso é mínimo do perto do que

deveria ser, então, não conseguir voltar e aí tem toda uma questão prática, para eles não perdendo o ano letivo, quanto psicológica, que eu não faço parte.

De novo, todo aquele processo de anos que a gente tentou construir para as pessoas se sentirem parte, do Instituto, da universidade onde elas estão pode ser desconstruído, porque eu não faço parte, porque eu não tenho internet, porque a gente vai cair, porque eu vou estar tentando me concentrar em uma aula com meu professor e eu tenho os meus irmãozinhos que vão estar brincando, ou a minha mãe e o meu pai que podem estar trabalhando em casa, e eu não vou conseguir me concentrar, ou eu posso ter uma outra pessoa da família comigo que é doente que precisa dos meus cuidados. Eu posso estar na condição agora de pessoa que tem que ajudar financeiramente a minha família.

E fora do mercado de trabalho informal, o que a gente tem no Brasil e os números do desemprego que emergiram na pandemia. O brabo disto também é que toda responsabilidade daqui a pouco e isso cuidado ela vai ser jogada na pandemia. Eu sinto isso também, desgraçaram-se as coisas por causa da pandemia e aí de novo tiram a obrigação que é do estado, e das figuras, do direito e joga a responsabilidade para o outro fator para amenizar, brabo é que a grande maioria das pessoas acreditam. E aí, vem isso como um privilégio, quando eu falei em privilégio, a gente fala em privilégio entre aspas, no sentido da nossa identidade, mas essas pessoas vão ver o privilégio como a grosso modo. Enfim...

**Entrevistador: Tá, certo. Até para eu fechar as minhas perguntas, depois eu quero até, contemplei alguma coisa que quiseres falar. Depois eu até quero saber se eu não contemplei alguma coisa que tu quiseres falar, para mim é importante. Eu tenho uma última pergunta, aproveitando a questão de identidade. Como tu observa essa contribuição da cultura negra na tua formação docente? Na cultura no sentido bem *lato*, *lato sensu*, bem amplo. Na tua construção enquanto educadora, na tua formação como docente? Se é que tu percebes.**

**Entrevistada A:** Não sei se eu entendi a tua pergunta, é...

**Entrevistador: A contribuição da cultura negra, na tua formação como docente?**

**Entrevistada A:** Essa é uma pergunta interessante. Porque se enquadra muito na questão quando o curso de licenciatura em filosofia, em que me reconheci negra. Quando eu entrei na Filosofia, eu entrei num curso de licenciatura em filosofia, agora

ele está querendo se desconstruir, um curso muito conservador, classista, intelectualidade de verdade ela só existe no ocidente, europeu.

Eu tinha professores que diziam que a filosofia nasceu na Grécia e morreu na Grécia, que não havia possibilidade de se pensar ou estudar em filosofia oriental. Então, filosofia africana, eu entrei ali na minha causa enquanto o movimento negro que eu precisava descobrir para sentir parte, momento me diz caracterizava enquanto mulher negra, sujeito de direito nesse sentido para mim engendrar nesses espaços. Então, o meu mestrado foi em Aristóteles em ética aristotélica, e muitas pessoas hoje tem muita curiosidade de como uma mulher negra conseguiu fazer um mestrado Aristóteles, em ética aristotélica.

Hoje, primeiro eu me pergunto, embora eu gosto muito, eu gosto muito de retomar a ética nicomaqueia de Aristóteles. Mas de novo né observando apenas o seu lado prático da ética como forma de Conduta como forma de caráter daquele indivíduo formado e sociedade. Obviamente, que lá eles sempre me disseram que a gente tem que entender o contexto do autor do filósofo, que a gente usar esse discurso hoje em dia, a gente deixa de lutar, sobre essas questões, mais para não passar mais polêmicas difíceis de engolir em Aristóteles. Eu não estudava deixava de lado, por exemplo, embora os escravos não fossem somente pessoas as negras naquela época, mas que os escravos eram equiparados a animais, aos seres vivos, e que quando se falava em cidadão a parte de homens na sociedade que faziam, então até ali, eu acho que o "IF" me ajudou muito nesse sentido e me descobri enquanto mulher negra e hoje e quanto formação enquanto cultura eu tento fazer essa Associação de ideias entre aquilo que a academia me ensinou e eu acho super válido, são as bases do conhecimento da faculdade que eu escolhi pode ser só isso e precisa estar relacionado sobre as outras coisas filosofia africana, filosofia oriental aspectos sociais e culturais da cultura Negra e discutir e problematizar filosoficamente. Ele no sentido filosófico do direito, no direito, eu senti força de iniciar um curso, mas eu te confesso que eu (Entrevistada A) ontem comentava isso com um amigo, que parece às vezes que eu vou ter que voltar em muitos momentos a ser a (Entrevistada A) da filosofia, e o lugar significa terminar o curso de Direito.

Se eu for (Entrevista A) que eu quero desejo ser, eu não termino curso de Direito. E aí de novo a questão, eu me sinto sim às vezes a ferida a questão do racismo, muito de racismo, mas eu não acho, ser desse ou desse movimento, tu não podes fazer parte aqui. Fez matizar um pouco as ideias e concepções para poder continuar nesse

ambiente. Mas para que possa ter habilidade como os delegados gostam de dizer botar o pé na porta e quem sabe fazer um pouco do papel que eu gostaria de ser. Mas veja bem, como é que é para te fazer parte de um grupo, tu não pode mostrar o que realmente é... mas tu continua na luta para não dar espaço para outros para exercer o meu direito de ser professora, advogado, que eu realmente quiser ser.

**Entrevistador: Então (Entrevistada A), te agradeço a participação e vamos encerrando por aqui! Lembrando que serão objetos o questionário e as entrevistas, e depois eu vou decupar. E vou selecionar alguns trechos para fazer o documentário, assim que fizer mando para vocês.**

**Entrevista A:** É verdade. Eu que agradeço, e espero o convite para banca e tudo de bom! E parabéns!!!

## APÊNDICE D – ENTREVISTA B

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 31 a 45 anos

Data de realização: 14 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 34' minutos e 09" segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada a “Entrevista B”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e a Entrevista B, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia quatorze de setembro de dois mil e vinte, às quatorze horas e trinta minutos, iniciou-se a entrevista junto a educadora convidada, doravante denominada Entrevistada B. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: Boa tarde! Bom, Entrevistada B, então vamos começar. É bem simples, também, aí no final, quando a gente terminar a entrevista, eu vou te mandar um *link*, já agora, no Whats, né, com um questionário e aí a gente vai respondendo junto por aqui, tá?**

**ENTREVISTADA B:** Claro.

**ENTREVISTADOR: Vou te mandar pelo teu WhatsApp, depois ali. Bom, primeira pergunta. Qual é o seu gênero, que tu se identifica, mulher, homem, outro?**

**ENTREVISTADA B:** Mulher. Mulher.

**ENTREVISTADOR: Tá. Qual a sua idade? Se tu quiser responder.**

**ENTREVISTADA B:** 45.

**ENTREVISTADOR: Ok. Como tu... tu te identifica em relação a tua etnia?**

**ENTREVISTADA B:** Negra.

**ENTREVISTADOR: Tá. Qual é o teu Campus de atuação no IFSul?**

**ENTREVISTADA B:** Campus Pelotas.

**ENTREVISTADOR: Qual é a tua formação acadêmica e qual a tua titulação acadêmica?**

**ENTREVISTADA B:** Formação acadêmica, então, licenciatura em Artes com habilitação em Desenho e Computação Gráfica, pela UFPel, especialização em Gráfica Digital pela UFPel, mestrado em Design, Educação e Inovação pela UniRitter, de Porto Alegre, atualmente doutoranda no PPG em Antologia da UFPel, então a titulação é mestre em Design, até agora.

**ENTREVISTADOR: Bom, a sexta pergunta. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros quais... que conviveste no ambiente escolar até sua formação profissional, eram negros? Se tu lembra. Da...**

**ENTREVISTADA B:** Pouquíssimos.

**ENTREVISTADOR: Oi?**

**ENTREVISTADA B:** Pouquíssimos, na verdade. Posso...

**ENTREVISTADOR: Tu lembra? Tu lembra de algum, assim? Um...**

**ENTREVISTADA B:** Lembro. Lembro de todos, na verdade. Não sei se já começo...

**ENTREVISTADOR: Pode ser. Então eu posso já te perguntar, te fazer a outra pergunta. Caso tenhas algum professor ou professora, negro e negra... que tivesse, tu me disse... o que tu leva dessas inspirações, desses professores, pra sala de aula. Se é que tu leva alguma inspiração pra sala de aula.**

**ENTREVISTADA B:** Certo. Então, eu tive a sorte, e eu costumo dizer a sorte, de as minhas duas primeiras professoras na vida terem sido mulheres negras, tá? Na escola Balbino Mascarenhas, uma escola municipal que fica ali no Simões Lopes. Então meu jardim de infância foi com a professora Marisa, não lembro o sobrenome, e depois o meu... a primeira série, que agora é primeiro ano, com a professora Joanir, né? Eu só me dei conta, eu acho que... sei lá... lá pelo ensino médio, talvez... Que eu queria ser professora por causa dessas mulheres, né. Então... só que ao longo... aí depois ao longo da minha trajetória acadêmica, eu tive, na oitava série, um professor negro, de matemática, chamado Sérgio Motta, e era muito incomum aquilo para mim, assim. Muito incomum, sabe? Era uma... uma coisa completamente descontextualizada dentro da realidade da escola. E eu acho que ele era, assim, quando estudava lá, acho que o único professor negro que eu via, dentro da escola. Então era muito

incomum, assim. Extremamente, assim, competente e rígido, assim, nas cobranças, muito sério. Lembro disso, essa é a lembrança que eu tenho dele.

Eu fiz o meu ensino médio, né, fiz um técnico, no IFSul. Na verdade era Escola Técnica, foi Mecânica Industrial, e o professor Antônio Carlos Ribeiro foi meu professor, né. Por coincidência, ele faz parte da minha família, é casado com uma prima da minha mãe, mas foi meu professor também.

Então essas são as minhas quatro referências ao longo da minha vida acadêmica. Na graduação não tive nenhum, na pós-graduação também não, e no doutorado, até agora, nenhum.

**ENTREVISTADOR: Bom, vamos pra oitava pergunta, então. Com relação às tuas memórias docentes, quais lembranças tens de casos de racismo presenciados com os alunos, tá, com os alunos, contra ti em sala de aula por parte dos estudantes e se tu lembras de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Aí, assim, tu não precisa mencionar nomes, nem nada, assim. Só, exceções, caso tu queira falar, também.**

**ENTREVISTADA B:** Olha... vários... vários... Vamos por partes. Com os alunos, né?

**ENTREVISTADOR:** Isso, com os alunos.

**ENTREVISTADA B:** Com os alunos. Bom, eu vim... não trabalhei só no IFSul, eu trabalhei em escolas periféricas, né, poderia citar algumas, trabalhei na... no Geremias Frois, trabalhei no Saldanha Gama, trabalhei no Nossa Senhora das Dores, trabalhei no Colégio Municipal Pelotense... a última escola municipal que eu trabalhei, e no IFSul.

Assim, a questão do racismo, assim, eu posso te relatar o caso mais recente, assim, que é o que tá mais vivo na minha memória, né, que infelizmente aconteceu dentro do IFSul, dentro do Campus Pelotas, num grupo de WhatsApp. É, eu falo muito desse... foi uma questão muito polêmica pra gente tratar, pra gente abordar, e principalmente, pra gente definir isso como racismo, né. E foi um embate tão complicado, porque a gente começa a ter noção de como o racismo estrutural ele tá presente no nosso dia a dia.

Então, o que acontece... essa... a menina em questão foi exposta em um grupo de WhatsApp com aqueles... com aquelas figurinhas, né, aqueles memes. racistas. E ela questionou e os colegas não atenderam a solicitação dela, de estar se sentindo ofendida e ela levou a situação adiante.

E aí houve todo um movimento dentro da... na época eu participava da... NEABI, Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, mas essa menina, ela me procurou e procurou uma outra professora, que é a Nadja – ai, não era pra ter falado o nome, mas enfim, não tem problema –, porque a Nadja é negra clara, então... e desabafou. Na verdade, procurou primeiro essa professora, depois procurou a mim. E aí a gente começou toda uma mobilização pra tentar uma alternativa, né. Primeiramente, “não, porque essa menina não tem perfil, ela é repetente, ela não assiste aula, e...”, e eu insistindo que isso não tem nada a ver. Uma coisa é o perfil acadêmico, outra coisa é a ofensa, né? “Ah, mas ela...” Meio que assim, o que que eu percebi, William, que existe um movimento sempre pra nos desacreditar, principalmente quando a gente é minoria, sabe?

Então, a... e a coisa é tão forte, tão massiva, que às vezes a gente desiste, desiste de denunciar, porque até tu mesmo, que sofreu a ofensa, tu fica em dúvida se aquilo realmente foi uma ofensa, sabe? Porque são várias forças te dizendo que não, que não, que não, mas enfim.

Foi um embate que envolveu várias reuniões, vários... assim, foi extremamente desgastante, foi frustrante, mas enfim nós conseguimos algumas coisas que não tinham acontecido. Nós publicamos uma nota de repúdio, né, nas redes sociais, porque isso foi pras redes sociais, foi amplamente debatido, nós conseguimos fazer um trabalho na turma dessa menina, né, pedagógico, a coordenação do curso em seguida trocou, então a coordenadora do curso ela foi incansável, no sentido de proporcionar um espaço pra gente debater isso dentro da sala de aula, e fazer toda uma construção, né, sobre o racismo, que isso não tá ainda permeado nos currículos, então... sabe?

Foi um trabalho bem intenso nesse sentido, e as reuniões pedagógicas também com o grupo de docência, né? E aí vem as inseguranças dos professores. Muitos dizem assim “ah, mas quando eu vejo, eu não tenho certeza, aí eu não falo nada”, “ah, mas e como é que eu ajo? Eu posso dizer que vou penalizar, eu posso que vou...”, sabe? Tinha... A gente tem que olhar os dois lados, não é defender, mas entender que isso só demonstra uma coisa, que acho que isso pode ajudar no teu trabalho, [não tem preparo] para os docentes. Os docentes não tem preparo para lidar com situações de enfrentamento ao racismo, não tem.

E a pressão da hegemonia da branquitude, ela é imensa, porque assim, ó, qual é o perfil dos alunos que fizeram bullying, ou agressão, ou racismo, são alunos ótimos, de

boas famílias, tem boas notas, né, jamais fariam... ou então fizeram, não foi intencional. Esse era o discurso. Contra o discurso de que “ah, mas ela é irresponsável, é repetente, vive matando aula”, entendesse? E aí a gente cai nos estereótipos associados à negritude, que o negro é preguiçoso, que ele não quer fazer nada, que ele não tem perfil pra estudar e que ele tá deslocado dentro de um contexto embranquecido, que já... que atualmente, e na maioria, é o contexto acadêmico.

Então essa foi uma situação, assim, que ela, ela ainda me incomoda bastante, gente... Eu sei que foi um baita ganho com relação à posicionamentos dentro da instituição, né, mas a gente ainda tem muito ainda a evoluir, muito ainda a crescer, sem dúvidas, assim, ó. Foi só o começo, e os meus colegas, né, os que tu teve contato, eles tão na batalha, assim, né. E assim, a gente tem que entender as diversas esferas, né, porque é um movimento que a gente tem que fazer dentro da instituição, que vá até o topo da gestão, pra que isso venha como uma postura, né, e tá acontecendo de forma muito devagar, mas tá. E quando a gente participa desses movimentos, a gente vê as resistências, né, e aí de novo, a estrutura, ela é brutal. Brutal. Porque se... se coloca vários argumentos, vários posicionamentos, “não é racismo, é inviável não dá, a gente vai ofender as pessoas”, tá, mas e quem já foi ofendido? Como é que fica? Então... complicado.

**ENTREVISTADOR:** Sim. Contra... e contra ti, contra... por parte dos estudantes, se tu lembra. E também, por parte dos teus colegas de docência, assim. Consegue lembrar? Ou não queres falar.

**ENTREVISTADA B:** Posso, posso falar. Teve uma vez... bom, eu não cheguei a ouvir, né, um aluno me relatou, né, de uma aluna, né, questionada, ficou descontente com a nota, né, e com a postura diante da turma, aquela turma super bagunceira, uma turma de noturno, pensa, [incompreensível], então eu adotei uma postura mais firme. Minha disciplina é Artes, então tu pensa, artes, de noite, terceiro ano do ensino médio, tinha um pessoal que não queria nada com nada, então... eu sei que, em geral, minhas relações com os alunos são ótimas, mas em algumas turmas tu tem que adotar uma postura não tão amistosa, né, tem que ser mais dura, cobrar mais, eles acham que não vão fazer as coisas, não vai acontecer nada, e essa aluna disse “quem essa macaca pensa que ela é? Ela não vai me rodar.” Simples assim. Né?

Eu... na época, eu fiquei sem reação, eu não consegui fazer nada. E... e essa é a reação que a gente tem normalmente, a gente paralisa, né, a gente não consegue

fazer nada, né. Ah, isso foi uma situação de racismo declarada, de aluno e professor; existem outras situações.

Tu tá dando aula, explicando o conteúdo e o aluno tá no... no celular, conferindo se o que tu tá falando é verdade e te questiona. Já aconteceu várias vezes. “Ah, mas esse [...] que tu tá dizendo, em tal coisa, assim, assim, assim”, eu digo, “bom, no final da minha apresentação sempre tem as referências bibliográficas, então a partir dessas referências que foi construída a aula de vocês, se vocês forem nessas referências, vocês vão achar o que eu tô falando.” Tem que ir sempre preparada, sempre armada. Essa foi uma, deixa eu ver, tem mais... tem mais... tem mais. Né?

E a questão da nota, também, sempre é, sempre é pessoalizado, porque... claro, a gente estuda um pouquinho mais, a gente vai entendendo que, qual é a visão que é tida, né, sobre nós, negros e negras, nosso papel sempre foi servir, né, sempre foi subalterno, nunca foi decidir, ou gerir, ou definir a vida ou a trajetória de alguém. E ser professor, é uma... é permeado por uma relação de poder, então a nota representa isso. Então como assim, a pessoa que a pouco tempo era o objeto, daqui a pouco tempo era minha empregada, minha faxineira, né, que é... é o estereótipo que a gente é associado sempre, como que ela vai me dizer se eu passo ou não, se eu rodo ou não, né... E até a forma de tratar, né, então dependendo do que [...], tu tem que, às vezes, ser firme e até vou te dizer assim, bem antipático. E aí entra “ah, mas é metida, não pode, né, não pode estar num carguinho que se acha”, então, né. Mas isso aí tá permeado pela estrutura, né, permeado pela estrutura.

Ah, teve uma vez, dentro do Pelotense, que eu quase fui agredida, foi uma situação bem complicada. Mesma situação, o aluno sumiu, não fazia nada. E aí um dia, eu “tava” numa sala, que a gente trabalhava com audiovisual... sozinha, de noite, eu tinha plantão... eu ajudava no audiovisual, “tava” sozinha nessa sala e... e esse aluno... tu me conhece, eu sou miudinha... esse aluno eu acho que tinha quase dois metros de altura, o cara devia pesar, sei lá, uns 120 kg, por aí... e ele apareceu... ele viu que “tava” reprovado e ele entrou gritando porta adentro, gritando, ele me encurralou assim, num cantinho, “tu quer acabar com a minha vida, quem tu tá pensando que tu é”, e não sei o quê... sabe, assim, ó... E despejou todas as ofensas que tu pode imaginar, e eu só conseguia dizer para ele “para e vamos até a direção pra conversar, sai de cima de mim, para”, e eu fiquei firme, né. Bah, aí ele gritou, gritou e aí alguém passou no corredor eu acho, que a porta estava aberta, e ele recuou. E eu consegui sair da sala e fui até direção, porque é perto, assim, é perto. Expliquei o que “tava”

acontecendo e quando eu saí dali, eu desabei, desabei, assim, ó... eu não conseguia parar de chorar... eu não conseguia, sabe, eu não conseguia reagir, não conseguia fazer nada, a ponto de uma colega ter que parar o serviço dela e me trazer para casa. Ela me deu uma carona, eu não tinha condições, eu cheguei em casa [e] eu não conseguia explicar o que tinha acontecido, sabe, assim... Mas eu fiquei... não, e eu “tava”, não sei se ele tinha algum problema, mas ele “tava extremamente descontrolado. Mas ver que ele sentiu que ele tinha liberdade pra questionar uma postura que ele estava completamente errado, completamente equivocado, ele não tinha a menor razão, ele não tinha nota, não tinha frequência, não tinha nada, sabe? Então... é agressão todo o tempo, né, todo o tempo. Às vezes de forma mais sutil, às vezes de forma escancarada.

Bom, enfim... nesse... passando isso, assim, ele acabou não ficando na escola, enfim, passou,... Mas são coisas que a gente pega e guarda, né, joga para trás e enfim. São as que eu lembro, assim, mais ou menos, de aluno. Teriam mais, com certeza. De aluno... E tu perguntou também de...

**ENTREVISTADOR: De por parte dos teus colegas de docência, em algum momento da tua vida, se tu teve, assim, alguma situação.**

**ENTREVISTADA B:** Sim.

**ENTREVISTADOR: Se tu quiser falar, é tudo se tu quiser falar.**

**ENTREVISTADA B:** É que a gente precisa falar, até pras pessoas aprenderem. Eu acho que, né, as pessoas vão pegar, e aí tu também tem a liberdade de colocar, se tu quiser, né, eu tô tendo uma conversa bem franca contigo e tu filtra o que tu vai usar.

**ENTREVISTADOR: Tá.**

**ENTREVISTADA B:** Né? Quando eu tava... Deus do céu... eu vou falar a cena e tu imagina.

**ENTREVISTADOR: Isso, não precisa mencionar lugar, nem nada, só...**

**ENTREVISTADA B:** Aham. Quando eu cheguei nova pra trabalhar, né, a professora nova, a única negra, né, que isso é bem comum, né, eu era... as pessoas se referiam a mim como a nova aquisição. “Essa é a nossa nova aquisição”, entendesse?

**ENTREVISTADOR:** Que horror.

**ENTREVISTADA B:** Uma. Mesmo lugar, dividia uma sala com uma colega, e né, sala de desenho, tem que ter um certo cuidado com as mesas, os plásticos, enfim. E aí peguei e aí... tinha uma função, assim, de sempre um exagero, uma cobrança, no sentido da organização da sala, e eu sempre fui muito, né, correta. Dizia para os

alunos organizarem, tal, tal, tal. Foi levado pra uma reunião: “ah, porque não dá, porque eu entro depois da Teresa para trabalhar e a sala tá sempre uma bagunça, porque não sei o quê, as mesas riscadas, o plástico custa caro, não sei o quê”, digo, “olha, eu costumo revisar quando eu saio, e outra, né, se eu vejo que alguém tá depredando, tá riscando, já vou lá e já chamo atenção”. “Não, mas eu acho que tu tem que pegar e fazer uma limpeza nas mesas, que eu faço”. Eu digo “não, eu não vou fazer, o pessoal da limpeza faz, né, não vou fazer, sinto muito, eu tenho mais o que fazer. Agora tu não vai querer que a cada vez que eu sei que tu tem aula depois de mim, que eu pegue e limpe”. Né? [o que for?] A pessoa não ficou muito contente.

E, inclusive, a chefia, que estava na reunião, disse “ah, mas isso não tem nada a ver, tu tem... tu tem que aprender a cuidar do teu espaço de trabalho, não vejo nada demais”. Eu digo. Bom... Aí começou a negra antipática a incomodar, que era eu, né. Não contente, num outro dia, a pessoa foi na sala depois que tinha terminado a minha aula, para medir a função de umas cortinas e ela abriu o armário e disse assim “olha, vou te mostrar qual é o produtinho que a gente tem que usar nas mesas para limpar, tira todos os riscos de lápis, olha como tu tem que fazer. Tu pega o paninho, passa e, assim, ó, tu estraga na mesa”. Eu fiquei olhando pra ela, né. E saí. Saí. Saí... e de novo, né, aí esse dia eu lembro que eu fui embora, assim, com um nó na garganta, de... a pessoa nunca te enxerga como igual, né, nunca. Nunca. Né, porque assim, ó, eu sei que se alguma, se qualquer outra pessoa, uma pessoa branca, ouvir isso, “tá, mas que que tem, né, que que tem te mandar limpar uma mesa”. Mas se a gente entender toda carga que tem por trás disso e colocar na cena o olhar, a postura, né, e o tom da voz, da imposição, da ordem, a gente entende que tem uma relação racionalizada ali e, principalmente, de hierarquia, né, então...

E... e aí foi... só que, claro... nesse ambiente que eu tava, né, eu já era mais velha, mais amadurecida, então eu comecei a me... Na verdade, assim, essas situações ruins, essas duas últimas que eu te relato, foi no mesmo lugar. E me po... embora tenha sido extremamente doloroso falar disso e viver isso, porque eu fiquei assim, né, isso me ajudou a entender que eu tinha que me posicionar mais.

Eu sou uma pessoa muito tranquila no sentido das relações, principalmente as relações de trabalho. Se tu falar com qualquer pessoa que já trabalhou comigo, né, raras vão ser as pessoas que vão dizer que não gostam de mim, mas, né, mas eu costumo ter boas relações de trabalho. Só que nesse lugar, eu precisei sair da minha zona de conforto e bater de frente, porque eu tava adoecendo nesse lugar, eu tava

mal, eu não tava me sentindo valorizada, na verdade, eu me sentia subaproveitada, eu servia pra fazer qualquer coisa, menos o que eu tinha pra fazer. E isso tava me atrapalhando, então... a minha luta foi sair deste lugar. Bom, eu tive que brigar com a gestão para sair desse lugar. Depois eu te conto que lugar era.

**ENTREVISTADOR: Tá bem. Professora, vamos ao próximo, a próxima pergunta. Com relação às memórias do teu período de docência, tá, o tempo que tu já está exercendo a tua docência, até hoje. Como elas auxiliam na formação docente? Enquanto constituição de professora, o que essas suas memórias... como elas fazem a tua aula, elas... se...**

**ENTREVISTADA B:** Aham. Ajudam muito, muito. Primeiro, por esses exemplos que eu te relatei, né, desses docentes, foram pessoas muito legais, assim, cada um com a sua particularidade, mas... principalmente, assim, ó, o que que eu acho que é importante, da mesma forma que os alunos olhavam pra mim e pensavam que eu não era da cidade, que era muito incomum ter uma professora negra, então assim... não era da cidade, ou perguntavam “ah, mas tu fez... tu te formou na UFPel, mesmo?”, digo “sim, na UFPel mesmo”, “e tu é de Pelotas?”, “sim, toda vida, nascida e criada em Pelotas, no bairro Simões Lopes, né, um bairro periférico”. Muito negro, por sinal, é um bairro que tem um dos maiores, né, expressiva população negra, “sou daqui, né, tenho uma vida bem parecida com a de vocês”. Essa trajetória, desses professores, quando a gente tá... eu entendo que quando a gente tá a frente de uma turma, e os alunos tem essa leitura da gente, entendem de onde a gente veio, como foi até ali, eles conseguem ver que ali dentro a gente tá quebrando um padrão, né.

E segundo, que é possível, principalmente os alunos negros, né, que acham que a escola não é pra eles, que acham que eles nunca vão chegar a ser professores um dia... alguns pensam assim, infelizmente, mas eles veem que alguém, né, que eles tão em uma região parecida ou no mesmo lugar... pode, né, e isso ajuda muito a estimular esses alunos, a incentivar mais. Sou amiga dos meus alunos, mas eu cobro bastante, cobro não só o que tá ali, mas cobro na vida, né. Estudem, façam as coisas corretamente, enfim, né, aproveitem as oportunidades, vão se qualificar, não fiquem só no básico, então... essas outras coisas, então... e por viver essas coisas, né, tipo assim, né, não tá certo, ajudar a denunciar situações de racismo, isso tudo ajuda. Fortalece a gente a... a mostrar como é que, olha, as coisas não podem continuar sendo do jeito que são, a gente tem que mudar. Só que a gente tem que começar.

Eu tenho certeza, assim, que essa geração mais, mais recente, assim, essa geração que tá na graduação, a geração da idade do meu filho, que tem 25 anos, por exemplo, eles têm outra postura. Mas eu, por exemplo, eu criei meu filho, assim, ó, ele não é um aluno padrão, posso te dizer, ele é... ele... digo, faz as coisas de propósito porque eu sou professora, eu cobro bastante dele. Mas eu sempre trabalhei muito a autoestima dele, de nunca te sentir menos, nunca acha que as coisas não são pra ti, nunca pensa que tu não pode chegar em algum lugar, e é isso que eu tento fazer. Pelo menos, assim, tento mostrar que ele... não vai ser uma quedinha ou duas que vai fazer a gente parar, né.

**ENTREVISTADOR: Bom, professora, vamos a outra pergunta. Só tem mais três agora. Como você observa a contribuição da cultura negra na sua formação docente?**

**ENTREVISTADA B:** Olha, eu tive bem pouca, assim, em termos acadêmicos. Bem pouca. Muito do que aprendi e li, foi pelo meu... meu interesse e pelo meu contato, assim, com o curso de Sociologia, com o curso de Antropologia, por vivenciar algumas coisas. O meu contato dentro do... esqueci de falar que dentro do Pelotense, dentro do CaVG e dentro do IFSul, eu participei dos NEABIs, que são Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas. Isso também mobiliza a gente a procurar material, né, fazer ações, então foi mais ou menos por aí, né, e... Mas a minha relação também com as questões raciais, ela se dá... isso que tu me perguntou na pergunta anterior, que é assim, quando a gente... quando somos poucos e chegamos em alguns lugares, não basta só a gente fazer o nosso trabalho direitinho, a gente tem que multiplicar isso de alguma forma, né, e tem que fazer um pouco mais, porque não é só a gente que tá ali, tem mais gente aqui atrás, né, tem mais gente. Então quando, né... é a família, são os amigos, são os filhos dos amigos, né, são os alunos que a gente... que já passaram por nós, que vem e que, né, a gente tem que discutir algumas coisas, então isso abre.

Então eu pensava, sempre me cobrei muito de, olha, eu tenho que trabalhar de alguma forma que eu ajude, faça alguma coisa, né, e... e uma das coisas, que... que acho que foi o maior impulsionamento disso, né, já tava mais organizada, mais, né, podendo escolher as coisas que eu podia fazer, né, às vezes a gente tem que só trabalhar muito, foi participar das comissões de heteroidentificação, né, e eu participei da [comissão] da UFPel por dois anos. Então esse trabalho me ajudou muito, assim, nesse sentido, tanto como experiência de vida, quanto me mobilizar e ter força pra ir

atrás e questionar algumas coisas, porque a gente precisa se instrumentalizar também. Né, o discurso de sendo comum, né, o discurso da branquitude, ele é muito forte, então se a gente não tiver base, a gente não consegue fazer nada.

Então a cultura negra, ela veio pra mim por esse viés, né... Tem coisas que fazem parte do cotidiano da gente, né, a questão da religião, a questão da... cultural do carnaval, a minha família é carnavalesca, então nunca tive desligada disso, nunca. Mas assim, a questão acadêmica mesmo, cultural, ela foi reforçada... posso te dizer que de uns poucos anos pra cá, né. Eu sempre tentava incluir alguma coisa, mas ainda não tinha alguma segurança, mas acho que posso dizer que, sei lá, de uns oito anos pra cá, talvez. Talvez menos.

**ENTREVISTADOR: Ok. E a pandemia e o negro. Como é que tu observa essas questões hoje? Porque a gente não tem como não falar em pandemia, né, COVID-19 e a população negra na sociedade brasileira.**

**ENTREVISTADA B:** É, não tem, não tem... É, assim, ó, eu acho que... essa situação que nos obriga a ficar em casa, né, faz a gente pensar sobre quais as condições da população negra, né, e onde ela está. Principalmente, né, o que que é o espaço... a gente bem ou mal, tem uma estrutura que nos permite, hoje, tá fazendo essa conversa. **A gente tem internet, eu tô no meu computador, tu tá no teu, né, mas isso é a realidade da maioria das pessoas? Não é. Não é, infelizmente, não. E a gente sabe que quem mais sofre com isso é a população negra, né.**

Então, né, se a gente for avaliar, e não precisa nem explicar muito, né, se a gente for pegar os dados “habitantes das regiões periféricas”, “habitantes em situações de pobreza”, “desemprego”, né, “que não tem acesso à internet em casa”, não tem, né. Então, eu acho que é uma... essa situação, ela já mostra, assim, uma grande exclusão e mostra uma realidade que às vezes as pessoas não se dão conta, né, principalmente agora que tão reservadas dentro das suas casas. Não sei se é por aí...

**ENTREVISTADOR: Aham. Bom, professora, então a última pergunta. É... se eu contemplei, na verdade, o questionário, se tem alguma coisa que tu gostaria de ainda mencionar, de falar. Quer falar alguma coisa, alguma pergunta que faltou?**

**ENTREVISTADA B:** Não, eu achei bem legal, assim, a abordagem, porque tu fez botar uma linha do tempo, fazer uma trajetória interessante, coisas que eu acho que são importantes de falar. O que eu poderia te dizer, que eu acho que vem ao encontro da tua última pergunta, a questão da pandemia, né, eu posso te falar um pouquinho do trabalho que atualmente eu tô desenvolvendo no doutorado, né, que uma... uma

das partes da pesquisa é um curso que a gente ofertou justamente sobre questões raciais, pros professores da cidade de Pelotas. Né, foi um pedido da SMED, né, pra... pra... pro grupo de pesquisa da UFPel, da Antropologia, né, que a minha orientadora é coordenadora, e esse curso era pra ser presencial, né. Ele era todo montado... ano passado eu fiz uma vídeo-palestra, falando um pouco do que a gente conversou, e essa vídeo-palestra ir ser exibida num ambiente presencial, ia ter uma mediação.

O que acontece, vira o ano e a gente tem a pandemia. E aí a minha orientadora me chama pra gente tentar adaptar pro formato remoto, esse curso. As palestras permaneceram, mas nós ofertamos... e teve uma procura absurda, foram mais de 200 pessoas inscritas, né, e a gente abriu primeiramente pra professores da rede municipal. Atualmente a nossa frequência é de 120, 130 pessoas, toda sexta-feira de tarde, e temas fundamentais, pra tirar esse discurso engessado de senso comum sobre cotas, sobre como... como é operado o racismo no país, enfim, né, a questão da periferia, a questão da religião...

E assim, ó, o que que a gente percebe, um número expressivo de pessoas brancas participando desse curso, né, e um debate... os debates presenciais, nas sextas-feiras, a gente chama um convidado à parte, pra enriquecer aquilo ali e fazer mais outra palestra. Mas assim, ó, questões muito fundamentais foram surgindo, mas o que que fica mais marcado, [é] como os nossos docentes precisam de formação na questão racial. Assim, ó, ser professor é um trabalho assim, ó, hercúleo, não tem... a gente não para de trabalhar nunca, e aí o que eu digo, a escola é um ambiente em que a gente não pode tolerar o racismo. Mas a gente não pode também só culpar os professores, a gente tem que proporcionar espaços de discussão pra isso, né.

Eu entendo que as relações... as situações que eu te relatei, elas são extremamente dolorosas pra mim, muito se deve ao racismo estrutural, muito se deve à falta de formação de sociedade, porque os alunos, né, eles não nascem racistas, né, os colegas é que não tem formação, e a... e a estrutura que a gente vive, né, onde a branquitude é privilegiada e ainda é muito difícil reconhecer que um... um negro como igual ou como ocupante de um espaço de relevância, espaço de tomada de decisão. Então isso, eu te falo isso pra gente perceber o que a gente tem percebido, que a gente ainda tá no final, a gente conclui semana que vem. Mas o que a gente tem de dados, até agora, e... e os comentários que tem no chat, né, as coisas que são... são relatadas ali, a gente recebe muitos e-mails agradecendo a oportunidade de pensar sobre isso, que eu sempre digo, né, quem é negro pensa todo o tempo, se pensa,

negro, todo o tempo, né, quando entra numa loja, quando, né, tu vai num lugar, quando tu vai sair de noite, né, enfim. Os homens, no caso, é o que eu digo pro meu filho, tem que cuidar onde tu senta, com quem fala, né, pra não correr, não andar de capuz, pra, né, enfim.

**ENTREVISTADOR:** É verdade.

**ENTREVISTADA B:** Não precisa pensar a branquitude, porque é um sistema, tá aí, ninguém precisa pensar no que é ser branco, né, e aí... e aí é a grande questão, né.

Quando as pessoas se propõem a ir pra uma formação, né, e claro, posicionamentos que a gente vê que são muito e muito fechados, mas quando as pessoas se propõem a discutir isso, a gente vê que, bom, pelo menos dá pra ter algum avanço, dá pra ter...

Mas acho que o caminho, sem dúvida, é a educação. É formar a base, né, os professores da base, pra minimizar os impactos do racismo ali e isso ir se perpetuando até a graduação e principalmente, as ... continuando, é repensar todos os nossos currículos, né, principalmente os de graduação. Currículos euro centrados, né, que privilegiam coisas que não tem nada a ver com a nossa realidade, então são essas coisas que a gente tem pensando, tem problematizado, com esse trabalho. Mas só pra... só pra ti ver o movimento que faz, né. É isso.

**Entrevistador:** É isso. Obrigado.

## APÊNDICE E – ENTREVISTA C

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 31 a 45 anos

Data de realização: 15 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 21' minutos e 10" segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada ao "Entrevistado C", assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e o Entrevistado C, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista, a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia quinze de setembro de dois mil e vinte, às quinze horas e trinta minutos, iniciou-se a entrevista junto a educadora convidada, doravante denominada Entrevistada C. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR:** Boa tarde! Vamos começar pela primeira pergunta. Qual o seu gênero, como tu se identifica? Como homem, mulher, ou outro, ou não quer dizer? Não precisa responder.

**ENTREVISTADO C:** Não, homem.

**ENTREVISTADOR:** Qual a tua idade? Se também não quiser responder...

**ENTREVISTADO C:** 41 anos.

**ENTREVISTADOR:** Tá. Como tu te identifica com relação a tua etnia?

**ENTREVISTADO C:** Negro.

**ENTREVISTADOR:** Qual Campus de atuação no IFSUL?

**ENTREVISTADO C:** Pelotas, Campus Pelotas.

**ENTREVISTADOR:** Qual a tua formação acadêmica e qual a tua titulação acadêmica?

**ENTREVISTADO C:** Eu sou formado em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Pelotas, tenho mestrado em Biologia Animal pela Universidade Federal do

Rio Grande do Sul e tenho doutorado em Parasitologia pela Universidade Federal de Pelotas.

**ENTREVISTADOR:** Tá bem. Bom, vamos às perguntas então, da pesquisa. A sexta pergunta. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais convivestes no ambiente escolar até a tua formação profissional. Quantos eram negros, se tu lembras?

[Menciona a voz o filho]

**ENTREVISTADO C:** É... deixa eu lembrar... acho que eu lembro de dois... dois professores...

**ENTREVISTADOR:** Desde o ambiente escolar, até...

**ENTREVISTADO C:** Até... pós-graduação... Eu acho que são dois, William... dois. Que eu lembro, dois.

**ENTREVISTADOR:** Tá bem. Neste caso, como tu teve professores negros, quais as inspirações relacionadas que tu leva pra tua sala de aula, desses professores negros? Se é que tu leva.

**ENTREVISTADO C:** Aham. **Eu lembro bastante de uma delas, que foi minha professora que falava um pouco mais sobre a questão de discriminação, um pouquinho assim, ela deixava transparecer um pouco mais.** A minha trajetória escolar é de uma escola particular, né, e na escolar particular as coisas, infelizmente, são mais veladas, principalmente escolas de um nível mais alto, assim. Então, pouco vou ter essa memória exatamente acho que por esse fator, que nesse cenário, principalmente na época que eu estudei na escola, década de 90, início da década a coisa ainda era pior ainda. Agora que tu falou, eu lembro de uma outra professora que eu nem sei se ela... o quanto ela se identificava como uma mulher negra, mas sim, talvez teriam sido três professoras ali, no contexto geral, mas eu lembro de uma delas sim. Mais até porque depois ela tinha uma amizade com a minha mãe, né. Aí, acho que isso ajudou um pouco, assim.

Então essa é minha... **é uma lembrança que eu tenho dela, foi minha professora no ensino fundamental. E sim, dos poucos que tive, ela me marca um pouco mais, assim. E ela era professora da minha, de ciências. Então, embora não tenha sido professora durante muito tempo meu, eu lembro bem dela assim.**

**ENTREVISTADOR:** Me surgiu uma outra pergunta, que não tá no questionário.

**ENTREVISTADO C:** Não tem problema.

**ENTREVISTADOR:** Como tu falou em relação que tu estudou em escola particular, né, na tua educação.

**ENTREVISTADO C:** Isso, exatamente.

**ENTREVISTADOR:** Tu achas... na tua visão, tu percebe que a tua influência, por exemplo, que tu é um professor que tem doutorado, chegar até o doutorado, essas questões, da escola particular, ela foi decisiva pra essa tua construção, quanto a um homem negro?

**ENTREVISTADO C:** Acho que sim, acho que há sim. Acredito que sim, porque se fala mais numa formação acadêmica, né, numa escola particular. Acho que se... já é uma realidade da maioria das pessoas que tão lá, embora não fosse uma realidade na minha família, né, essa formação acadêmica mais qualificada, em termos de titulação. Mas, como eu estudei toda a minha vida nesse ambiente, acaba esse discurso ficando um pouco mais familiar.

E hoje, como professor, eu vejo melhor essa questão. O que pra mim se tornava um processo mais natural na minha sequência de vida, eu com o tempo fui vendo que pra outros, que pra outras pessoas negras, não era tão simples assim. No sentido de entender todo esse processo acadêmico. Porque o processo acadêmico pra uma pessoa negra nunca é fácil. Independente da condição social que nascera, independente da escola onde tenha estudado, certo? Não é pelo... obviamente o fato de estudar em uma escola particular ela te dá... me deu algumas condições favoráveis? Sim, não... provavelmente sim. Mas ela não facilita mais, não. Pelo contrário, acho que as exigências também são tão grande quanto, porque tu é uma exceção, é uma raridade, então... até pra tu se identificar, tu competir, tu também tem que levar isso em consideração, que tu é o único negro naquele cenário, né... Mas eu acho que assim, essa questão do discurso mais recorrente de que “vão pra Universidade, vão buscar uma formação”, ela era mais frequente, até pelos colegas e amigos, que tinham famílias de amigos. Então acho que isso acaba abreviando um pouco essa trajetória.

**ENTREVISTADOR:** Bom, em relação às tuas memórias docentes, quais lembranças tens de casos de racismo presenciados? Com os alunos... São três perguntas. Contra os alunos, contra ti em sala de aula por parte dos estudantes e se tu lembra de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Aí tu não precisa mencionar nomes e se não quiser falar não precisa. Se tu não quiser contar assim, explicando...

**ENTREVISTADO C:** Assim, com alunos recentemente a gente teve um caso que marcou bastante lá no Campus Pelotas, né, então que foi o caso que repercutiu mais, que a gente trabalhou bastante em cima dele. Inclusive, como eu sou membro do NEABI – provavelmente outros membros do NEABI que também estão na tua pesquisa, pode ser que relatem mais isso.

Então a gente teve um caso explícito. Tô falando desses casos explícitos... que também sabemos de casos mais implícitos, no julgamento da qualidade intelectual desses alunos, né, e alguns até vem à tona, alguns alunos que relatam isso para gente. Sei de um outro caso, um outro aluno que me relatou isso pessoalmente, mas assim, [que] chegaram até mim, eu tenho esses dois casos marcantes. Que é desse aluno que foi mais velada a coisa, mas que a professora comenta com ele muito questionando essa capacidade intelectual dele. E esse caso explícito, que aí já veio à tona, na comunidade, e é um caso mais sério.

Mas aí, depois, nas particularidades, conversando com alguns alunos a gente consegue pescar essa questão do demérito acadêmico, do demérito da qualidade daqueles alunos, que a gente sente no discurso, às vezes. Então esse é o caso de alunos, tá?

De colegas e no ambiente ali eu acabei sofrendo menos casos assim também, explícitos não vou dizer que tenha tido algum, mas coisas que tu sente assim na tua trajetória, por exemplo quando eu fui escolhido um professor homenageado unanimemente por dois turnos houve um questionamento que isso nunca tinha acontecido, que era estranho. Barrado na sala dos servidores da instituição, também já fui. Quando a sala dos... tinha inspetores na porta, no Campus Pelotas, que eu não sei se tu conhece, mas o Campus Pelotas tem uma sala de professores ali que eu fui duas vezes barrado nessa sala, por não ser reconhecido como professor, até poque quando eu fui professor substituto... Muitas dessas narrativas que eu te trago são de quando eu fui professor substituto, que eu fui professor substituto no IF de 2007 a 2009, bem mais jovem, uma aparência também de menino, mais novo, sem barba branca, essa... né... e isso me trouxe alguns... alguns probleminhas assim, nesse sentido. Ser barrado em sala de aula, de ter minha sala interpelada por pessoas achando que não tinha professor e aí tu tem que te impor, mostrando que nunca te reconhecem como professor. Um professor negro ali, às vezes não vai ser reconhecido como o professor, mesmo estando na posição ali na frente da turma, principalmente se tu aparentar ser mais jovem, acho que isso... mais ainda, né? Tu

que é jovem ainda, talvez já tenha sofrido isso na tua trajetória. E a gente sabe, né? A gente sente isso, né, ela não é explícita, como eu te disse, mas a gente sabe que não acontece com outros colegas que não negros, essa mesma... claro, que por ventura pode acontecer com algum outro, com alguma coisa assim, mulheres talvez sofram mais isso, mas a gente sabe que não é o comum, e pra gente sim.

E aí, pra encurtar assim, se não também me alongo muito, eu falo bastante, como professor sim, aí eu sofri duas vezes, mais explicitamente, assim. Mas uma mais marcante, que é quando a menina me diz que não queria ter aula com professor afrodescendentes. É, uma menina... solta isso assim, num acesso de fúria, e aí eu pergunto, comento com ela porquê e ela me relata que [erro na chamada] pelo grau de exigência, que os muito exigentes são professores...

**ENTREVISTADOR: O senhor pode repetir de novo o porquê? Porque quando o senhor mexeu no fone, ele travou.**

**ENTREVISTADO C:** O porquê foi que ela disse que nós éramos muito exigentes. Exigentes nas avaliações, exigentes... um grau de exigência muito alto. A minha resposta foi que meu grau de exigência era o que eu achava pertinente pra disciplina e um grau de exigência que a sociedade me exige, principalmente como professor. E ainda disse pra ela que "aqui eu tenho consciência que eu não sou só o professor (Entrevistado C), eu sou um professor negro. Tanto é que tu te referiu não ao (Entrevistado C), eu não quero ter aula com o professor (Entrevistado C), eu não quero ter aula com um afrodescendente, foi o que tu me disse." Então assim, eu sinto isso, eu sei que eu carrego isso na minha trajetória acadêmica de não representar só eu mesmo, porque se eu errar, essa marca não vai ser só do meu erro. Eu acho que isso é uma coisa importante de nós professores negros ainda, porque eu acredito que praticamente todos nós sintamos isso e saibamos dessa responsabilidade que temos. Eu não sou só o (Entrevistado C), né, e isso é uma coisa que eu sempre lembro, a cada prática minha, porque isso é recorrente para gente. Porque isso é recorrente pra gente. Enquanto nós formos exceções, a gente não vai representar só a gente mesmo, a gente vai representar então um grande coletivo e essa responsabilidade enorme.

**ENTREVISTADOR: Bom, professor, vamos a ou pergunta. Com relação às memórias do teu período de docência Como elas auxiliam na formação docente, como tu percebe essas memórias?**

**ENTREVISTADO C:** Mas é, eu tento lembrar desse distanciamento que a gente tinha dos professores, eu tento ser um pouco diferente disso, de não ter um

distanciamento assim tão grande, essa visão hierárquica do professor tão forte. Porque eu acho que isso é uma coisa que me marcou, não positivamente. Achava que... por muitas vezes achava essa professor-aluno só autoritário, não era uma relação que nem te gera... não te gera muito... como é que eu vou dizer... admiração por aquela pessoa, né. Porque às vezes isso acontece, assim.

Tu falou... tu perguntou sobre [a] questão de memória, assim... e eu na escola, eu sofri mais casos, né, na escola particular que eu te falei, mais casos de racismo né. Mas quando tu é criança a percepção é um pouco diferente ainda, mas lembro de conflitos bem... e desde muito novo percebi isso, desde muito novo sabia o porquê.

Mas daí, o que eu te digo, assim, esse distanciamento do professor, ele fala em não te defender, né, ele fala ali em continuar se colocando na situação de professor, de que não, eu tenho que manter essa postura, eu não vou me aproximar de ti, entender o teu problema e te acolher pra tentar resolver. Então eu tento ser um pouco diferente nessa questão, te falo isso exatamente por esses casos, assim, de ter passado, de racismo, e de ter tido... sozinho, combatendo aquilo, entende?

Eu lembro de um episódio que eu devia estar na quinta série, imagina... que tive que resolver, da maneira que uma criança resolve. E não ter amparo, justamente porque a professora tinha que manter aquela estrutura do domínio da turma. Então, isso eu acho... eu tento agir de uma forma um pouco diferente, assim, nesse sentido. E conforme o tempo vai passando, tu vai te orientando mais sobre essa mudança no perfil dos próprios estudantes, essa necessidade que eles tem também, de ter uma relação diferente da relação professor-aluno na qual a gente foi educado. Acho que por esse lado, aí.

**ENTREVISTADOR: Tá bem. Professor, como é que você... como é que tu observa a contribuição da cultura negra na sua formação docente?**

**ENTREVISTADO C:** Cara, na minha... pra ser bem sincero, na minha área, que é uma área de ciências, assim, uma área... é muito pou... quase nenhuma. Infelizmente. Não tem referenciais, a gente não ouve falar de cientistas negros, de pesquisadores negros. Isso na formação, né. Claro que depois da vida adulta, quando tu como professor, tu consegue, né, buscar por ti mesmo, assim... Mas na formação e nessa área de ciências, assim, trabalha com tecnologia, com pesquisa... Olha, William, é raríssimo, assim... tu não vê falar, não temos, né. Inclusive é uma coisa que eu venho pensando, assim, temos que refletir, temos que mudar, temos que... A gente vê um movimento maior em áreas de ciências humanas, ciências sociais, na educação, mas

na ciência... tecnologia, na área agrônômica, ali na área veterinária, que é o meio onde a biologia lá tá inserida, principalmente na UFPel, que é nesse Campus mais agrícola, não... a visão é... inexistente... inexistente. Dá pra dizer que inexistente.

**ENTREVISTADOR: Bom, já estamos quase fechando as perguntas aqui, depois nós vamos para o questionário, que é bem rápido também. Sobre pandemia e o negro nessa conjuntura. Como tu observa isso hoje?**

**ENTREVISTADO C:** Olha, William, **infelizmente ela nos traz à tona um cenário que a gente já conhecia, já esperava, né, de que os negros, a população negra, é a que mais sofre, e a medida que essa doença e esse sofrimento chegou nas camadas mais populares, a gente tem um negacionismo dessa pandemia, né.** Que se tu observares, lá no início da pandemia, quando ela principalmente se centrava nas classes mais altas, um pouco do alto escalão de Brasília, que foi por onde começou, né, a gente tinha uma oratória diferente pra essa doença. À medida que ela foi chegando nas comunidades mais baixas, na população mais periférica, a gente começa então a ter esse reflexo dessa sociedade estruturada em cima desse racismo, esse racismo estrutural que a gente conhece.

E a gente não tem perspectivas de ações que visem promover a saúde da população negra. Isso... tivemos um movimento há alguns anos atrás, mas isso simplesmente... então assim, não é um cenário novo, é um cenário que já era conhecido. E eu como trabalho... meu doutorado é na área de Parasitologia, trabalho com uma doença que acomete muito mais as populações negras. E esses indicadores, são indicadores da maioria das doenças ditas de... infecciosas, doenças parasitárias, doenças... Esses indicadores tão aí a muito tempo, eles não são novidade pra gente, certo? Então é um cenário que já estava traçado, infelizmente.

E a gente vê que é uma política, né, parece ser uma política... infelizmente parece ser um projeto político de não enxergar... e de ouvir, como nós ouvimos essa semana passada, dizer que a nós estamos próximos do fim da pandemia, que já acabamos a fase tensa, que veio do Presidente da República.

**Então assim, não é o COVID, são várias e várias doenças que nos mostram esses indicadores. Então a gente pegaria inúmeras doenças aqui pra falar, que são doenças que poderiam não acometer ou fragilizar as populações negras e até hoje fragilizam.**

As parasitárias, por exemplo, mesmo... até fugi um pouco da tua pergunta, mas é pra mostrar que esses indicadores não são novos, esse cenário não é um cenário novo. Infelizmente, não é um cenário novo.

**ENTREVISTADOR:** Tá bem, professor. Bom, aqui nesse primeiro momento chegamos ao final das perguntas, e eu queria só lhe perguntar se alguma pergunta não foi contemplada. E se o senhor queria dizer alguma coisa, ainda sobre o trabalho, sobre a pergunta que acha que deveria falar também.

**ENTREVISTADO C:** Não, da minha parte acho que tá tranquilo. Se tu também tiver alguma questão maior aí, que quiser que eu explore mais, que eu fale mais, fique à vontade também.

**ENTREVISTADOR:** Então, a princípio tá dentro do cronograma aqui. Então é isso. Obrigado.

## APÊNDICE F – ENTREVISTA D

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 46 a 60 anos

Data de realização: 15 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 32' minutos e 43'' segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada ao “Entrevistado D”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e a Entrevistado D, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia quinze de setembro de dois mil e vinte, às dezessete horas e trinta minutos, iniciou-se a entrevista junto a educadora convidada, doravante denominada Entrevistado D. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: Boa tarde, vou começar com algumas perguntas padrões, depois a gente vai dialogando. Então, como o senhor se identifica na questão de gênero: homem, mulher ou outro?**

**ENTREVISTADO D:** Me identifico como homem.

**ENTREVISTADOR: Tá bem. Sua idade, se o senhor quiser dizer também?**

**ENTREVISTADO D:** 48 anos.

**ENTREVISTADOR: Tá bem. Agora vamos às perguntas então, referentes ao trabalho. Como tu te identifica com relação a tua etnia?**

**ENTREVISTADO D:** Eu sou preto.

**ENTREVISTADOR: Qual seu campus de atuação no IFSUL?**

**ENTREVISTADO D:** Eu sou vinculado hoje ao campus Pelotas e eu atuo na área de sociologia, sou professor de sociologia.

**ENTREVISTADOR:** É isso que eu ia perguntar. Qual a sua formação acadêmica e qual a sua titulação acadêmica.

**ENTREVISTADO D:** Eu sou bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas, sou mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E sou professor de sociologia. Entrei em Gravataí, mas hoje sou vinculado ao Campus Pelotas.

**ENTREVISTADOR:** Bom, vamos começar então referente ao trabalho. Tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais convivestes no ambiente escolar até a sua formação profissional. Quantos eram negros, o senhor consegue lembrar, professor?

**ENTREVISTADO D:** Sim, eu já fiz essa conta, já. Eu tive, ao longo de todo o meu trajeto formativo, eu tive oito professores negros, entre o ensino, o que é hoje o ensino fundamental e a pós-graduação em nível de doutorado. Isso foi muito marcante pra mim, porque tive poucas referências de professores negros. Eu tive, na verdade, mais professores negros na pós-graduação, tanto no mestrado quanto no doutorado, quanto no restante da minha trajetória escolar.

**ENTREVISTADOR:** Uma pergunta que não está aqui no questionário, mas pela sua fala: seria talvez pelas áreas? Talvez por serem áreas das humanas, da sociologia... O senhor percebe que talvez esse número maior poderia ser por causa disso? Ou não?

**ENTREVISTADO D:** Eu acredito que sim. E se a gente for observar, em geral, os docentes negros acabam construindo um trajeto pelas ciências humanas. Não que as ciências exatas seja impossível, ou algo do gênero, mas a gente tem que pensar, por exemplo William, que as universidades hoje, ainda hoje, elas tem os seus cursos de licenciatura basicamente à noite, né, e aqueles em que há a menor procura ainda são os cursos na área de ciências humanas. Então acho que isso também é um fator decisivo para que tu vá encontrar, como no meu caso na pós-graduação, mais professores negros, inclusive, do que...

Veja bem, eu sou um cara que fiz grande parte da minha formação, pelo menos de base, nos anos 70-80 e parte dos 90, e depois eu retomei os estudos nos anos 2000. Mas isso diz muito, me parece, sobre a maneira como a Universidade até hoje é organizada.

Porque eu vou ver, por exemplo, professores negros, quando eu vou pra UFRGS e me deparo. Meu orientador de mestrado, por exemplo, é um professor negro, africano, mas negro, um cabo-verdiano, e eu acho que isso tem a ver com a maneira como a Universidade está estruturada também. Eu te confesso que o meu desejo inicial, quando eu pensei em fazer uma trajetória acadêmica, era ir pra matemática, e não tinha como estudar matemática porque era um curso predominantemente diurno.

**ENTREVISTADOR: Entendi. E, neste caso, quais as inspirações que tu levavas pra tua sala de aula, desses professores negros ou negras que tiveste ao longo da tua trajetória?**

**ENTREVISTADO D:** Primeiramente, a seriedade que tratavam os professores que eu tive da Educação. Professores extremamente comprometidos assim, e uma segunda referência que eu tenho é de intelectualidade. Os professores negros que eu tive, em geral, eram e são pessoas as quais eu me inspiro até hoje, assim né, em termos de buscar estudar mais, conhecer mais aquilo que eu vou trabalhar em sala de aula, além da sensibilidade, né?

Nós, professores negros, acabamos de alguma forma em geral, porque as nossas histórias de vida são muito... E isso é interessante de pensar, né, as nossas histórias de vida são semelhantes às dos nossos alunos, o que significa que houve pouquíssima mobilidade social. Você vai olhar o histórico dos alunos, vêm de origem humilde, com pais que não estudaram, enfim. No caso dos IFs, às vezes [essa] é a única oportunidade que ele tem de mobilidade ascendente, e a gente acaba também se sensibilizando com isso.

Mas isso não diminui, por exemplo... Uma das coisas que às vezes eu sou cobrado – eu sou um professor extremamente exigente, principalmente com questões relativas à leitura e ao comprometimento dos estudantes. Mas isso vem, são as referências que eu trago, assim, dos professores que eu tive. E lembro com muito carinho da professora - da minha primeira professora negra, lá no ensino fundamental, na primeira série do ensino fundamental -, que era a professora Maria Amália e que ela colocava pra nós, principalmente a mim e ao meu irmão (porque, apesar de termos um ano de diferença, nós estudamos juntos em função da nossa origem). A gente acabou indo pra uma creche católica aqui em Pelotas, que atendia mães carentes e pais carentes e a gente acabou ingressando junto no primeiro ano do ensino fundamental), e a professora Maria Amália nos dizia assim, com uma certa dureza, “vocês tem que estudar, porque essa é a única forma de vocês saírem dessa

realidade”. Falando dos anos 70, né cara, final dos anos 70. E isso não mudou muito, porque a gente acaba reproduzindo isso com os nossos alunos hoje.

**ENTREVISTADOR:** Em relação às tuas memórias docentes, quais lembranças tens de casos de racismo presenciados? Com os alunos, contra ti em sala de aula por parte dos estudantes e se tu lembras de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Aqui eu faço uma ressalva que não há necessidade de mencionar nomes, mas só sobre os casos, se tu lembra de alguma situação nesses três parâmetros que eu estou falando aqui.

**ENTREVISTADO D:** Sim, sim. Em relação aos alunos, tá, em Gravataí pouco, mas eu fui professor substituto na Universidade Federal e também trabalhei em alguns projetos populares assim, de cursinho pré-vestibular popular. Eu fui professor no Desafio aqui em Pelotas durante seis anos e sempre me chamou atenção, por exemplo, o fato de que mesmo em condições econômicas semelhantes, os alunos brancos tendem a ter práticas racistas com os alunos negros, seja pela maneira como se expressam em relação aos estudantes.

Mas o caso que mais me marcou foi um caso de racismo explícito, isso foi no ano de 2019, no Campus Pelotas. Uma aluna foi exposta num grupo de WhatsApp a piadas e mensagens racistas e foi comparada a uma macaca e enfim... E a gente fez, via Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, fizemos a denúncia para a direção do Campus e muito pouco se fez a respeito disso, né, e essa aluna ficou com uma marca, uma pecha, e carrega isso. Claro que agora nessa situação de pandemia não, mas ela eu lembro que iniciou o ano carregando isso, assim.

No meu caso, como docente, eu tive uma experiência na UFPel, dando aula no curso de Odontologia, dava uma disciplina de Fundamentos de Ciências Sociais, e eu cheguei na sala, entrei e fiquei parado na porta. Daí os alunos foram entrando e eu lembro, a aula ainda naquelas salas da Faculdade de Direito ali, porque na época a Faculdade de Odontologia tinha muitas salas em reforma. E eu fiquei parado na porta e as pessoas foram entrando, horário de aula assim, isso era uma e meia, e foi muito marcante pra mim, porque as pessoas iam entrando e me davam boa tarde e tal, e eu fechei a porta e sentei na mesa do professor: porque eu era o professor em sala de aula. E vários estudantes começaram a demonstrar desconforto, em uma turma majoritariamente [branca] – tinha dois alunos negros, um africano também e um menino que até hoje eu tenho relação/contato com ele, - e aí as pessoas foram ficando desconfortáveis, até que uma aluna me perguntou: “Que hora o professor chega,

senhor?”. Porque eu poderia ser qualquer... eu poderia ser qualquer... poderia ser faxineiro, segurança, mas não poderia ser... No imaginário daquelas pessoas, não poderia ter um professor negro, entende?

E com relação a viver situações em que há expressa discriminação, cara, eu sempre falo isso: eu não tenho problema com a minha estética, entende? Mas um cara com a minha estética, quando ele entra – e provavelmente tu deve passar por isso também –, quando a gente entra em alguma sala ou algum corredor do nosso Instituto, causa desconforto. Eu tenho colegas que brincam comigo “Cara, por quê tu anda sempre com esse crachá pendurado?”. Eu uso o crachá pras pessoas saberem quem eu sou. Eu não quero ser... não quero ter que distratar alguém por ser maltratado, então pra que não haja esse risco, as pessoas tem que saber quem eu sou.

E é por isso que eu sou, nesse caso... dentro da instituição eu ando sempre de crachá, às vezes me desligo e saio até pra rua com o crachá. Porque não é incomum... por exemplo, cheguei numa sala de reuniões da direção do Campus Pelotas, de uma das direções, e as pessoas estavam esperando o professor André. E eu cheguei, entrei na sala e me sentei. E comecei a perceber um... e eu recém tinha chego ao Campus, era pra tratar de uma questão de pesquisa, não sei se tu chegou a consultar o meu Lattes, eu faço consultoria, faço avaliação pra revistas e faço avaliações de projetos e eu estava ali por esse motivo, tinha sido convocado pra essa reunião. E eu comecei a perceber... e aí, claro, uma coisa junta na outra, né cara? Eu tenho, sei lá, vinte e tantas tatuagens, sou um cara todo tatuado e tal, e era verão, estava calor, eu estava de manga curta, e aquilo foi causando um desconforto nas pessoas. Até que (eu estava com o crachá, só que o crachá pra dentro da camiseta), até que alguém perguntou “Tá, mas que hora chega o professor André?” Por que eu era o único negro na sala. E eu disse “Não, professor André sou eu”, me identifiquei e aí fica parecendo que tu tem que dar carteiração toda hora, entende? Porque é um pouco isso William, talvez até que a tua pesquisa vai identificar, que não está escrito na nossa testa que nós somos Doutores, ou que a gente é pesquisador, ou que a gente escreve, ou que tem um livro publicado, que tem um artigo publicado, enfim. Né? O que vem na frente é a cor da nossa pele. E infelizmente, essa é uma marca que eu identifico.

Mas essas são as três memórias que eu identifico assim e vou te dizer: não é incomum, entende? É bastante recorrente. A nossa trajetória acadêmica – tu deve provavelmente passar por isso –, de homens negros, ela é sempre permeada – das

mulheres é pior ainda, mas os homens negros, ela é sempre permeada pela desconfiança. “Pô, quem é esse cara?” “O quê que esse cara tá fazendo aqui?”

Eu lembro quando eu cheguei na UFRGS, em 2009, eu fui o único aluno [negro] na minha turma de mestrado. Na minha turma de doutorado, eu fui o único aluno negro também. Então tu vai te acostumando... esse é um incômodo, né? Não sei se o Demétrius te disse isso, a gente comenta muito eu o Demétrius, esse negócio de ser o único me incomoda muito, cara. Porque eu queria chegar em uma sala em que eu me identifique. Os outros colegas se identificam, eu não consigo me identificar até hoje, e eu sou um cara que já tem uma trajetória de vida. Tem lugares, por exemplo, que eu não vou, que eu não frequento, porque eu me sinto incomodado. E, inclusive, dentro da instituição. Tu deve conhecer o Campus Pelotas, ali a gente tem uma tal “Sala dos Servidores”. Eu não vou naquele lugar, porque aquele lugar ali é o que, digamos assim, ratifica a desigualdade da Instituição. Tu raramente vai ver um professor negro ali, porque aquele lugar, ele é opressivo, no sentido de demonstrar como nós ali ainda temos uma instituição que é ainda racializada, que é discriminatória, que é preconceituosa, enfim.

Mas é isso, assim, eu tenho várias memórias pra poder pensar.

**ENTREVISTADOR: Bom, próxima pergunta. Em relação às memórias do teu período de docência, como elas auxiliam na tua formação docente? Como tu percebe essas memórias das tuas docências, essas memórias que tu tem?**

**ENTREVISTADO D:** Cara, eu penso assim, que... principalmente no que tange ao recorte racial, eu amadureci muito, sabe, eu acho que eu me tornei menos duro comigo mesmo. Porque eu acho que uma das coisas que o professor negro acaba fazendo é se cobrando demais. Eu sempre quis fazer tudo, tudo dentro do prazo limite, não deixar passar nada, não dar a oportunidade de as pessoas falarem que eu ia fazer alguma coisa errada e tal, e eu passei a ser mais, digamos assim, acessível com os estudantes. Eu acho que isso é uma questão muito importante. Eu tinha muita reticência, principalmente quando trabalhava em Gravataí, de demonstrar afetividade, tu acaba se apegando as tuas turmas e eu tinha muita dificuldade disso. Mas quando eu cheguei aqui em pelotas, até por outro cenário, ali eu conheci o Entrevistado G, a Entrevistada B, enfim, e aí eu comecei a me enxergar mais, entende? E uma outra questão é que eu vi mais alunos negros também.

[pausa de barulho estranho]

E ver mais alunos negros significa te deixar mais à vontade também. O que eu percebo é que nessa trajetória acadêmica – por que que eu te digo isso, William? Porque eu venho de uma outra atividade no serviço público que me exigia muito, e eu era o único negro sempre (eu era sociólogo na Prefeitura de Porto Alegre; eu era servidor concursado lá), e todo espaço que eu estava... e isso me exigia muito, era uma época em que eu estava fazendo Doutorado ainda, estava na metade pro fim do Doutorado. Foi muito complicado, assim, a minha pesquisa, foi muito duro isso. E quando eu chego no IF, cara, eu cheguei muito sargentão, professor que cobrava. E aqui em Pelotas não, eu comecei a me tronar mais maleável. Isso não significa que eu deixei de ser exigente, mas eu deixei de ser exigente comigo, tu entende? Eu tinha uma postura de que necessariamente eu tinha que estar na aula cinco minutos antes dos alunos. Eu não faço mais isso. Eu comecei a ver que isso estava me fazendo mal, entende? Às vezes eu encontro as turmas no corredor, a gente vai conversando, pega uma água, brinca, não sei o quê e tal, isso me ajudou bastante.

Mas do ponto de vista acadêmico, eu sou um cara muito exigente com a questão do comprometimento e da exigência acadêmica. Porque eu te digo isso, William. Como nós ainda somos poucos nesses espaços e provavelmente tu deve estar vivendo isso agora, qualquer brecha que nós dermos pra que a gente, pra que a nossa capacidade seja criticada, ela é utilizada. Então, sendo que é possível alguém apontar “ah, mas o professor é legal, ele é bonzinho, então ele não cobra dos alunos”, então nesse aspecto da exigência acadêmica eu continuo tendo o mesmo rigor. Mas esse rigor, digamos, eu traduzo pra uma aula com mais qualidade, com mais recursos pra apresentar coisas diferentes pros alunos, projetos, enfim. Mas eu deixei de ser exigente comigo, porque eu percebi que isso estava me fazendo mal, inclusive pra minha saúde mental.

**ENTREVISTADOR: Outra pergunta aqui, professor. Como você observa a contribuição da cultura negra na sua formação docente? Se é que tu observa.**

**ENTREVISTADO D:** Sim. Cara, eu... primeiro, assim, eu me descobri negro, digamos, passei a me reconhecer como uma pessoa negra ainda na minha mais tenra adolescência. Eu comecei a trabalhar muito cedo, comecei a trabalhar com 13 anos em um engenho de arroz aqui em Pelotas, onde meu pai trabalhava também e numa época em eu ter ensino fundamental, pra uma pessoa negra, ali da primeira a oitava série, já era... e eu estava no ensino médio, entende, eu tinha passado, tinha conseguido passar pro ensino médio. E logo eu fui trabalhar num escritório, em um

dos escritórios da empresa. Eu era office boy, e depois virei auxiliar de escritório e tal. E não era incomum as pessoas marcarem o fato de que eu não ia conseguir muita coisa na vida, que ali eu já tava no lucro e tal, e eu carreguei isso na minha cabeça, de que eu precisava estudar. Eu sempre tive na cabeça que eu precisava estudar.

Bom, eu entro na Universidade e a primeira coisa que eu me deparo é que, em uma turma, num curso de Ciências Sociais e que nós erámos cinquenta, nós entramos três negros. O único que se formou fui eu.

E aí eu sempre carente dessa coisa de não ter um professor negro. Eu não tive, na graduação, nenhum professor negro – tive um professor negro que não se identificava enquanto tal, ele não se reconhecia como negro. E toda vez que eu tocava nas questões relativas à cultura afro-brasileira... Porque o que eu pensava – eu já era militante do movimento negro, já tinha uma trajetória de vida quando fui pra Universidade e tal, e eu disse assim “pô, mas a gente não lê os caras”, a gente não lê, por exemplo, autores negros, raramente tu lê um autor negro na graduação. Aí o quê que acontece cara. Quando eu saio daqui e vou pro mestrado em Porto Alegre, na UFRGS, eu... primeira coisa, eu chego lá e está lá o José Carlos dos Anjos, tu já deve ter ouvido falar, que foi o meu orientador do mestrado. José Carlos dos Anjos apresenta toda uma literatura de pensadores, enfim, africanos, antilhanos, tal, e eu comecei a construir um pensamento a partir daquilo, que dava pra fazer outras coisas que não só pensamento eurocêntrico, e isso passou a de fato interferir positivamente na maneira como eu enxergava meus objetos de pesquisa, por exemplo.

E aí, eu trago isso pra minha formação, porque passou a ser importante pra mim pensar a questão da intelectualidade negra. Tanto que um dos meus objetos de pesquisa é justamente o Abdias do Nascimento, justamente pela questão da intelectualidade alternativa dos negros.

E eu vim trazendo isso, né cara, e comecei a carregar isso com muito mais propriedade no momento em que eu comecei a me perceber único nos espaços. Porque é isso, a gente faz o concurso, entra no IF – e eu já conhecia a escola, porque eu sou de Pelotas, e sabia que era uma escola que tinha pouquíssimos professores negros -, e um dia chego no Campus Pelotas. Meu ingresso no Campus Pelotas, a primeira marca que eu resolvi instaurar é que, bom, eu sou um intelectual negro e quero ser respeitado por isso. E aí eu faço da sala de aula esse espaço de construção, junto com os alunos, e é muito legal, cara.

Porque, por exemplo, você chega no primeiro ano do ensino médio integrado e tu pega alunos muitas vezes que já vem remando de outros professores assim, e tu apresenta uma literatura pra eles sobre a formação social do Brasil que não é o Gilberto Freyre, por exemplo. Daí tu apresenta o Guerreiro Ramos, que é um sociólogo negro, que é o grande, talvez, o expoente dos anos 40-50, e aí os caras dizem assim: “bah, professor, mas eu não tinha lido. Porque os professores quando vem aqui, quando falam de pensamento social brasileiro, é sempre o Gilberto Freyre, aquele livro chato, não sei o quê.” E cara, isso pra mim foi determinante, assim.

Mas porquê? Eu, muito mais, William, percebo isso de carregar a cultura afro-brasileira e a cultura africana de alguma forma, porque agora estou me interessando pelo Continente Africano como um objeto de estudo, porquê eu acho isso importante? Justamente pelas ausências, não é pelas presenças, entende? É porque esse conteúdo não pensado nos currículos, o nosso currículo extremamente branco, eurocentrado. Eu lembro de ter feito uma preposição, por exemplo, na minha coordenação, da gente repensar o currículo, e as pessoas acharam um absurdo. Porque eu disse “olha, a gente tem que atualizar o nosso currículo pra outras formas do entendimento do social”. Mas eu carrego dessa forma.

E a outra questão, cara, que eu acho importante sim, é que nós negros em alguma medida, mesmo que a gente não tenha envolvimento com o movimento negro, a vida acadêmica nos faz ser ou nos tornas militantes. Entende? Porque tu pode até não militar em prol de uma causa, mas tu vai ter que te defender, isso que eu quero dizer.

Por sorte, essa estrada de vida, quando eu fui pra Universidade eu já tinha, sabia me defender das questões raciais, sabia me defender de situações de racismo, entende? Não era um cara que eu via as coisas, por exemplo, eu baixava a cabeça ou ficava quieto, sempre fui de questionar. E estímulo isso nos alunos. Porque, o que eu vejo assim, e aí pra concluir essa resposta: eu vejo a autoestima dos alunos negros muito baixa, porque eles já vêm de situações de vulnerabilidade, que não lhes permite, por exemplo, dentro da nossa instituição, se enxergar. E é isso, o professor olha pro cara e diz assim “ah, tu é cotista, tu é burro mesmo”. Isso acaba com o cara, entende?

Essa identificação... por isso, trabalhar... eu coloco no meu currículo, se tu pegar lá os meus planos de ensino, todos eles tem literatura/algum pensador afro-brasileiro ou africano ou então um estadunidense de origem africana – que as pessoas chamam de afro-americano, eu não gosto desse termo, porque a América é muito maior que os Estados Unidos, mas enfim.

Mas é um pouco isso, assim. É dessa forma que eu tenho carregado essa referência da cultura afro-brasileira, acho que a gente pode construir outras perspectivas de currículo a partir disso, mas pra isso a gente, a nossa instituição tem que dar muitos passos atrás antes de chegar nesse...

**ENTREVISTADOR: Bom, professor, mais uma pergunta aqui, sobre pandemia e o negro nessa conjuntura atual. Como o senhor observa essa questão da pandemia da COVID-19 e negro nessa sociedade.**

**ENTREVISTADO D:** Cara, eu estou inclusive começando a escrita de um artigo sobre isso. Eu não sei se tu chegou a verificar, eu tenho um canal no Youtube com o meu nome, em que eu fiz algumas reflexões sobre a pandemia e a periferia, porque a maioria da população negra está na periferia. **Os dados agora começam a demonstrar que a população negra é provavelmente a principal vítima também da pandemia. E não só do vírus, mas da condição socioeconômica e estrutural que se abateu sobre a sociedade brasileira.**

Se percebe que – agora eu tava ouvindo um Podcast antes de falar contigo, o professor Ignácio Cano, que é da UERJ, falando sobre a questão da violência no Rio de Janeiro. A violência letal do Estado contra a população negra durante o período da pandemia. E ele dizia que até que o STF mandasse lá, proibisse, melhor dizendo, as incursões nas favelas e nas periferias... Fazia 10 anos que não morria tantas pessoas negras num semestre como havia morrido agora em 2020. E a gente não tinha ainda o cenário, digamos, mais incisivo da pandemia.

O que eu quero dizer com isso... **que a população negra, ela é duplamente vitimada num cenário de pandemia. Primeiro por que a gente já vinha de uma condição econômica, a economia do país em queda, nós sempre somos os primeiros a ser desempregados, nós sempre somos os últimos a ser escolhidos de novo pro retorno ao mercado de trabalho, mesmo que tenha qualificação.** Esse é um debate que eu quero fazer, eu sempre falo isso. Eu falo hoje, William, de uma posição que eu considero de privilégio, entende? Sou um servidor público, concursado, com formação, recebo meu salário em dia. Mas eu não consigo me descolar da lógica de que no início dos anos 2000, eu era comerciário e que trabalhava pra comprar cesta básica, entende?

O que que eu quero, e eu acho que isso é importante, porque a gente só retrocede nesse momento... porque nós vivemos a pandemia e vivemos um governo que estimula que as pessoas não respeitem a pandemia. E esse cenário, pra população

negra, é o pior possível. Porque tu vai ver aqueles que se expõem, por exemplo, no serviço de saúde de ponta, mesmo que médicos e enfermeiros estejam expostos, mas o pessoal da higienização, o pessoal da portaria, os técnicos de enfermagem, na sua maioria são negros. Na segurança pública a mesma coisa, tu vai ver os praças das Polícias Militares, a maioria deles são negros. Aqui no Rio Grande do Sul não é tanto, mas em outros estados do país sim. Nos serviços de menor exigência, digamos, intelectual, que é o serviço doméstico, os serviços das pessoas que trabalham como garis, como limpeza de rua, a maioria desses trabalhadores são negros e eles estão na rua. Eles estão usando o transporte coletivo (porque nós perdemos poder aquisitivo, então por exemplo, se o cara tinha uma moto, ele vendeu ou deixou de andar porque ele não tem condições de pagar a gasolina, ou ele vai pagar a gasolina ou ele vai pagar o arroz, das duas uma, ele não vai conseguir fazer a mesma coisa).

Então nesse cenário, a população negra é a mais afetada, e eu vou te dizer mais: eu penso que aliado a todo isso a gente tem uma outra discussão, que talvez seja importante refletir, que é o fato de que daqui há um ano ou dois, quando nós estivermos saindo da pandemia, a população negra vai ter um retrocesso do ponto de vista da mobilidade social da ordem de cinco há oito anos.

A gente pode até sentar e fazer teste econométrico pra isso, porque – não sei se tu vai concordar, até 2017 nós vimos uma ascensão bastante grande da população negra, passamos a ocupar mais bancos escolas, passamos a ocupar os bancos da Universidade, começamos a nos enxergar nos concursos, não só... e é legal isso, porque pensa, eu já fui banca em vários concursos, e aí você chega lá e as pessoas “pô, mas tem um cara negro na banca, que legal”, sabe? Porque a gente começa a se enxergar em outros espaços, que são espaços de poder.

E eu vejo que, infelizmente, isso foi rompido. Foi rompido de uma maneira... E aqui eu não estou fazendo apologia ao partido A ou B, é que eu quero olhar pro cenário mais amplo, assim. Que é a história do negro nesses 20 anos, a virada dos anos 90 pros 2000, até agora. E foi a primeira vez na história recente do negro no Brasil em que se teve uma condição de mobilidade que não [se] havia tido antes. O que que isso demonstra? Nós levamos 20 anos pra subir um degrau, cara, é isso que eu quero te dizer. E agora a gente corre o risco de em dois ou três, voltar pro chão, talvez até ir para um patamar mais abaixo ainda.

Isso me preocupa muito assim, porque aí a gente vai continuar sendo únicos nos espaços, entende William? A gente não consegue se enxergar. Porque é um pouco

isso, né, mobilidade, se a gente olhar pra área de sociologia estadunidense de origem africana, pega o [Deboar], o William [Deboar] dizia “olha, enquanto a gente não se enxergar nos espaços de poder, dificilmente a gente vai conceber a ideia de mobilidade social”. Porque a classe média negra estadunidense ela se constituiu a partir do momento que os caras disseram assim, a gente tem que ocupar espaço de poder. E a gente não faz isso. A gente ainda tá lutando pela ideia de reconhecimento, de ser aceito e tal. E acho que é uma distinção importante assim, porque nós estávamos num processo de mobilidade que foi rompido e agora a gente não consegue enxergar uma saída. E eu acho que a pandemia veio meio pra ratificar isso, assim.

Não sei se te respondi, mas é isso.

**ENTREVISTADOR: Respondeu e inclusive, professor, nessa primeira parte seriam essas perguntas, depois/agora já lhe mandei por WhatsApp o questionário que nós iremos responder juntos. Quería só saber se tem alguma pergunta que eu não contemplei nessa... na sua fala, agora nesse momento.**

**ENTREVISTADO D:** Cara, eu acho que não é uma pergunta, mas na verdade, assim, é uma reflexão sobre como é que eu enxergo a instituição do ponto de vista das relações sociais, no caso do IFSUL. Tu tá fazendo a formação, eu trabalho e tal. Porque a nossa instituição, diferente de outras que eu conheço, ela tem essa peculiaridade de admitir formas de inclusão ratificando a exclusão. O que que eu quero dizer com isso: “bom, eu tenho um professor negro, então eu não preciso mais me preocupar com política de ação afirmativa, com o comprimento da Lei N° 10.639, quando essa massa de inquilinos que tu levantou aí, quantas pessoas são, mas tu vai ver que talvez dê pra contar nas duas mãos, pro número de professores que tu levantou.

A nossa instituição, ela está muito distante de uma ideia de, de fato, produzir mobilidade, tanto pros estudantes, quanto pros trabalhadores. E eu acho importante referir isso, porque o que que acaba acontecendo assim, fica aparecendo no âmbito – e não é a tua pesquisa, mas eu estou falando da leitura que a gente tem da porta pra fora do IFSUL. Fica parecendo que a nossa instituição (mesmo aceitando o teu projeto de pesquisa, o meu, as minhas propostas de pesquisas), que ela é inclusiva. Não, mas pô, o IFSUL é extremamente racista. Extremamente racializado, o que não tem... eu não conheço negros em postos de poder aqui, em espaços de tomada de decisão. Porque isso é uma questão importante, William, a gente só vai mudar a nossa

instituição quando nós tivermos pessoas ocupando postos chaves de tomada de decisão que possa interferir, por exemplo, em orçamento.

E aí assim, fazendo um amarrado, só pra concluir com essa pergunta que tu fizeste em relação à pandemia: os alunos mais prejudicados pelo ensino remoto no IFSUL são os alunos cotistas negros. Entendeu? Eu te digo isso porque eu estou trabalhando na pesquisa do Campus Pelotas, e aí quando você vai pegando os nomes das pessoas e vai olhando por onde que elas entraram, aí você faz o amarrado lá grudado no cara com a cota e é o cara que não tem computador em casa ainda, que a internet é de baixa qualidade, que o celular que ele tem, cinco pessoas na família usam.

E aí alguém pode dizer “ah, mas esse aí é um caso”, não, são vários casos. No caso do Campus Pelotas, nós temos 30% dos nossos estudantes matriculados hoje, não responderam à pesquisa. E eu fui olhar, fiquei curioso, quem são esses 30%, porque a gente tem como identificar, a partir dos que responderam, quem não respondeu. E começa a pegar o recorte racial, cara, é absurdo, entende? Bom, tá bem, tem os caras de classe média-alta que resolveram não responder por uma questão ideológica, mas tem gente que não tem internet em casa, tem gente que não tem 20 conto pra pagar 5kg de arroz, entende? Então é um pouco isso que eu queria dá uma mexida contigo, mas era isso aí mesmo.

**Entrevistador: Tá bem. Obrigado professor!**

## APÊNDICE G – ENTREVISTA E

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 46 a 60 anos

Data de realização: 18 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 36' minutos e 34" segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada a “Entrevistada E”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e a Entrevistada E, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia quinze de setembro de dois mil e vinte, às quinze horas e trinta minutos, iniciou-se a entrevista junto a educadora convidada, doravante denominada Entrevistada E. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: Muito bem, muito obrigado. Então vamos começar. As perguntas... as primeiras perguntas tão bem tranquilas, que são em relação ao seu gênero. Como é que a senhora se identifica, como mulher, homem ou outro?**

**ENTREVISTADA E:** Mulher.

**ENTREVISTADOR: Qual a sua idade? Se quiser responder.**

**ENTREVISTADA E:** Não tem problema, 57 anos.

**ENTREVISTADOR: Como tu te identifica em relação a tua etnia?**

**ENTREVISTADA E:** Negra.

**ENTREVISTADOR: Qual é o teu Campus de atuação no IFSul?**

**ENTREVISTADA E:** Campus Pelotas.

**ENTREVISTADOR: E a sua formação acadêmica e qual a sua titulação acadêmica?**

**ENTREVISTADA E:** Bom, é... vou te dizer todas, não sei se tu queres todas. Bom, eu primeiramente fui aluna no IFSul, na época em que foi Escola Técnica Federal de

Pelotas e eu me formei em Técnico em Química. Depois eu fiz licenciatura em Química, porque, realmente, eu não tenho perfil para engenharia, apesar de adorar cálculos, mas meu perfil é exatamente onde eu tô. Aí eu fiz especialização em química aplicada e o mestrado eu fiz em Oceanografia Física, Química e Geológica, e o doutorado em Química.

**ENTREVISTADOR:** Tá. Bom, agora nós vamos começar então as perguntas sobre a relação à imagem. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais conviveste no ambiente escolar até sua formação profissional, quantos eram negros? Se a senhora lembra.

**ENTREVISTADA E:** Quando eu fui aluna?

**ENTREVISTADOR:** Isso, assim, desde o início assim, sua formação, se a senhora lembra de algum.

**ENTREVISTADA E:** Muito poucos, muito poucos... E agora, tu falando assim, eu fico pensando... Eu tive professores negros no curso técnico... um professor negro. Não tive nenhum no curso superior, na graduação... eu não gosto de dizer curso superior, porque parece que existe um inferior, né, então eu prefiro dizer graduação. Mestrado, nenhum, doutorado, nenhum. Resumindo: um professor negro, que era o professor José Cipriano.

**ENTREVISTADOR:** Muito pouco.

**ENTREVISTADA E:** Muito pouco.

**ENTREVISTADOR:** Bom, é... em relação a esse professor negro, né, já que a senhora me disse que teve um professor. A senhora leva alguma inspiração desse professor negro para sua sala de aula, hoje?

**ENTREVISTADA E:** Ah, levo. Professor Cipriano, [o] que eu mais lembro dele... claro, não faz tantos anos assim, mas eu gostava muito do humor do professor Cipriano. Eu lembro que às vezes eram momentos que a gente que tava assistindo ficava tenso e ele levava tudo no bom humor. Então, isso, eu acho que é a maior inspiração que eu trago do professor Cipriano. Era o bom humor, era a maneira como ele lidava com as coisas.

**ENTREVISTADOR:** Com relação às tuas memórias docentes. Quais lembranças tens de casos de racismo presenciados com os alunos, contra ti em sala de aula por parte dos alunos e se tu lembra de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Aqui a senhora pode só contar os casos, se quiseres, né.

**ENTREVISTADA E:** Sem citar nomes.

**ENTREVISTADOR: Isso, é.**

**ENTREVISTADA E:** Bom, eu acho que... te respondendo... tentando te responder, assim, é, na ordem, com relação aos alunos... Eu não lembro qual foi a primeira, foi com relação aos alunos? Tu pode repetir? Só pra eu...

**ENTREVISTADOR: Claro. É...**

**ENTREVISTADA E:** Pra eu seguir na ordem.

**ENTREVISTADOR:** Casos de racismo presenciados com os alunos, contra ti em sala de aula por parte dos alunos e se tu lembra de racismo por parte dos teus colegas de docência.

**ENTREVISTADA E:** Ok. Ok, então vamos lá. Com os alunos, eu acho que o mais comum são as piadas, né. É aquelas piadas que todo mundo faz, não só com os alunos, e que acha muito engraçado... e que não tem graça nenhuma. Que são, são aquelas piadinhas comuns, tipo "coisa de negro", sabe? Dizer "isso é coisa de negro", mas tá brincando contigo. Se tu levar para o outro lado, tu é o ignorante. Tu entendesse? O ignorante é o negro, não é quem tá fazendo a piada. Então, o que a gente presencia são esses tipos de brincadeira. "A coisa tá preta", sabe? Como se a cor preta já, já te remetesse a coisa... coisa ruim, coisa negativa.

É... eu lembro... eu tenho um cunhado que, nesse aspecto, ele é uma pessoa maravilhosa. Ele tem uma consciência, ele briga muito pelo respeito ao negro. E uma vez um amigo disse "pô, tu é um preto de alma branca". Ele subiu nas tamancas. Ele disse "não, eu sou um preto de alma preta". Por que as pessoas acham que, pô, tá te elogiando. Não tá te elogiando, tu não quer ser um preto de alma branca, porque a alma não tem cor. Então [o] que tu presencia muito com aluno é isso. E às vezes também aquelas falas assim, que tu vê que estão diminuindo aquele aluno, ou tá tratando diferente de um outro aluno branco, sabe? Mas ninguém escancara, porque é feio ser racista.

Por parte dos alunos eu nunca sofri. Porque eu tenho uma relação com os meus alunos, que tem aluno que me chama de mãe, sabe? Apesar de serem adolescentes, tem aluno que me manda mensagem no WhatsApp me chamando de mãe. Tem aluno que me liga... já aconteceu várias vezes de me ligar de madrugada pra conversar, porque tá com um problema. Então o nosso relacionamento é muito bom. Na minha frente nunca ocorreu, né.

Mas é interessante a pergunta que tu me fez, com relação aos colegas. Por quê? Por que sempre teve essas piadinhas que tu... na maioria das vezes, tu abstrai, sabe? Tu

tá vendo, ou então tu tá presente... e tão se referindo a uma outra pessoa negra, e tão falando de uma maneira pejorativa e que cabe pra ti também, mas que as pessoas dizem “ah, não é para Nadja, não é para Nadja”, sabe? Na maioria das vezes tu [se] cala pra manter um ambiente saudável de trabalho.

Mas sabe que agora, durante a pandemia, eu vivi uma situação que me marcou muito, sabe? Me marcou muito e profissionalmente vai me marcar pro resto da minha vida. Eu já falta pouco para me aposentar, aliás, já deveria ter me aposentado se o governo não mudasse as regras, né, não tivesse decidido de repente nos descontar o tempo que a gente fez mestrado e doutorado. Então deveria ter me aposentado em 2017. Mas isso vai me marcar com certeza, porque quem bate esquece, mas quem apanha não esquece.

Eu iniciei um projeto que ficou... foi muito falado, foi parar na mídia, na... foi pra TV, foi pra jornal, que foi o projeto do álcool gel e que acabou participando desse projeto a Universidade Federal, a Universidade Católica, o IFSul e a empresa Biri. E foi muito interessante, William. Eu nunca tinha sentido tão escancaradamente o que fizeram comigo, não só por ser negra, mas por ser mulher, como fizeram com esse projeto. Porque eu... eu comecei ele todo na minha casa, porque a gente já tava em isolamento, entrei em contato com as autoridades que eu deveria ter entrado e, misteriosamente, uma pessoa que já havia dito que não tinha como fazer nada pra ajudar na pandemia, se intitulou a dona do projeto, me excluíram totalmente, de uma maneira que eu tenho certeza que não fariam com branco e com homem.

Isso gerou muita revolta nas redes sociais, pessoas que eu não conheço até hoje pessoalmente, aqui da cidade, e até do Paraná alguns amigos, é... acusaram, é... não é acusar, é... denunciaram esse tratamento machista e racista que eu sofri e nunca ninguém me pediu desculpa. E a pessoa que deveria, até por força do cargo, ter me dado uma satisfação, ela me disse que se sentia ofendida de eu achar que ela era racista. Não sou eu que posso me ofender, tu entendesse, por ter tido um tratamento racista. É o branco, é o homem branco que disse que se sentia ofendido por eu achar que ela era racista. Então isso fez eu mudar muito a visão que eu tinha.

As pessoas, William, e isso eu te digo, assim, com 28 anos de IFSul – não vou nem contar os anos de estudo e muito menos o tempo que eu fui professora contratada só –, as pessoas te suportam. As pessoas veem um negro advogado, as pessoas veem um negro doutor, um negro professor, elas te suportam, porque tu conquistou aquela tua vaga com concurso. Elas te suportam. E aí tu passa 28 anos achando que tu tem

amigos, e de repente tu descobre que eles te suportam, sabe? Que simplesmente, tu é suportada naquele ambiente, até porque eles não conseguem te apagar.

Que que acabou acontecendo – vou te resumir, porque eu acho que isso é interessante, é... porque muita gente finge que não aconteceu nada, sabe, porque o machucado fui eu. E os alunos, isso foi muito lindo, porque os alunos saíram em minha defesa e acusando direto. Porque o aluno não tem cargo, o aluno não tem medo de nada. Que que acabou acontecendo: eu passei por um período muito mal, porque foi tudo ao mesmo tempo. Além de perder... vi político tirando foto, e eu nunca tirei uma foto com aquele projeto. E... mas não era nem pela foto, foi pela... acho que a maior, o que mais doeu, foi a decepção e o desrespeito com o meu trabalho. Porque se tu entrar lá no IFSul, no Campus Pelotas e tu perguntar, desde a portaria, pela professora Nadja da Química, todo mundo vai te falar bem do meu trabalho, porque eu sempre trabalho muito com o meu aluno, eu sempre penso muito no meu aluno, eu... eu cheguei [a], lá no curso, montar uma sala que chamam de cantinho, todo do meu bolso, pro aluno ter condições dignas de passar o dia dentro do Campus, com cafeteira, geladeira, torradeira, tudo pra ele ter o cantinho do lanche dele. Então, sempre trabalhei demais. Fui coordenadora da química, os alunos até hoje querem que eu volte, porque eu sempre trabalhei direito, então aquilo, não agirem... E eu sempre fui muito franca e quanto tu é muito franca, tu arruma muito inimigo, essa é a verdade, porque ninguém quer ouvir verdades. Essa é a verdade, as pessoas querem fingir... caiu o dinheiro na conta, como eu ouço de muitos colegas meus, “eu não tô nem aí, se no início do mês meu salário tiver na conta, o resto que se exploda”, o aluno, o que tiver que ser, sabe?

E aí eu passei... fiquei muito mal, fiquei muito mal, ficava vendo aquela repercussão toda do projeto e eu de fora. Até que eu disse: “bom, eu vou... eu vou esquecer. Eu vou esquecer que esse projeto um dia existiu e eu vou partir para ajudar, porque tem muita gente precisando de ajuda”. E aí eu comecei o projeto do sabão, o Projeto Multiplicar e Dividir, e o projeto foi crescendo, crescendo, crescendo, de uma maneira que eu não imaginava e acabou indo parar lá no Pará, sabe? Com a Universidade Federal, entrou, foi para África, tá indo para Santa Catarina, graças a Deus, ajudar lá... a gente tá distribuindo sabão, William, de uma maneira que tu não imagina, a gente participa da ação dos juízes, todo domingo a gente distribui, aqui em Pelotas todos os quilombos tão recebendo sabão, todos, e eu faço na churrasqueira da minha casa, na área de churrasco, sozinha. Eu faço, enfermo, desenfermo, embalo, e só

para os quilombos, a coisa de duas semanas, foi mais de mil barras de sabão. E tá crescendo, graças a Deus, tanto que eu acabei nem entendendo porque tanta repercussão, porque foi para o Diário Popular, foi pro Jornal do Almoço e no outro dia tava me ligando desesperado o produtor da Record e eu dizia pro meu marido “credo, nem sei porque que tá dando tudo isso” e acabou - as pessoas que fizeram o que fizeram para mim no projeto do álcool - me dando os parabéns pelo meu trabalho, como se eu nem tivesse feito o do álcool, sabe?

Então todo esse relato é para te dizer o seguinte: eu nunca me deixei abater, porque nós negros, William, se o branco precisa fazer x, tu tem que fazer x ao quadrado, porque tu tem que estar sempre provando que tu não tá ali porque tão com pena de ti, da tua cor, porque tu conquistou por uma cota, que tu tem a mesma capacidade. Tu tem que estar sempre provando, não, que tu é excelente, porque no fundo, no fundo, a primeira coisa eles vão dizer “negro quando não caga na entrada, caga na saída”, “isso é coisa de negro”, é bem assim, sabe, é bem assim. E muitas vezes eles não precisam nem dizer, porque a atitude deles, tu fica pensando, eu fico pensando assim, William, será que teriam tido essa atitude com um branco do IFSul, sabe? Porque eu posso dizer isso, porque eu tenho todas as mensagens trocadas provando que aquele projeto estava sendo tratado comigo, tanto que o próprio reitor, o Pedro Hallal, numa *live* com o Fábio Cóssio da “Outras Vozes”, disse que esse projeto era de uma professora no IFSul.

Só que dentro da minha casa, não me deram esse mérito, sabe? Porque não é nem pelo mérito, é porque, porque que quando a tua ideia é boa, o branco rouba? Isso é que me deixou, sabe... Porque se tu tens uma ideia ruim, tu é incapaz, tu é isso, tu é... mas quando tu tem uma ideia boa, não pode ser tua. Então isso aí a vida me ensinou. Eu tenho 57 anos e já vivi muita coisa, então a vida me ensinou que tu precisa sempre provar que tu é bom.

Eu vou te contar uma passagem – eu falo muito, porque professor é assim –, pra te mostrar como é que tratam o negro, mulher e velho, porque eu pra jovem não sirvo mais.

Quando eu entrei no Doutorado, era a primeira turma de química de Doutorado, na Federal. Era a primeira, então eles tinham pressa pra iniciar o curso que tinha sido aprovado. No processo pra te inscrever, tu tinhas que ter um orientador já, então na tua inscrição tu já tinhas que ter. Me fui pro Campus Capão do Leão procurar orientar, pedir orientador. Teve um professor, que eu não vou citar o nome, mas se ele

escutasse, ele ia saber que foi ele, porque ele é extremamente arrogante, né, ele é muito arrogante, que eu cheguei pedindo, conversei com ele assim... Pra iniciar, ele não levantou a cabeça, aí ele não levantou a cabeça. Só a esposa dele que trabalha lá também, que tava de pé e conversava mais, era mais simpática, mas ele escrevendo o tempo inteiro, de cabeça baixa. E ela conversando comigo, disse “bah, tu é do IFSul”, eu digo “Sou, eu dou aula lá”. Aí ele levantou a cabeça, tu escuta só. E aí ela disse “não, a gente trabalha muito com absorção, e o IFSul tem absorção, né?” e eu digo “Tem”. Aí ele se interessou. Mas quando ele viu que eu era, provavelmente... [Eu] quis acreditar que era por ser uma mulher já “não jovem”, né, ele não teve interesse. Ele deu um monte de desculpas – tu percebe quando alguém tá de dando desculpas –, deu umas desculpas que ele ia selecionar quem ele ia orientar. Que ele ia fazer uma seleção pra ver quem ele ia dar tal carta, mas só que a inscrição ia acabar. E eu percebi que ele não tinha interesse, pior é que era a área que eu queria fazer o Doutorado, né, e aí ele tratou daquela maneira. Bom, acabou seleção, prova de quase dois turnos, fui selecionada, minha orientadora maravilhosa da UFRGS, fui selecionada. Começaram as aulas e eu tinha alguns ex-alunos meus ali, porque era aula de Mestrado e Doutorado, todo mundo junto, e ele começou a perceber que eu acabava os exercícios muito rápido, mas eu dava aquela matéria que ele dava, eu dava no IFSul. E aí ele começou a me perguntar antes o “quanto vai dar o PH, quanto vai dar não o que”.

Bom, aí, resumindo, a aluna que ele selecionou deu um monte de problema e eu acabei mostrando que eu não tava ali, sabe, é... à toa, eu tinha capacidade de estar ali. Mas a turma só foi deixar de me ver como “Ah, é mais uma pessoa velha, que vai ter dificuldade, vai dar problema pra escrever, pra isso, praquilo”, uma vez que esse professor, ele lançou um exercício que ele terminava com uma equação horrorosa, pensa numa equação horrorosa, pra ter o resultado, tu tinha que resolver essa equação, e era muito difícil.

E aí ele disse assim “olha, gente, o resultado é tal”, botou o resultado e disse “vocês descubram como chegar nela”. E a gente “ah, vai cair na prova, vai cair esse estilo na prova”. E todo mundo tentando, tentando. Até que um dia um menino muito querido, a turma era toda muito querida, o Marcius, que era um gênio, um gênio, ele disse assim “alguém conseguiu resolver aquela equação?” e o Elton, que hoje é professor lá em Rondônia, disse assim “a Nadja conseguiu!”, ele tinha sido meu aluno. E o Marcius assim, “Nadja, tu pode nos explicar no quadro, porque eu coloquei no MatLab

e não consegui resolver”, aí eu expliquei e disse “como é que tu chegou a essa conclusão?”; a partir dali eu ganhei respeito da turma, sabe?

Então nós sempre vamo ter que tar provando... A tua capacidade, porque que tu tá li... E hoje eu te digo assim, ó: eu, até então, eu achava que não existia isso entre os colegas. E se tu perguntar, eles vão dizer que não existe, mas infelizmente, existe. Mas tu só vai perceber quando eles puderem demonstrar isso claramente, e a pandemia eu acho que escancarou a pouca vergonha. Porque eu posso, William, te ofender por uma tela, eu posso te ofender por um WhatsApp, eu não posso... eu não tô podendo estar olho no olho contigo. Então, escancarou, eles perderam a vergonha de sacanear o colega, de te ofender, perderam totalmente a vergonha.

**ENTREVISTADOR: Tudo bem, professora. Vamos a próxima pergunta, então. Com relação às memórias, do teu período de docência. A senhora tem 28 anos de trajetória, né, que a senhora falou agora, como professora, como educadora. Como elas auxiliam na sua formação docente? Em que a senhora observa toda essa trajetória na sua formação docente? Como é que elas pode... Ihe auxiliam nas suas aulas?**

**ENTREVISTADA E:** Bom, é... As minhas memórias, elas me auxiliam a partir do momento em que elas fazem eu ser a docente que eu sou. Ou seja, eu pauto meu trabalho todo em cima dos meus alunos. Porque eles são a razão de sempre. Tanto é que agora, na pandemia, eu não tô afastada deles, a gente tá trabalhando juntos, a gente tá fazendo tudo juntos. Porque é a razão de ser. Porque que eu resolvi... todo mundo, eu já ouvi de muitos colegas que aluno não é amigo de professor. Mas eu, eu penso que não, e eu sou muito amiga dos meus alunos, sou muito amiga, tento auxiliar eles em tudo quanto é sentido, todos que tu pode imaginar, inclusive financeiro. Então, essa minha maneira de ser docente, eu acho que veio muito de professores que eu tive, professores que me serviram como exemplo positivo, mas também de professores que me mostraram que eu não queria ser assim, sabe? Então assim, das memórias que eu tenho... parece mentira, William... q que te fazem, o que tu passa de ruim, te marca muito. Às vezes mais do que o que te aconteceu de bom. Se daqui a pouco eu te pergunto assim “William, qual foi a última festa que tu curtiu, não sei o que, antes da pandemia”, talvez tu tenha que forçar a memória. Mas se eu te perguntar assim “quem é que foi que te decepcionou ultimamente”, tu vai saber rapidinho. Então acho que estes professores mostraram [o] que eu não queria ser. Eu vi muitos colegas também preparando prova e pulando na cadeira dizendo “essa eu duvido os alunos

conseguirem resolver, essa aqui duvido”, não sei o quê. E eu olhava e dizia assim “Meu Deus do céu, que prazer em ver, prepara uma prova que o aluno não vai conseguir responder”.

Então, estas memórias, é que fizeram com que eu dissesse “não, eu não quero”. Eu sempre digo assim pro meu aluno... Meu aluno chega e diz “Entrevistada E, eu não pude vir na tua prova porque, bah, eu tava doente, não sei o quê...” Tem colega que dizia “mentira, muitos deles mentem”. Eu prefiro pecar, sabe, ser feita de boba, do que eu duvidar de um aluno e ele estar me dizendo a verdade.

E eu vou te dizer uma coisa, William, já que a gente tá falando em memória. Quando eu entrei, em 1992, eu entrei como professora substituta. Um colega ia concorrer - casualmente, tá concorrendo de novo às eleições -, ele ia concorrer às eleições, e eu entrei pra substituir. E era muita aula, muita aula, muita aula, porque tiravam o coro do substituto. E aí à noite, na turma da noite, eu fui aplicar, a primeira aula que eu ia substituir, eu ia aplicar uma prova de química orgânica. Era já aplicando prova. E eu notei que tinha um menino, que eu nunca esqueci nem o nome dele, era o Elias, que ele fazia a prova e fazia assim na cabeça, e eu pensava “deve tá difícil”, porque não tinha sido preparada por mim, eu apenas, só substituindo o professor que saiu. Toda hora ele fazia assim, e eu pensando “deve tá brabo” [incompreensível] prova. Isso foi numa sexta-feira. Na segunda-feira a gente soube que ele morreu de um AVC.

Então a partir dali... São estas coisas que te formam. É mentira quem chegar pra ti e disser assim “foi na faculdade que...”. Não é na faculdade, não. É no teu dia a dia, porque a vida vai te dar coisa boa e coisa ruim. Tu muda se tu quiser. Tu aprende se tu quiser. Quando eu cheguei e soube que ele tinha falecido dum AVC, eu digo, ele deveria estar fazendo a prova, morrendo de dor já, na cabeça. Porque toda hora ele fazia assim e seguia escrevendo. Então a partir dali eu tomei essa decisão: eu sempre vou acreditar no meu aluno. Ele pode me enganar. Eu prefiro ser enganada, do que ser insensível. Então a minha... A minha carreira docência foi sempre em cima disso. Primeiro lugar, o aluno. E aí tu não vai errar.

**ENTREVISTADOR: Bom, professora, é... Como a senhora observa a contribuição da cultura negra na sua formação docente. A senhora... e se a senhora acredita que haja essa contribuição da cultura negra para a sua formação docente.**

**ENTREVISTADA E:** Muita. Muita contribuição. Tu sabes que a minha mãe... o meu pai trabalhava à noite, e a minha mãe contava muitas histórias pra nós. Nós éramos muitos filhos e eu lembro de à noite ela colocar todo mundo em cima da cama e ela

contava muitas, muitas histórias. Minha mãe era muito sábia, ela sempre tinha história pra tudo. Ela tinha uma história até pra fazer com que eu e a minha irmã não deixasse louça suja à noite. Depois a gente entendeu que ela queria que lavasse, mas ela contava uma história, de uma mulher que veio lavar louça, surgiu e nós tinha um medo daquela mulher que a gente disse “não deixa a louça suja”. Ela era muito sábia. E ela contava... ela teve bisavós e tal, que foram escravas e ela contava muita coisa, muita coisa. Ela tinha até uma carta de alforria, e tu acredita que ela botou fora? A gente queria matar ela, porque ela não sabia da importância que era. Então a gente sempre teve isso muito presente na nossa vida, e a gente sempre teve muito orgulho de ser negra. A gente conversava, a gente trocava ideias, e a gente tinha muito orgulho daquela negritude. Hoje em dia tu vê, assim, pessoal, assim, gente que nem quer. Tem gente que diz assim, “ai, eu não sou negro, eu sou descascadinha”, sabe? A gente sempre teve muito orgulho disso tudo.

E isso contribuiu, porque ao mesmo tempo que a minha mãe contava histórias, ela valorizada muito a educação, o estudo, porque ela sabia que pra gente conseguir respeito... e nós éramos só três mulheres filhas e seis homens, mas a mãe dizia que as três tinham espírito de homem, porque a gente era de ir à luta. A minha irmã mesmo, foi fazer Mestrado na USP, a minha mãe “meu Deus, ela sozinha em São Paulo, ela é epiléptica”. Nós nunca tivemos esses problemas de medo de andar pelo mundo e ela sabia que, com a maneira que a gente era, muito ativa, muito... Que a gente precisava do estudo. Porque pro negro, era sempre pior.

Então a cultura negra, além de tudo, tudo de lindo que a gente, graças a Deus, né, que a gente pode orgulhar dessa cultura, e que muito branco imita e nem sabe que é nosso, ela sempre teve presente na minha vida, desde a infância, e vai continuar sempre, né. Ela tá aqui, ela tá na pele, né. Então assim, ó, tudo que a gente faz, a gente tem que ter orgulho da nossa raça. Mesmo que alguém tente te diminuir, tu tens que sempre levantar tua cabeça e olhar, sabe... não precisa olhar, empinar o nariz, mas olha olho no olho, sabe? Dá a resposta à altura, eu sempre digo isso pra minha filha.

**ENTREVISTADOR: Professora... é... Agora sobre a pandemia e o negro nessa conjuntura atual. Como é que a senhora observa? A senhora já falou bastante, na verdade, sobre a pandemia, não, sobre a pandemia neste momento, né, na sua fala.**

**ENTREVISTADA E:** Sim.

**ENTREVISTADOR:** Mas como é que a senhora observa, assim? Negro e pandemia.

**ENTREVISTADA E:** Olha, eu vou te dizer assim, ó: eu fico muito triste, porque a gente tem ajudado muitas pessoas e tu fica muito triste de ver como tem negro em situação de vulnerabilidade social. Tu tá distribuindo, tu tá fazendo... tu fica vendo, assim, como tem irmãos, é... que não... é... é muito triste. No Domingo Solidário, que o pessoal tem contato direto, faz barba, corta cabelo, tu vê como... como muda... eles fazem a barba, cortam o cabelo e até o olhar deles muda. Antes eles tão assim e depois eles já começam a rir e olhar mais de cabeça erguida.

Uma outra coisa que eu percebo, não sei, eu quero até tá errada, não sei, não saberia, mas é uma impressão minha. É que tu não vê muitos negros fazendo ação solidária, tá? Não sei porque, é... Mas tu não vê muito. Eu vou te dizer assim, ó, não gosto até de citar nomes porque posso errar, mas dos que eu tenho contato direto eu vejo o Cresmar, do Navegantes, do projeto Seja Solidário, a Tolentina, do Mãos Valiosas, a Marta, do Pestano, do Renovação, o pessoal da Banda Meta, que hoje ainda, teve aqui, eles vem buscar as doações que eu faço pras vovozinhas de um asilo, e são os que eu lembro, sabe? Eu não, não co..., não sei porque, não tenho essa resposta, mas a maioria das pessoas que tem alguma ação são brancos. E grande parte dos que estende a mão pra receber, são negros. Essa é a minha impressão.

**ENTREVISTADOR:** Professora, antes de nós fazermos o questionário, eu queria perguntar pra senhora se eu não contemplei alguma pergunta, se a senhora gostaria de falar ais alguma coisa nesses questionamentos...

**ENTREVISTADA E:** Tá. Tem uma coisa... uma coisa que eu acho que, de... tu não perguntou, e eu acho que é importante, é... a posição dos nossos colegas negros, diante do que eles visualizam. Porque... eu vou te dizer a impressão minha. Eu vejo que os nossos colegas, né, de trabalho, negros, eles sabem as coisas que acontecem com um ou com outro, as situações de racismo, e eles calam. Então, assim, ó, eu não sei... eu não sei se é porque eu sou muito faca na bota, tudo eu me meto, mas eu percebo a convivência do negro, sabe? Na rede social... o pessoal escreve contra o racismo, contra isso, contra aquilo, mas no ambiente de trabalho finge que não vê nada, sabe? Ou comenta, te apoia, ou não sei o que, mas finge que não vê nada. E quando tu toma uma atitude, ou tu toma a frente e reclama e diz a tua opinião, geralmente tu arruma problema.

Então, eu acho que... a posição... eu, eu acho que a gente pergunta muito qual é a atitude do branco, mas eu acho que a gente também tem que ver qual é a atitude dos... dos nossos irmãos, porque eu acho que eles calam, sabe? Eu acho que tu não ser racista, mas tu ser conivente, acaba sendo até pior, sabe? Porque tu é negro, tu deveria entender o que outro negro tá sentindo e muitas vezes tu cala, tu finge que aquilo não acontece. Quantos colegas respondem que no IFSul não existe racismo. E existe sim. O IFSul é uma instituição racista. Muito racista. Sabe? É... eles tentam, porque tem que dizer que não tomando alguma atitude, mas o IFSul é muito racista, sabe?

**ENTREVISTADOR: A senhora acredita, professora, que falte mais união entre nós, irmãos, as pessoas negras?**

**ENTREVISTADA E:** Com certeza, com certeza. Eu acho que é aquela coisa que nem mulher, sabe? Eu acho que deveria ser, se tu atingiu uma, tu atingiu todas, porque todas nós estamos tentando conquistar. É ridículo em 2020 dizer isso, mas a gente tá tentando conquistar o nosso lugar, sempre. E eu acho que quando, principalmente numa instituição como o IFSul, que tu conta nos dedos quantos professores negros tem dentro do IFSul, então acho que tinha que haver uma união. Lógico que quando tu atinge um, tu atinge todos. Eu vou te dizer assim, ó, vou te dar um exemplo, eu sei que tem Núcleo dentro do IFSul, ninguém foi tirar satisfação dos gestores do que aconteceu no caso do Projeto Álcool Gel. E isso foi público, isso tava em tudo quanto era rede social, os alunos fizeram tanta pressão que o IFSul teve que fazer uma publicação na página dele dizendo que era meu e ninguém... Nós temos um Núcleo pra tratar desse tipo de atitude racista dentro do IF e ninguém pediu uma satisfação. O Núcleo não pediu uma satisfação pra gestão, do porquê daquela atitude. Por eu ser mulher? Por eu ser negra? Porque que foi, afinal? Então eu acho que isso mostra, sim, que existe desunião.

Uma vez a minha mãe disse uma coisa... eu não tenho mais ela, mas ela era um exemplo, né, muito sábia. Que o maior preconceito que existe é o do negro contra o negro, e é verdade, é verdade. Tu pode ver o seguinte, eu tinha uma... Tenho, né, graças a Deus, ainda é meu amigo... Um amigo gay que ele dizia que dentro do mundo gay, existe preconceito... eu não saberia explicar, mas que existe preconceito, que ele dizia “das barbie” contra o travesti, que... com preconceito com... que existe uma divisão e que existe preconceito. Da mesma maneira, eu vejo o nosso caso. Tem branco que tem o cabelo cacheadinho, marará... Ai, desculpa, o negro com cabelo

cacheadinho, mais claro, que tem preconceito contra o mais escuro. [O] próprio negro. E o meu marido costuma dizer que o troféu do branco, do negro, é uma loira, e é verdade. Tu pode ver, o jogador de futebol negro, geralmente, ele casa com uma loira. Ele não... é como... Como... o meu marido fica furioso. Que ele diz assim, que quando o negro tem oportunidade de engrandecer a nossa raça, ele diminui. Então eu acho que, infelizmente, ainda existe conivência dos colegas, ou pelo menos, medo de se posicionar.

**ENTREVISTADOR: Tá bem. Obrigado!**

## APÊNDICE H – ENTREVISTA F

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 31 a 45 anos

Data de realização: 21 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 14' minutos e 50'' segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada ao “Entrevistado F”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e o Entrevistado F, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista o convidado foi questionado sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia vinte e um de setembro de dois mil e vinte, às quatorze horas, iniciou-se a entrevista junto a educador convidado, doravante denominado Entrevistado G. Logo, o professor começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: Bom, eu vou começar com as perguntas mais simples, que essas são em relação ao seu gênero. Você se identifica como homem, mulher, ou outro, ou prefere não falar?**

**ENTREVISTADO F:** É... como homem.

**ENTREVISTADOR: Qual a sua idade?**

**ENTREVISTADO F:** Tenho 33.

**ENTREVISTADOR: Como o senhor se identifica com relação a sua etnia?**

**ENTREVISTADO F:** Negro.

**ENTREVISTADOR: Qual é o teu Campus de atuação do IFSUL?**

**ENTREVISTADO F:** É... Eu trabalho na parte de ensino de matemática, no Campus Pelotas.

**ENTREVISTADOR: E a tua formação acadêmica e a tua titulação acadêmica?**

**ENTREVISTADO F:** Eu sou formado em licenciatura em Matemática, formei em 2010, final de 2010, e a minha titulação hoje é de doutor. Eu sou doutor em Engenharia Mecânica pela UFRGS, me formei, quer dizer, me formei não, completei o curso em 2017.

**ENTREVISTADOR:** Bom, vamos começar então ao questionamento do meu objeto de pesquisa. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais convivestes no ambiente escolar até a sua formação profissional. Quantos eram negros, se tu lembra? Desde que tu começou, assim, a tua trajetória...

**ENTREVISTADO F:** Professores... putz... desde o ensino médio?

**ENTREVISTADOR:** É... lá, desde o fundamental, médio...

**ENTREVISTADO F:** No fundamental, médio... Então, poucos né. Poucos, poucos professores negros. Tanto, desde o ensino básico, ou ao ensino médio, ensino superior, são poucas lembranças mesmo, viu? Eu lembro de um professor de educação física, do Pelotense... eu lembro um professor na faculdade também, que eu tive, um professor negro... Meu primeiro professor, assim, então foi até legal, a primeira aula que eu tive era com ele e era o único professor negro do departamento... Não sei como é que tá agora a situação ali na UFPel.

Depois pro mestrado, doutorado... Eu não me recordo, acho que não tive nenhum professor negro ali, né. Então foram poucos, foram poucos, mesmo. Não tenho tantas e tantas lembranças. Eu fui pelo lado, também, das exatas. Talvez seja o campo... quem sabe lá para o lado das humanas, da pedagogia, tenha um pouco mais de negros ali trabalhando. Mas ali, dentro do meu meio, foram poucos, né.

**ENTREVISTADOR:** Sim. E desses professores negros que tu falou, pelo que tu lembra são dois professores, né. Quais inspirações relacionadas tu leva pra tua sala de aula, deles, né? Se tu leva, né...

**ENTREVISTADO F:** Cara, eu acho que eu levo um pouquinho de cada. É... eu acho que eu levo um pouquinho de cada, um pouquinho de cada no sentido de todos os professores, né. Acho que independente da... do jeito de... ou a forma, enfim... ou a etnia de cada um. Agora, especificamente com os negros, eu não... eu não tenho nenhuma lembrança de algo que eu possa ter puxado, ter pego ali deles, né.

**ENTREVISTADOR:** Bom, em relação as tuas memórias docentes, né, teu exercício da profissão. Quais lembranças tu tem de casos de racismo presenciados com os alunos... aí são três perguntas numa mesma, tá? Com os

alunos, contra ti em sala de aula por parte dos estudantes e se tu lembra de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Mas aí tu pode ficar bem à vontade, se quiser responder ou não, e não precisa mencionar nomes, só se tu lembra de casos contra... presenciados em relação aos estudantes, contra ti em sala de aula ou e com os teus colegas de docência.

**ENTREVISTADO F:** Uns colegas, ali... nós somos poucos ali, professores negros ali no IF, então... é até difícil a gente ter essas histórias, assim. Com relação à aluno, ou comigo mesmo, né, eu entendo que hoje, esses atos de racismo, eles estão muito mais contidos. Hoje o racismo ele é muito mais camuflado, ele é bem discreto, né, não é uma coisa tão escancarada, tão denunciada. As pessoas já tem um certo consenso de que o racismo hoje, ele é um crime e é uma atitude completamente condenável. Então elas não revelam assim, de uma maneira tão espontânea, né. Então eu não consigo te apontar casos e casos em que isso acontecendo, né.

Mas eu entendo sim que essa é uma questão... é presente, a partir do momento em que você entra em qualquer ambiente e sendo estando único ou um dos poucos negros que tenha por ali, você já começa a sentir algum tipo de avaliação. Mas, assim, apontar casos e casos... eu não vou poder te apontar nenhum caso ou episódio que aconteceu. Isso por conta da... por conta disso que eu te falei, o quanto isso é hoje, digamos, condenável, o quanto as pessoas entendem como um ato negativo, então isso acaba inibindo muito ação das pessoas. Então, por mais que você seja uma pessoa extremamente racista e preconceituosa, você não vai sair por ali, principalmente em um ambiente de salas de aula, acusando, falando, de repente que o teu professor é isso ou aquilo por causa da cor dele. Então é muito mais difícil de a gente digamos, provar que aquilo ali é racismo ou não e depois uma mesma maneira, de a gente compartilhar esses episódios.

**ENTREVISTADOR:** Bom. Com relação às memórias do teu período de docência. Como elas auxiliam na formação docente? Como é que tu enxerga as tuas memórias do teu período de docente, como elas podem reverberar na tua atuação?

**ENTREVISTADOR F:** Não, não entendi... Minhas memórias do período de docência?

**ENTREVISTADOR:** É, isso. Enquanto docente, como é que tu acha que elas auxiliam nessa tua atuação docente.

**ENTREVISTADOR F:** Olha, acho que é pura experiência, né... é... Então a gente vai testando, a gente vai imaginando alguma coisa, teste em sala de aula, ali vê o retorno,

um pouco, dos alunos. Vê se alguma coisa é positiva, se não é... tá? A sala de aula é o melhor ambiente, assim, porque acho que ali é que tá o aprendizado, ali é que tá toda construção, né. Então a gente vai, a gente pensa numa coisa, leva para sala de aula, discute ali um pouco com eles, vê como vai ser a reação deles ali e isso é que vai moldando a gente para depois ver se vai repetir aquela atividade, se não vai, enfim. Muito nesse sentido, é a pura prática. Sala de aula tem disso, a gente tem que ir tentando, tentando, tentando, sempre tomar cuidado para que quando errar, não seja um erro que tenha muitas consequências, que seja uma consequência pequena ou algo em que você dê para consertar logo ali, né. Mas é na tentativa e erro, sala de aula é assim mesmo.

**ENTREVISTADOR: Como você observa, se é que tu observas, a contribuição da cultura negra na sua formação docente?**

**ENTREVISTADO F:** Minha formação como professor? Acho que assim, especificamente como cultura negra, né, eu acho que, né, eu acabo levando pouca coisa para dentro da sala de aula. Eu não sei se isso talvez pode ser um problema meu, pode não ser, enfim. Mas eu tento tratar mais do conteúdo ali em específico, não tento desviar um pouco o assunto, tá, então dificilmente eu tento levar... é... Então, eu digo assim, eu não levo muita coisa para dentro da sala de aula.

Eu acho que fica mais, assim, com relação a... à família mesmo. A minha mãe era uma mulher que adorava dar aula, ela queria muito ser professora, não conseguiu ser. Acho que de... um pouco dela, sim, eu acabo pegando. Minha mãe também gostava bastante. Mas, assim, de experiências, de cultura, de episódio, de coisas que eu levo para sala de aula... isso, é... isso é bem difícil de a gente levar, até porque a gente trata de matemática ali, né, então tem que costurar bem o assunto para conseguir levar isso pra dentro de uma... do meu enredo de aula.

**ENTREVISTADOR: Você falou da sua mãe, né. O senhor acredita que, então, essas suas memórias, enquanto docente hoje, sejam relacionadas a sua mãe? Ela era uma mulher negra?**

**ENTREVISTADO F:** Sim, sim, sim. É... ela gostava bastante de sala de aula, né, ela adorava. Ela sempre, digamos assim, valorizou muito a educação. Então desde que eu era pequeno, ela sempre quando eu ia para sala... quando eu ia para escola... eu saía da escola, chegava em casa e ela já me recebia com... a primeira conversa que a gente tinha ali, ela me perguntava “O que que você aprendeu hoje?”, né, então ali eu tinha que explicar tudo que eu tinha aprendido na escola. Isso se manteve até

meados do ensino médio. Isso seguindo, assim, quase que todos os dias a gente tendo essa conversa. Ela gostava muito de ver meu caderno também, de dar pitaco, falar um pouco sobre aquilo. Participava bastante de todo meu... de toda a minha formação.

**ENTREVISTADOR: E o senhor acredita que por não consegui... por não trabalhar essas questões, da cultura negra, né, como tu disse, nessa tua sala de aula, seja em virtude de tu ser, por exemplo, das exatas, mais relacionadas a essas áreas.**

**ENTREVISTADO F:** Não, eu acho que é um pouco... é que eu sou muito leigo, né, também, e... a questão das exatas, a gente tem que saber muito sobre aquela determinada cultura, sobre aquela determinada história, para você poder carregar ali para as exatas. Eu acho que é mais fácil, por exemplo, tratar ali na parte das humanas. Sociologia, história, de repente fazer uma ligação, né.

**ENTREVISTADOR: Bom. Já estamos quase chegando ao final das perguntas, tá? Em relação a pandemia e o negro na sociedade atual. Como é que tu observa o COVID-19 hoje e o negro nessa sociedade?**

**ENTREVISTADO F:** Na sociedade como um todo?

**ENTREVISTADOR: É, o que tá acontecendo hoje com a pandemia e o negro nesse momento, dentro da pandemia.**

**ENTREVISTADO F:** É que... bom... eu acho que, assim... aí é uma situação que eu não... Imagino, assim, que existem professores, digamos, mais qualificados, de repente, pra dar esse parecer, né. Falar sobre, ou discursar sobre isso, né. A nós, ali no IFSul tem um grupo que discute essas questões, digamos, tanto a dos negros, como a das minorias, alunos baixa renda e tal. Então todas as questões são discutidas ali. Eu acho que você poderia também, de repente, procurar por ali. Agora, sobre a minha opinião, imagino que o negro, assim como toda a sociedade, deve estar num momento... é difícil, por conta dessa pandemia. Agora, esse é o meu... digamos, a minha... a minha visão, né... eu não tenho uma visão tão, digamos, específica sobre isso, nem uma fala tão qualificada sobre o assunto.

**ENTREVISTADOR: Bom, professor. Nessa primeira parte, nós estamos chegando ao final. Eu queria saber se algum questionamento não foi contemplado... Se o senhor queria falar alguma coisa sobre as memórias...**

**ENTREVISTADO F:** Não, eu tô bem, cara... acho que... Eu acho assim, a gente que também, de repente, falar um pouco mais assim, da história. De como... da formação,

sobre a experiência em sala de aula, sobre casos e tal. Acho que é só mais ou menos isso, né.

**ENTREVISTADOR: Pode falar. O senhor pode falar. Se o senhor quiser contar...**

**ENTREVISTADO F:** Mas... não, não, não. É que eu... o que eu entendo, é que a tua pesquisa ela tá relacionada mais a isso, né, mais ao fato das experiências do negro como professor. Isso é uma coisa que eu acho interessante, também, mas assim, eu acho bom a gente também criar outras vertentes, por exemplo, o negro, em tudo que é lugar que você vai atuar, o negro ele sempre leva mais uma classificação. Por exemplo, eu sou professor. Mas eu não sou um professor, sou um professor negro. Assim como qualquer outra profissão que você vai ter aí. Então, no teu caso mesmo, você é... você falou que fez Direito, fez Jornalismo, é um jornalista, mas é um jornalista também negro. E é interessante a gente falar sobre o nosso... sobre essa relação... Então perguntar, por exemplo, bah, como seria, como é a tua experiência como jornalista negro e tudo mais, mas também é interessante falar da sua profissão como... por exemplo, você é um jornalista e então também é bom falar da sua profissão como Jornalismo. Mas eu entendo aqui, que o nosso foco aqui é justamente essa discussão da negritude no Campus. Não sei se eu fui bem claro, eu acho interessante tudo que está sendo falado, mas eu também acho interessante a gente também tratar da coisa mais... enfim, né.

## APÊNDICE I – ENTREVISTA G

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 18 a 30 anos

Data de realização: 21 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 10' minutos e 02" segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada ao "Entrevistado G", assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e o Entrevistado G, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista o convidado foi questionado sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia vinte e um de setembro de dois mil e vinte, às dezessete horas, iniciou-se a entrevista junto a educador convidado, doravante denominada Entrevistado G. Logo, o professor começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: As primeiras perguntas são bem tranquilas, em relação a como tu te identifica. Qual é o teu gênero? É homem, mulher, ou outro, ou... tu não precisa me dizer.**

**ENTREVISTADO G:** Homem.

**ENTREVISTADOR: Bom, a tua idade?**

**ENTREVISTADO G:** 27 anos.

**ENTREVISTADOR: Tá. Como tu te identifica em relação a tua etnia?**

**ENTREVISTADO G:** Negro.

**ENTREVISTADOR: Qual é o teu Campus de atuação no IFSUL?**

**ENTREVISTADO G:** O Pelotas.

**ENTREVISTADOR: Qual a tua formação acadêmica e qual a tua titulação acadêmica?**

**ENTREVISTADO G:** Eu sou mestre em Modelagem Matemática e licenciado em Matemática.

**ENTREVISTADOR:** Bom, agora nós vamos entrar nas perguntas, né, do que é o objeto da pesquisa. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais convivestes no ambiente escolar até a sua formação profissional. Quantos eram negros, consegue lembrar?

**ENTREVISTADO G:** Hum... Bem, o próprio Entrevistado G... Agora eu estou em dúvida se foram três ou quatro, mas dentro disso.

**ENTREVISTADOR:** Uma média... Bom, tu falou em três ou quatro, né. Desses professores tu leva alguma inspiração pra sala de aula?

**ENTREVISTADO G:** Ah, sim... sim, sim. Quando tu pergunta a formação, inclusive a formação da faculdade, certo?

**ENTREVISTADOR:** Isso.

**ENTREVISTADO G:** Teve um professor meu da faculdade, um dos primeiros professores que eu tive contato, foi... assim, uma grande inspiração. Exatamente pelo fato de ser um professor de matemática, negro, doutor já, e professor federal, então eu dizia que quando eu crescesse, eu queria ser como ele.

**ENTREVISTADOR:** Sim. Bom, em relação as tuas memórias docentes. Quais lembranças tens de casos de racismo presenciados com os alunos... são três perguntas na mesma, tá? Com os alunos, contra ti em sala de aula por parte dos estudantes e se tu lembra de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Não precisa mencionar nomes, só os casos, se tu quiser.

**ENTREVISTADO G:** Entre os alunos, na realidade, apenas. Desses três, só entre os alunos, assim. Direcionado, comigo, não. Não por ser negro, eles tinham um estranhamento mais por ser homem, na escola onde eu trabalhava, porque eles estavam acostumados, só, apenas professoras mulheres, então de repente aparece um professor homem, eles... sem ser o de educação física, eles estranharam. Mas, assim, principalmente pela questão da etnia, entre os alunos.

Entre os alunos eu tive um caso, onde eu tive... onde eu me, me interpus, inclusive, porque era muito sério, assim. Era uma coisa que parecia uma brincadeira que estava sendo aceita pelo aluno atingido, né, parecia que ele levava de boa... e quando eu prestei um pouco mais de atenção, eu vi que isso incomodava ele, mas ele não se sentia encorajado a se contrapor aos colegas.

**ENTREVISTADOR:** E tu sabe... tu consegue relatar esse caso? Tu consegue lembrar como era esse...

**ENTREVISTADO G:** Sim, ele era um aluno afrodescendente, assim como eu sou, apenas só a pele mais escura, e ele tinha... como era que eles chamavam ele... eles chamavam ele de feijão, de... e outros apelidos nesse termo, né, nessa linha, e... parecia que ele... ele responde, ele atendia... que eu acho que foi um dos primeiros erros dele, foi atender quando chamavam ele por esse apelido. Mas ele parecia levar na brincadeira, até o momento que eu comecei a reparar mais na reação dele, e aí eu percebi que ele não levava tão na brincadeira assim. A diretora da escola também conversou comigo, que ele não tava se sentindo bem. A tia dele tinha entrado em contato com a escola, que ele não tava se sentindo bem. E aí eu comecei a prestar mais atenção e eu percebi, realmente ele não tava se sentindo bem com aquilo e aí, então, me interpus.

**ENTREVISTADOR:** Bom. Com relação às memórias do teu período de docência, do tempo que tu dá aula. Como elas auxiliam na formação docente, como tu consegue perceber essas memórias?

**ENTREVISTADO G:** Ah, eu acho que... isso é... eu nunca deixei, nunca vou deixar de me formar como professor, acho. Cada vivência que eu tive antes de eu ingressar no IF – eu sou bem recente no IFSul como professor, eu recém... comecei esse ano –, todas as demais práticas docentes que eu tive, eu acho que me ajudaram muito a ser o professor que eu sou hoje em dia. Todas as experiências, contatos, eu com meus colegas, eu com meus alunos, acho que eu tive muito aprendizado. Eu arriscaria, inclusive, dizer que os meus alunos me ensinaram mais sobre ser professor, do que eu ensinei matemática pra eles.

**ENTREVISTADOR:** Bom. Como é que tu observa a contribuição da cultura negra na tua formação docente? Se é que tu observa, né.

**ENTREVISTADO G:** Ah, eu acho que talvez a questão da representatividade. Sério uma coisa que... uma tecla que tá sendo tanto batida e eu acho que é muito importante ter alguma representatividade quando a gente vai buscar esse tipo de coisa. Né, eu acho que, se eu não tivesse tantos casos na minha família, de gente pós-graduada, talvez eu não acreditasse que seria tão possível pra mim. E principalmente, como eu falei, esse professor da minha graduação, quando eu cheguei lá, ver ele, assim sabe, tipo, bah, ali pra mim realmente foi um ápice desse ponto.

**ENTREVISTADOR: Bom, em relação a pandemia. O COVID-19 e o negro na sociedade. Como é que tu observas essa relação?**

**ENTREVISTADO G:** Olha, eu diria que eu sou até um negro privilegiado, nesse momento. Que o que se vê muito é... são pessoas que não estão tendo a devida condição pra se cuidar nessa pandemia. E graças a Deus, eu consigo. Mas eu sei que não é uma realidade. Eu sou uma exceção à regra, bem dizer.

**ENTREVISTADOR: Bom, estou anotando umas coisas aqui. Bom, tem alguma pergunta... nessas minhas que eu fiz... tu não... não foi contemplada, que tu gostarias de falar?**

**ENTREVISTADO G:** Não, não, eu acho que só, a importância... quando o Entrevistado G, ele me ligou, me falando que passaria meu contato pra ti, ele inclusive comentou que seria interessante pelo fato de eu ter sido um aluno do IF também. Eu não só sou professor agora, como fui aluno. E como... eu percebo como pessoas... como isso cresceu dentro do IF.

Porque eu me lembro muito bem quando eu cheguei pro meu primeiro dia de aula lá, em julho de 2017... julho de 2007, desculpa, 2007, que não se via, sabe? Não era visto. Eu lembro que quando eu entrei na minha sala de aula, entre trinta alunos, era eu e mais dois, só, sabe. E hoje em dia, hoje em dia tu vê essa diversidade lá dentro. Não sei como é no Campus Visconde da Graça, eu só estudei, agora leciono no Campus Pelotas, então não sei como é essa diferença lá, mas eu acho que no IFSul isso é muito gritante, sabe? Até a presença de mais professores negros, que eu não lembro de na época do IF ter tantos professores negros assim. Eu tive o Entrevistado G, o próprio Entrevistado G em Biologia, depois uma substituta que... dele mesmo, que quando ele foi fazer, não me lembro se mestrado ou doutorado... a pós-graduação dele, no caso.

E como... é... me falta a palavra pra dizer... agradável, reconfortante, ver essa diversidade maior, sabe? Ver que mais pessoas como eu tão alcançando esse espaço, sabe, tão abrindo esse espaço. O que me põe mais um pensamento na cabeça, que sim, eu posso ser um exemplo como esse meu professor da graduação e também o Entrevistado G foram exemplos pra mim. Poxa, um professor negro, ele não tem só graduação, ele não só tem a graduação como ele tem uma pós-graduação. Eu também posso, sabe? Se falou muito disse, né, com a morte do ator que fez o Pantera Negra, eu acho que no final das contas, cada negro que tenha esse tipo de vitória na vida, esse tipo de sucesso, ou qualquer outro tipo de sucesso, na realidade,

acaba sendo um “Pantera Negra”, por assim dizer. Acaba sendo esse exemplo a ser seguido. Dizer “pô, ele conseguiu, eu também consigo”.

**Entrevistador: Então é isso! Obrigado.**

## APÊNDICE J – ENTREVISTA H

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 31 a 45 anos

Data de realização: 22 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 33' minutos e 55" segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada a “Entrevista H”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e a Entrevista H, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia vinte e dois de setembro de dois mil e vinte, às quatorze horas e trinta minutos, iniciou-se a entrevista junto a educadora convidada, doravante denominada Entrevistada H. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR:** Boa tarde, e fico muito feliz com a sua participação, é uma conversa bem tranquila. Eu vou lhe fazer umas perguntas, que estão aqui previamente colocadas, até pra eu ter um roteiro de entrevista, pra eu não me perder, nem pra senhora responder também...

**ENTREVISTADA H:** Claro.

**ENTREVISTADOR:** Aí eu vou lhe deixar bem à vontade nas perguntas, tá, eu pouco vou interferir nas suas... Nos seus questionamentos. E aí depois a gente passa para uma segunda fase, que são os questionários, tá? Mas aí, de um determinado momento, depois quando se sentir à vontade, eu paro de gravar que a senhora pode falar tranquila e é só essa parte que me importa, né, no primeiro momento. Bom...

**ENTREVISTADA H:** Tá, não, tranquilo...

**ENTREVISTADOR:** Tá. Qual o seu gênero? Como a senhora se identifique?  
Mulher, homem, outro?

**ENTREVISTADA H:** Mulher.

**ENTREVISTADOR:** Qual a sua idade? Se quiser dizer.

**ENTREVISTADA H:** Eu tenho que pensar, pera aí um pouquinho... Eu tô com 39. Depois de uma certa idade, a gente tem que fazer um cálculo.

**ENTREVISTADOR:** Sim... Como tu te identifica com relação a sua etnia?

**ENTREVISTADA H:** Afrodescendente.

**ENTREVISTADOR:** Qual o seu Campus de atuação no IFSul?

**ENTREVISTADA H:** O Campus Pelotas Visconde da Graça.

**ENTREVISTADOR:** Qual a sua formação acadêmica e qual a sua titulação acadêmica?

**ENTREVISTADA H:** Eu sou bióloga, bacharel e licenciada, com doutorado em Ciências Fisiológicas, especialmente em fisiologia animal comparada.

**ENTREVISTADOR:** Bom, vamos às perguntas então. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais convivestes no ambiente escolar até a sua formação profissional. Quantos eram negros, lá do fundamental, do pré, até hoje.

**ENTREVISTADA H:** Puxa... puxa vida... Professores meus negros... três... três professoras, uma no ensino básico, né, nas séries finais do ensino fundamental, um no curso pré-vestibular (na época a gente fazia bastantes cursos pré-vestibulares ainda, pré ENEM né, e um professor na graduação. Isso... um professor na graduação que era da área das humanas, não na minha área específica de formação, não, na área das humanas... um professor afrodescendente.

**ENTREVISTADOR:** Desses professores, os quais tivesse esse contato, foram três, né, pelo que tu lembra. Tu leva uma inspiração para sala de aula relacionada a esses professores?

**ENTREVISTADA H:** Dos poucos professores afrodescendentes provavelmente da minha professora do Ensino Fundamental. Ela era da área de letras e a forma como se colocava e... em sala de aula, né, numa escola onde ela era basicamente a única professora afrodescendente, não havia outras. Parte dos docentes eram freiras, né, eu estudei em uma Escola Franciscana, uma escola privada, né... então, mais como ela se colocava mesmo no meio... e eu percebia aquela diferença, ela era única professora parecida comigo, né. E ainda assim, ela era um pouco mais clara, mas

mesmo assim, era uma das poucas professoras, assim, que circulavam lá. Depois... até mesmo dentro dos funcionários, pessoal de biblioteca, pessoal da secretaria, eram todos, todos, caucasianos. Então a gente via essa diferença, assim, mas éramos poucos de afro descendência na escola e também, entre alunos também, mas né, no caso na época eu era aluna, mas entre os professores era notável, a diferença assim.

A postura dela eu achava interessante.

**ENTREVISTADOR:** Professora, a senhora falou em relação que era uma escola privada, né. Tu consegues observar se, por exemplo, hoje, tu como uma mulher negra, professora, doutora, chegou até hoje onde tu estás, enquanto doutora, acredita que seja também... Há essa diferenciação da escola pública e escola privada?

**ENTREVISTADA H:** Eu acredito que sim. Na verdade, na minha escola... que, como eu digo, eu tive a sorte de poder estudar naquela escola. Era na época, eu me lembro sempre do meu pai comentando que era a escola privada mais barata da cidade. Então, ele gostaria de nos dar uma... sempre falou sobre a importância de ter uma Educação Básica boa, né, eu depois... eu fiz todo o resto da minha formação em instituições públicas, realmente só no ensino fundamental nosso pai conseguiu nos oferecer isso, na época e...

Eu lembro sim, na minha escola em especial eu não era única aluna negra, tinham muitas alunas meninas negras, porém eu era a única que pagava mensalidade, as outras meninas eram da obra de caridade das freiras, né, que faziam esse trabalho. Então as meninas passavam o dia lá e voltavam pras suas casas pra dormir. Mas, digamos assim, talvez [não] seja um termino adequado, mas dos pagantes, a minha família, na época, era basicamente a única afrodescendente. Os demais... havia na escola... mas eram meninas que a gente chamava de internas, elas ficavam o dia lá e voltavam para suas famílias à noite.

Quando eu ingressei no ensino público, eu ingressei já numa instituição que ela é, digamos assim, para pessoas um pouco mais privilegiadas, porque eu sou egressa da antiga Escola Técnica Federal, que hoje é o IFSul e lá nós também não tínhamos tanta diversidade. Tinha um pouco mais, de fato, mas não tanto assim. Só na graduação, durante a licenciatura, onde eu pude atuar na escola Dom João Braga e no Assis Brasil, é que eu pude ver que o público, realmente, afrodescendente, é muito mais numeroso na escola pública do que nas escolas privadas, assim. Eu também trabalhei, antes, né, de ingressar onde estou hoje, também trabalhei em escolas

privadas e é uma diferença que salta aos olhos. Não tem como a gente dizer que não é, é. É a realidade, pelo menos, desse universo de Pelotas, que eu conheço. Não conheço escolas em outros municípios, talvez nos municípios maiores não seja tanto, mas eu acredito que não, que a realidade seja bem parecida.

**ENTREVISTADOR: Bem. Com relação às tuas memórias docentes. São ter perguntas em uma, aí tu vai respondendo aos poucos e se não quiser também, falar... Na verdade, nem precisa citar nomes, nem nada, só os casos, tá?**

**ENTREVISTADADA H:** Sim, sim.

**ENTREVISTADOR: Quais lembranças tens de casos de racismo presenciados com os alunos? Aí outra pergunta: e contra ti em sala de aula por parte dos alunos e se tu lembras de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Tudo muito a *latu sensu*... Não precisa se...**

**ENTREVISTADA H:** Sim, sim... Eu tive um caso recente, dentro do próprio Campus do CaVG, onde um aluno negro ofendeu uma aluna também negra, né, com comentários grosseiros e de cunho racial. E isso para mim, na verdade, entre os alunos foi uma primeira vez, porque eu tenho... eu sempre tive uma postura e tenho/procuro manter uma postura dentro da sala de aula onde as bases fundamentais são o respeito e a disciplina. Então é muito difícil dentro do meu espaço de docência eu conseguir visualizar esse tipo de atrito. Os alunos, até hoje, graças a Deus, sempre me respeito muito e eles não fazem... não tem comportamentos, digamos assim, que eu consideraria desrespeitosos. Eu entro no primeiro dia, estabeleço as regras e tento mantê-las.

Mas, eu fui informada num Conselho de Classe, se não me engano... Eu não vou te dizer assim, com certeza... desse caso e os dois alunos eram meus alunos, alunos de primeiro ano do ensino médio. E me surpreendeu bastante esse contexto. Mas me surpreendeu porque eu conheci os alunos e eu não vi esse comportamento deles na minha sala de aula, mas não me surpreendeu enquanto um ataque, porque muitas vezes a pessoa tá tão habituada a esse tipo de ataque, de receber e de proferir esse tipo de ataque, às vezes dentro de casa, que ele repete, a pessoa repete esses comportamentos sem parar para pensar. E os alunos se mobilizaram muito e tele interferência de um colega da área das humanas, fez uma mediação sobre o trabalho... né, trabalhando sobre como não alimentar essas atitudes, como não multiplicar essas atitudes dentro do espaço do Campus, né.

E o menino, ele não... o interessante é que o menino não tinha noção do que ele tava fazendo. E as meninas se sentiu muito ofendida, muito ofendida. Inclusive, a turma abraçou essa menina, a turma tanto de crianças, jovens... eu chamo de crianças, mas jovens... negros, jovens pardos, jovens caucasianos, eles abraçaram essa menina e acabaram excluindo o menino. O que também não é assim, porque o racismo, ele é fruto da ignorância e a ignorância a gente só combate com educação. Então teve a necessidade de todo um trabalho com a turma para que o menino não fosse também isolado e para que eles olhassem para esse menino como "Poxa, o que ele fez, ele não tinha noção real do que ele fazendo", porque na verdade ele tava ofendendo ela e ofendendo a si próprio e ele não tinha essa noção. E ele... e quando eu conversei com ele, ele até me disse "olha, professora, eu só falei porque ela me tirou do sério", "Sim, mas quando alguém te tira do sério, tu confronta essa pessoa, não atacando as origens dela, não é assim que a gente faz. A gente senta e conversa. E se ela tiver sendo muito agressiva, tu tem setores na escola onde tu pode conversar sobre isso". E ele não tinha real noção das coisas que ele tinha dito para ela e isso é marcado na nossa sociedade quando muitas vezes, nós negros, não temos a real noção e a gente repete comportamentos que nós escutamos sem perceber que esses comportamentos são profundamente enraizados numa cultura de racismo. Então, é... é muito triste isso que você não perceba que você tá só multiplicando essa ideia. Então esse foi um caso que me... que eu percebi bastante.

Dos alunos com relação a mim, eu vou te ser bem sincera, eu sou uma das pessoas de sorte. Eu nunca tive... talvez até por essa questão de estabelecer o respeito no primeiro dia de aula. Como eu digo, o aluno, ele não precisa me amar se ele não quiser, mas o respeito é a pedra fundamental do relacionamento em sala de aula. Então eu dou esse respeito e exijo esse respeito. Vou te ser bem sincera, talvez pelas minhas costas, mas na relação direta comigo, não. Dos alunos.

Já de colegas, não foi bem assim. É sempre complicado quando você tá num meio que é dominado, e não dominado no sentido negativo da palavra, mas dominado no sentido de que as pessoas que conseguem alcançar esse espaço não são pessoas da tua mesma etnia. Na faculdade, nós éramos três meninas negras na minha turma. Nenhuma delas seguiu na área, eu fui a única que seguiu, né, na área da nossa formação. Uma foi trabalhar na área administrativa, não tava conseguindo seguir... então, é como se o sistema meio que se organizasse para dificultar essa continuidade. Eu tive mais sorte. Eu realmente tive muita sorte na minha... no meu caminhar. Mas

eu sempre olhei... eu não... eu tentava não dar valor ou peso a isso, mas eu sempre notei o meu redor que os profissionais negros eram minoria. Sempre. Na minha área, né, no caso. Em congressos científicos que a gente ia... eu... na verdade, foi muito engraçado durante um período de... que nós tivemos o programa do PIBID, no início, entre 2011 e até alguns anos atrás, eu... houve uma sucessão de coordenadores e em algum momento eu tive que pegar a coordenação institucional do programa, saí da minha área e fui para essa área mais de gestão do programa. E houve um evento na UFPel, e eu fui olhando e passavam coordenadores (caucasianos, caucasianos, caucasianos) e de repente eu me vi diante de toda aquelas pessoas como a única mulher negra. E eu vejo, mas eu tento não dar peso para isso, porque eu tô aqui hoje, amanhã vão estar, outras outros, mas eu percebo, a gente enxerga isso. Eu só tento não deixar pesar isso para mim.

Às vezes, né, um colega não enxerga a gente como colega... como aconteceu num evento... e o colega, digamos, ele achou que eu era uma das moças da recepção, assim, que estavam recepcionando o pessoal. Mas, é como eu digo, sabe... isso eu opto, eu faço uma escolha de não deixar isso abalar o caminho que eu escolhi seguir. Porque se eu deixar, daqui a pouco isso se torna um peso com o qual eu não consigo lidar.

Já aconteceu, inclusive, no Campus, nos meus primeiros anos no CaVG, das pessoas não me reconhecerem, acharem "ah, é mais uma aluna". Eu atribuo isso a minha a minha pele juvenil, que disfarça minha faixa etária... eu tento não levar pra esse lado e foi uma situação estranha, porque a pessoa... eu estava com os alunos, que nós tínhamos aula nos sábados, estávamos vindo de um processo de greve e o colega tava ali e tal, e o colega chegou e disse assim "mas meninas, cadê a professora de biologia que ia dar aula antes de mim? Cadê essa pessoa, que não tá [aqui]". E as alunas se entreolharam, e olharam pra mim, naquela expectativa "ela vai reagir, vai falar alguma coisa" e eu disse "eu estou aqui". E foi isso. Eu não dei margem, não dei espaço pra que aquilo se tornasse uma situação muito ruim, assim.

E na pós-graduação também, foi muito estranho. Eu tinha um professor que não era brasileiro e ele me disse que, em 20 anos de docência, eu tinha sido a primeira aluna negra que ele tinha tido, né... Um professor, doutor... e eu fiquei pensando "Uau"... Isso nós estávamos em 2005, 2006, né... Então foi um choque quando ele me disse, e eu disse "Poxa...", eu só pude dizer isso. Eu disse "poxa vida". E ele falou aquilo numa conversa, é muito meu amigo, gosto muito dele, nunca me tratou de uma forma

desrespeitosa, mas aquilo me chocou um pouco, porque... como assim? 20 anos de carreira e primeiro aluno negro? Como? Como isso é possível? Né? Então...

Eu, na minha turma também, eu era única afrodescendente na turma de mestrado, na turma de doutorado... Hoje eu espero que não seja mais assim, não voltei lá na minha antiga faculdade, mas é chocante e ao mesmo tempo é interessante como a gente vê que em certas áreas, nós vamos ver mais pessoas negras. Como se aquelas áreas fossem as áreas onde é permitido, é possível, e outras áreas nem tanto. Eu ainda tento entender porque que algumas áreas de formação tem um percentual significativo e outras nem tanto. Não, não sei mesmo.

Mas eu não tive experiências traumáticas, graças a Deus. Eu tenho lidado com isso, né.

**ENTREVISTADOR: Bom professora. Em relação às memórias [tosse dela] de docência. Como elas auxiliam na tua formação docente? Essas tuas memórias, assim, essa construção das tuas memórias do teu período de docência, enquanto tu dás aula, enquanto professora, como elas auxiliam na formação docente, na tua formação docente? Como é que tu observas isso?**

**ENTREVISTADA H:** Eu tenho que te dizer assim: talvez o fato de eu ter vivido dentro dum universo basicamente caucasiano, durante toda a minha formação, me faça ter um olhar um pouco diferente para os meus alunos que são afrodescendentes. Eu não vou negar, não nego isso. Eu acabo tentando estimulá-los... eu tento estimular todos os meus alunos, mas eu dou mais... uma atenção um pouco maior, porque eu vejo...

Por exemplo, eu tive aluna minha, alguns anos atrás, terminando ensino médio, engravidou. Uma menina afrodescendente. Ela, a família, todo o contexto familiar tava comemorando e eu acho que uma vida nova a gente sempre comemora, mas aquilo tava sendo comemorado mais do que a possibilidade dela se formar, ir pra uma faculdade, construir, né... não que a gente não possa construir uma vida fora da Universidade, mas ela tinha esse desejo de seguir e de repente aquilo mudou. E eu me preocupei por ela, porque menina, mulher, menina, na verdade, negra, com um filho já, muito jovem e uma responsabilidade que talvez não... talvez não permitisse a ela seguir [para a universidade] e talvez, mais tarde, ela não conseguisse retornar àquilo. Então quando ela me disse que tava grávida, eu dei os parabéns para ela e pensei... e disse pra ela “como é que tu vai fazer, vais parar de estudar, o que que tu pretendes fazer” e ela “não, toda a minha família tá me apoiando”, tudo mais, né, mas

até onde eu sei, ela não foi pro ensino superior. O que é uma pena, porque ela queria, era algo que ela queria antes dessa gestação.

Então, assim, eu sempre tento olhar para minha trajetória, para o caminho que eu tive e usar essas lições para estimular outros a seguir um caminho da sua própria realização, dos seus próprios sonhos. Mas a gente também não pode interferir, porque tem aquilo que aquele adolescente quer e eu trabalho muito adolescentes, né, e tem aquilo que a família coloca. É complicado a gente trabalhar nesse universo, porque tu não podes simplesmente dizer “Ah, não, esse é o melhor caminho para ti”. Não, a ideia é de que essa é uma possibilidade, Ah, mas eu quero fazer medicina, mas não tem muitos negros na medicina. Tudo bem, mas tu estares ou não na medicina, no direito, na biologia, na farmácia, bioquímica, engenharia mecânica, enfermagem, qualquer curso, é muito do teu fazer, do teu buscar isso, né, correr atrás disso.

Então, assim, eu acho que a forma como eu me coloco dentro de sala de aula, é também para mostrar para os alunos – e aí a gente tá falando da questão dos negros, mas não é só, são alunos que, por exemplo, que nós temos no CaVG, que vem de lares desfeitos, que tem uma condição ali, às vezes uma visão que “não, isso é o máximo que eu consegui e daqui eu não vou passar. Então eu tento me colocar [em] como eu gostaria de ter tido parâmetros e exemplos de que não, eu posso chegar lá, eu posso fazer isso, eu posso. Então, eu tento oferecer para os meus alunos tudo que é melhor de mim, como eu gostaria e como aquela professora que eu te comentei, do ensino básico, que era negra e eu te disse que o que me chamava muita atenção nela era a postura dela dentro da escola como um todo, que era um mar de pessoas de etnia diferente. Eu tento que me colocar como ela se colocava. As pessoas sempre respeitaram muito ela e ela sempre inspirou isso. Então, eu tento me colocar dessa forma, eu tento dar um exemplo, eu tento mostrar para eles que é possível, que o caminho é uma questão da gente batalhar por ele e eu tento acolher eles, como eu gostaria que eu tivesse tido esse acolhimento por professores com os quais eu conseguisse me identificar.

Por que todos os meus professores foram muito queridos comigo, mas faz falta uma identificação, faz falta tu te enxergar naquele ambiente. Quando tu não te enxerga naquele ambiente, esse ambiente não se torna uma possibilidade pra ti. Que é o pessoal chama de representatividade, eu olho pra um espaço, eu olho prum o espaço social e me vejo ali, vejo alguém como eu ali. Então isso significa que eu posso chegar ali. Mas se eu não vejo isso, eu começo a duvidar. Antes de tentar, eu duvido da minha

capacidade de chegar lá. Porque se ninguém chegou lá, porque que eu seria o primeiro?

Então eu tento me colocar dessa forma, com base nas coisas que eu vi ao longo da minha formação. Que tem espaço e que a gente tem que abrir esse espaço, e tem que ocupar esse espaço. E às vezes não ouvi as coisas que as pessoas não dizem, porque é como eu sempre digo, o que não é dito é que às vezes pesa mais. Mas a gente tem que aprender também a, às vezes, simplesmente ultrapassar isso e seguir. Porque tem espaço sim. Eu não gosto muito de falar assim “ah, eu isso, eu aquilo”, mas de fato, eu sou prova de que dá. Dá. Claro, eu tive uma boa base, eu tive uma família que me apoiou, eu tive chance pra isso. Mas, eu tenho na minha família, outras pessoas que nunca imaginaram, filhos de pais analfabetos, que nunca imaginaram que iam terminar o Ensino Fundamental e que fizeram a sua faculdade, né, e mesmo com condições mais desfavoráveis, situações financeiras mais desfavoráveis, tão com seu diploma ali, tão trabalhando também, e saíram daquele ambiente onde as pessoas viviam um salário mínimo, às vezes menos do que isso. Então tem espaço, tem espaço, só que é uma batalha, digamos assim, um pouco maior do que para outros grupos. É a nossa realidade.

**ENTREVISTADOR: Bom, professora, já estamos quase chegando ao final das perguntas aqui, depois vamos pras outras. Como tu observa a contribuição da cultura negra na sua formação docente? Eu vejo também que tu tá com um turbante. Seria reflexo dessa cultura?**

**ENTREVISTADA H:** Eu... eu passei por fases na minha vida, eu acredito que toda... e aí eu vou puxar um pouquinho pro lado da mulher negra, porque a mulher negra ela tem, digamos assim, um fardo a mais pra carregar. Todos nós somos vítimas de racismo, sim, mas a mulher negra, ela tem um fardo a mais, que é o fato de ser mulher. Então é um pouquinho mais complicado. Digamos que o homem negro, com tudo que ele sofre, ele conquistou um espaço de aceitação na sociedade que a mulher negra ainda tá correndo atrás. Então quando criança, eu usava o meu cabelo natural, a mãe trançava, aquelas coisas de relação de família. À medida que eu fui ficando mais velha, eu passei por um período em que o meu cabelo natural não me agradava, fazia com que eu me sentisse mais excluída, dentro daquele universo caucasiano onde eu estava. E então, o que que eu fiz? O que muitas mulheres negras fazem: química no cabelo, modificar pra se tornar mais aceita, pra que o espaço fosse melhor. Então eu passei muitos anos assim.

Alguns anos atrás, eu comecei a olhar para mim e não me reconhecer. Disse “não, eu não preciso disso”. Então eu fui passando por um período de transição e foi muito interessante – se tu me permite abrir um parênteses aqui, que a gente às vezes não se dá conta da influência que a gente tem. Durante o início da minha transição capilar, eu vi que uma aluna minha, que também alisava o cabelo, assim como eu, uma aluna do ensino médio, começou a passar por uma transição também. Aí, com aquelas dificuldades da gente lidar com a nossa autoimagem, eu coloquei, fui lá e fiz tranças no cabelo. Na outra semana, a menina apareceu com tranças no cabelo. E aquilo me chamou atenção. Eu retirava as tranças, ela retirava, eu colocava, ela colocava. E aí eu comecei a me dar conta de que talvez eu tivesse sendo uma inspiração ou um espelho para aquela menina. E eu atravessei, passei pela transição e ela fez a transição também e um dia no Campus eu vejo ela com aquele afro maravilhoso, lindo, maravilhoso. E eu disse para ela assim “nossa, que lindo” e ela “ah, pois é professora, resolvi deixar meu cabelo natural”, mas o teu cabelo natural é lindo. Mas se fosse alguns anos atrás, tanto ela quanto eu teríamos problemas com isso, porque a imagem do que é belo dentro da negritude, é difícil pro próprio negro e talvez até tenha sido isso que tenha causado aqueles problemas entre o meu aluno negro e a minha aluna que tiveram esse atrito.

Porque ainda hoje eu conversava com uma amiga que a imagem do negro é muito condicionada a padrões que não são ditados pelo negro e que não estão conectados com o que é a origem. E aí, então, ela fez a transição [e] hoje ela faz vídeos pra incentivar outras meninas negras a se assumirem. E eu, eu passei, com a minha negritude, a me agradar do estilo que é a minha origem. Eu tenho... de vez em quando eu uso meu cabelo natural, como eu digo “num afro gigantesco”, às vezes eu coloco um turbante, porque eu me sinto muito bem e muito feminina, coisa que algum tempo atrás, nossa, “lenço na cabeça é coisa de senhora idosa”. Eu lembro que as senhoras usavam os rolinhos na cabeça e saíam. Hoje nós usamos o turbante porque ele é belo e ele faz parte, e eu não acho que uma mulher branca não possa usar. Eu não... eu acho que a gente não pode ser restritivo quando uma pessoa abraça aquilo, eu realmente não acho isso. Mas ele se tornou parte de mim e eu uso ele porque eu me sinto bem com ele e eu acho que me cai bem. Me cai bem como mulher, me cai bem negra, me cai bem.

E aos poucos em que eu fui conhecendo... por que o negro também não conhece a própria cultura. Aos poucos, quando eu fui conhecendo a minha cultura, eu fui vendo

“poxa, é a minha raiz, é de onde eu venho”, então não tem porque eu agir com preconceito com relação as minhas próprias origens. A gente vai aprendendo também, porque a nossa sociedade não nos abre espaço pra conhecer a cultura negra, isso é algo que agora...

E agora mesmo faz 48 horas que eu conheci, em Pelotas, a região do Passo dos Negros. Eu não conhecia, eu não sabia, eu não sabia dessa história. Então a gente não conhece a própria história e é difícil. Tu acaba te identificando com a história de outros. Então quando a gente conhece a nossa própria história, a gente vê “Poxa, eu me encaixo” e aquela sensação de não pertencer melhora quando a gente conhece a nossa história, porque sim, eu pertenço e sim, eu pertenço, estou aqui e aqui vou ficar, você pode gostar ou não gostar, mas eu estou aqui. Né? Então, realmente, eu fui conhecendo a cultura e ela foi se descurtinando e se tornando parte de quem eu sou e me faz bem. Eu poderia não utilizar um turbante, não me faria menos negra, mas eu me sinto bem, me sinto bem com esses traços da minha africanidade e hoje eu estou à vontade. Hoje eu estou muito mais à vontade como mulher negra, do que enquanto eu tava buscando me encaixar no espaço num espaço, numa sociedade que não queria me aceitar como eu sou, queria que eu fosse de uma certa forma, “nesses padrões eu te aceito, agora nos teus, não necessariamente”. A gente vai conquistando espaços. No CaVG nós tivemos... foi no CaVG ou no IFSul, a pouco tempo atrás uma discussão porque uma menina usou turbante na formatura uma coisa assim, e foi uma polêmica enorme dentro do Campus, porque é um direito, era um direito dela utilizar e eles tavam dizendo que ela não podia. Aí as meninas começaram a usar turbantes [inaudível], pra dizer “não, ela pode”. Então eu acho que a geração de agora ela tá abraçando mais essa diversidade, com todos os “se nós”, com todos os problemas que nós ainda temos. Mas eu vejo os jovens, e eu trabalho com jovens, eu vejo eles hoje muito mais abertos abraçar e incluir, do que na minha época, por exemplo.

**ENTREVISTADOR: Tá bem, professora. Outra pergunta que eu queria lhe fazer aqui, é em relação a pandemia COVID-10 e o negro nessa sociedade atual.**

**ENTREVISTADA H:** Eu vejo, tristemente, que ainda é o grupo mais afetado em qualquer contexto que a gente observe. Porque se você for ver os números de Pesquisas com... Que consideram a etnia como um fator, tu vai ver que os negros eles ficam mais doentes, eles tem menor qualidade do atendimento de saúde. E por uma questão de muitas vezes estar numa faixa salarial em que cada real é o dia, né, cada dia é um real, eles precisam se expor mais. Então eles precisam sair pra trabalhar,

eles precisam entrar em contato com outras pessoas e eles acabam sendo contaminados. Então, eu tava acompanhando alguns estudos a respeito da COVID, relacionada a etnia e é triste a gente ver que a maior parte dos negros... Vou refazer isso, os negros eles são mais afetados por causa das questões financeiras nas quais a maioria está imerso. Então aquilo obriga ele a se expor. Se você sair aqui, qualquer dia da semana e passar na frente de uma agência bancária, você vai ver a fila enorme e você consegue perceber que a maior parte dos indivíduos naquela fila para receber o auxílio, para receber seguro desemprego, alguma coisa, eles são afrodescendentes. Estão naquelas filas, uns por cima dos outros, alguns com máscara, alguns sem máscara e correndo o risco de se contaminar.

Então, é uma população que tá sempre no lado mais frágil da história. Infelizmente tem muito, muito, muito, muito trabalho pra ser feito. As pessoas acham que houve... houve grandes conquistas, e eu não vou dizer que não, mas tem muita coisa que precisa ser feita para equiparar a condição de vida dos negros em geral com aquela das pessoas não lembro na história infelizmente tem muito muito muito muito trabalho para vocês acham que houve houveram grandes conquistas eu não vou dizer que não mas tem muita coisa que precisa ser feita para equiparar a condição de vida dos negros em geral com aquela das pessoas não negras. É bastante complicado.

**ENTREVISTADOR: Tá bem, professora, das minhas perguntas, eram essas aqui. Eu queria saber se alguma pergunta não foi contemplada, neste momento dos questionamentos, a senhora gostaria ainda de falar alguma coisa que eu não contemplei nos questionamentos.**

**ENTREVISTADA H:** Não, não, meu querido. Assim, eu acho só... eu gostaria assim, de dizer o quão importante é o teu trabalho no sentido de dar visibilidade a essa situação que é, digamos assim, ela é evitável, ela é contornável, ela poderia ser resolvida se as instituições como um todo dessem espaço. Existem muitos talentos entre os indivíduos negros que poderiam estar sendo bem aproveitados. Mas um negro ser... ele muitas vezes não consegue parar pra estudar pra concurso, pra poder entrar em uma instituição. Ele não consegue parar para estudar, fazer uma faculdade com tranquilidade, porque ele tem que batalhar pelo seu sustento. Então é importante que a gente mostre... porque as pessoas acham que “não, tá tudo bem, ah, não, olha, tem uma professora, eu lembro de um professor negro lá no instituto”. Sim, você lembra de um, perto de mil funcionários. Esses espaços onde não está havendo essa igualdade, é importante que eles sejam mostrados. Por que que não tá tendo? Porque

que as pessoas não estão conseguindo alcançar? E aí você volta pras bases e tenta resolver o problema lá, inicial.

Naquele indivíduo negro, que não terminou a escola, não conseguiu, e vem... e essa distância entre o que ele poderia alcançar e o que ele realmente alcança, vai crescendo, né, conforme as pessoas vão ficando pra trás. Então eu só tenho que agradecer pelo teu trabalho, pela visibilidade que tu dás a esse assunto e esperar que quanto mais visibilidade a gente der, mais a gente caminhe em direção a uma solução. Eu acho que é por aí.

## APÊNDICE K – ENTREVISTA I

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 46 a 60 anos

Data de realização: 25 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 23' minutos e 58'' segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada ao “Entrevistado I”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e o Entrevistado I, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista o convidado foi questionado sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia vinte e um de setembro de dois mil e vinte, às quatorze horas, iniciou-se a entrevista junto a educador convidado, doravante denominado Entrevistado I. Logo, o professor começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: Boa tarde, vamos começar. [...] Qual o seu gênero, professor, como o senhor se identifica, como homem, mulher ou outro?**

**ENTREVISTADO I:** Como homem.

**ENTREVISTADOR: Qual a sua idade?**

**ENTREVISTADO I:** 56.

**ENTREVISTADOR: Como tu te identifica em relação a sua etnia?**

**ENTREVISTADO I:** Me identifico como... com pertencimento, com identida..., com identificação, com... é... compromisso, é... orgulho.

**ENTREVISTADOR: Qual o seu Campus de atuação no IFSul?**

**ENTREVISTADO I:** Eu... Campus Visconde da Graça, CaVG.

**ENTREVISTADOR: Qual a sua formação acadêmica e qual a sua titulação acadêmica?**

**ENTREVISTADO I:** Eu sou professor licenciado em Geografia, tá, pela PUC, Porto Alegre. É... sou... sou especialista em tecnologias na educação, Ciência e Tecnologia na Educação, pelo CaVG, sou mestre em Tecnologia e Educação pelo Campus Pelotas.

**ENTREVISTADOR:** Bom, vamos então às perguntas referem-se ao documentário. Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais conviveste no ambiente escolar até hoje, a sua formação profissional, quantos eram negros? Se o senhor lembra.

**ENTREVISTADO I:** Desculpe, tu... na formação, é...

**ENTREVISTADOR:** Profissional, durante todo o seu período de formação. Desde lá das bases, do fundamental, do médio, superior.

**ENTREVISTADO I:** Tá, ok. Então tá, vou te dizer o seguinte, é... Eu estudei numa escola pública, né, e essa escola pública, é... como a minha mãe também era professora, é... não tinha, tinha uma quantidade, é, mais equilibrada de alunos negros, tá, um número razoável também. Depois, um tempo meu pai era da área de mecânica, e ele... eu e meus irmãos fomos estudar em uma escola que era vinculada ao Sindicato dos Metalúrgicos, isso em Porto Alegre e essa escola era paga, mas ela era um valor mais, é, simbólico, mas era paga, tá? Isso aí já era meu antigo primeiro grau e essa... nesse momento aí eu percebi mais essa questão aí da presença de pessoas negras, de... na... na sala de aula, né. Eu devia ter um... dois... tinha um colega, era eu e mais um apenas na turma, né, e era um homem também, não tinham meninas. Depois, à medida que eu fui avançando academicamente, todos... isso aí foi se mostrando cada vez mais presente, né, e cada vez mais restrito, né, à população negra. Então, depois da minha graduação, na PUC, parece até, assim, uma coisa assim “poxa, a PUC”. Claro, a PUC hoje é uma coisa elitizada. Na época, isso faz muito tempo, era metade dos anos 80, início dos anos 80, ela tinha um padrão mais... mais, é... acessível, podemos dizer, né, e... mas, logicamente, é... bastante restritivo, né. Então, a presença de colegas negros era bastante restritiva, mas apesar disso, era um pouco maior... foi um pouco maior que na... no colégio, por exemplo, no primeiro e segundo grau.

**ENTREVISTADOR:** E professores negros? O senhor consegue buscar, desde o fundamental, médio, superior e... mestrado...

**ENTREVISTADO I:** Professores... professores negros... Não tive professor negro no... no funda... no início do meu processo, mesmo na escola pública. No primeiro grau, no

segundo... não tive professor negro. Não tive nenhum professor negro. Na Universidade, no superior, também não tive professor negro, não tive professor negro. **E é essa realidade que eu percebi, né, sempre assim, né, era muito mais restrito, professores e colegas negros era uma coisa mais seletiva. Isso tudo aconteceu em Porto Alegre, certo? Digamos que, teoricamente, poderia ter, digamos, uma... um acesso um pouco mais flexível e até mesmo facilitado em toda essa questão, por ser capital e toda essa história, mas não foi muito diferente de outros lugares, não.**

**ENTREVISTADOR: Bom, é, então o senhor não lembra, nenhum momento, nem no fundamental, nem no médio, nem na graduação, nem no mestrado, nem na especialização.**

**ENTREVISTADO I:** Eu não tive, eu não tive mesmo. Eu lembro que eu não tive professor negro.

**ENTREVISTADOR: Tá. Bom, então, com relação as tuas memórias docentes, quais lembranças tens de casos de racismo presenciado[s] com os alunos... aí são três perguntas em uma... contra ti em sala de aula por parte dos estudantes e se tu lembra de casos de racismo por parte dos teus colegas de docência. Aqui o senhor pode só falar sobre os casos, sem mencionar nome, nem local. Se o senhor se lembra. Em relação a racismos presenciados com os alunos, contra ti por parte dos estudantes e pelos teus colegas, se tu lembra.**

**ENTREVISTADO I:** Não, é... Com alunos, eu sempre tomei o cuidado, assim, enquanto professor, de observar essas questões, né, e onde eu trabalhei... trabalhei com vários níveis de alunos, né, e não aconteceu nada evidente, mas assim, é... desconforto sim, né? Uma sensação de que, por exemplo, alunos negros não se sentiam, é... confortáveis dentro da sala de aula. Um caso de alunos, né. Mas confortáveis, né, no sentido, assim, de não estarem encontrando ressonância com a presença de outros negros na sala, né.

Acontecia, o que não é caso... como a tua pergunta fala de racismo, acontecia eventualmente, é... e até nem era tão eventual assim, aconteceu... aconteceram várias vezes, por exemplo, de alunos se aproximarem de mim e conversarem até, é... com uma certa surpresa, né, é... me falar sobre eu ser um professor deles, né, até com certo orgulho, vamos dizer assim. Ó... é... por exemplo, uma aluna me falou assim “pô, que bom que o senhor é professor aqui, né”, isso já era um escola... era um EJA, por exemplo, né... “interessante o senhor tá dando aula aqui, né, porque parece que

as coisas não são... não é muito normal isso por aqui". Isso tudo já acontecendo aqui em Pelotas. Mas caso evidente, evidente de racismo, não.

Comigo. Comigo não aconteceu... aconteceu racismo, mas não assim... num tempo de primeiro grau, mas no sentido de... da questão de cor de pele, aquele tratamento, assim, que é muito ruim, mas isso aconteceu, do tipo "pô, teu cabelo, o teu cabelo é pixaim, teu cabelo é uma molinha, teu cabelo é diferente, posso tocar, deixa ver como é que é teu cabelo". É uma certa dose de ingenuidade, mas muito carregada do imaginário familiar deles, né. E não era porque era uma escola, com... durante um período, uma escola particular, era uma escola particular, mas muita gente classe baixa, né... na turma, né... era... Quem estudava nessa escola, por exemplo, eu te falei que era do Sindicato dos Metalúrgicos, era justamente filhos de metalúrgicos ou gente ligada a esta área, né, então eram trabalhadores comuns, né.

Era ninguém de posses, digamos assim, elevadas. Eventualmente... Eventualmente apareciam alunos assim, era uma escola com uma boa estrutura, ela era profissionalizante, tinha todo um... uma característica específica, inclusive pra formar trabalhadores, entende? Então, assim, era uma... ela era direcionada a... era semelhante ao que era o nosso IF, né, no início do processo não era aquela... quando era Escola Técnica, né, que tinha um encaminhamento mais direcionado à formação técnica e uma formação direcionada pra uma faixa específica da população, né, é... que eventualmente não iam ter acesso a uma Universidade pra... pra desenvolver um curso superior, então ficavam mais, é... atreladas a uma possibilidade de... do trabalho técnico, de uma mão de obra mais, é, técnica.

Meu pai, inclusive, foi aluno da Escola Técnica bem no início, primeira... primeira ou segunda turma da Escola Técnica, né, e tem relatos disso assim, bem claros, né. Era um pouco mais, é... um pouco mais, é... como eu vou te dizer... cosmopolita, mais... misturada, né. Essa escola que eu estudei era pra ser assim, mas não... não... não... não se apresentou assim no momento que eu... que eu estudei lá. Mas tinham outros negros, doutras turmas, mas na minha turma, é... era eu e mais um... nas outras turmas não era muito diferente, na do meu irmão não era diferente, assim, a minha irmã também estudou lá e não era diferente, durante um bom tempo.

**ENTREVISTADOR: Bom...**

**ENTREVISTADO I:** E casos de racismo não, comigo não chegou a acontecer assim, dessa forma, aconteceu mais nesse sentido, assim, de... de certa surpresa por eu

estar ocupando um determinado espaço, assim, mas nada que me... me prejudicasse, mas fez eu refletir sobre a questão, né.

**ENTREVISTADOR: E pelos seus colegas, o senhor consegue observar algum caso, assim? Dos seus colegas de docência? Nesses espaços que o senhor teve.**

**ENTREVISTADO I:** Não... eu vou... não. Não. Nos espaços que eu... que eu trabalhei, não. Aconteceu um caso, foi no CaVG, tranquilo, já trabalhei também no Campus Pelotas e trabalhei também em escola particular aqui em Pelotas, não aconteceu isso, né. Bem, evidente, evidenciadas, não, não aconteceu, né. Se tu... Já trabalhei em uma escola particular aqui em Pelotas que... que ela é, como é que eu vou te dizer... que abrange a população de... de classe alta aqui de Pelotas e tal... e tinha colegas, professores negros, né... Mas, é... foi tranquilo, foi tranquilo. Mas eu percebia que a gente era visto um pouco com uma certa surpresa, sempre, mas nada que... que... não... não... não uma coisa violenta, mas uma coisa, é... passível de ser percebida, assim, porque se tornou, na época ainda, uma coisa um pouco... um pouco... gerador de surpresa, mas nada muito... muito evidente, sério, assim. Desculpe, essa última parte ali, que tu falou...

**ENTREVISTADOR: Sobre os teus colegas de docência. Se o senhor, em alguns momentos...**

**ENTREVISTADO I:** Ah, tá. Não diretamente com colega, mas por exemplo, vou te contar uma situação rapidamente, assim. Eu dava aula numa escola aqui em Pelotas, isso no início dos anos 90, e em dado momento estávamos eu e outros colegas, sentados no saguão, era um momento de... que antecedia uma reunião. Então não tínhamos aula, tava todo mundo chegando e tal, era um saguão grande, assim, nessa escola, a gente esperando, tinha tempo, chegou um... uma pessoa branca, era mais velha que nós, assim, já, um cara mais... e ele chegou nesse saguão e... e... oferecendo títulos de... de... de... patrimônio pra um clube daqui da cidade. E tá, daí ele foi passando pelas pessoas, pelos colegas, sentados junto, conversando, uma coisa informal, assim, e ele ofereceu, ofereceu, ofereceu, e eu fui o único que ele não ofereceu, né, a possibilidade de... E até te digo, não era nem a questão de “poxa, eu quero, eu quero”, eu talvez quisesse, até, no momento, né, mas, é, eu percebi que ele pulou, pulou, não me falou nada e tá, pode ter se equivocado e tal, e foi, e continuou aquela conversa, daqui a pouco e eu não chamei também, digo, não, eu não vou chamar, mas percebi que só... houve um... houve um... é... uma discriminação.

Tá, mais adiante, um, dois dias depois, conversando assim, já noutra momento, eu tô conversando com a diretora da minha escola e ela conversando e com a seguinte situação “ah, pois é, tem um cara vendendo...”, eu comentei isso com ela, e ela disse “é, pois é, teve um cara aqui oferecendo títulos do clube, tadada”, e ela morava, na ocasião, com uma outra professora, dividia um apartamento com uma mulher negra e trabalhávamos juntos, né, elas trabalhavam juntas, né, eram minhas colegas, então. E que que aconteceu, ela... ele ofereceu o título... como ela morava junto, ela vinha de Porto Alegre, elas moravam juntas, as duas vinham de... eram de Porto Alegre, que que aconteceu, elas pensaram em comprar esse título e quando fizeram esse movimento pra adquirir o título, essa mesma pessoa falou pra elas assim “ah, não, tudo bem, posso vender título pra senhora, mas a sua colega não pode comprar, ela não pode adquirir”. Essa colega dela é negra. Então ela não se associou, né, e... e isso aconteceu. Então, claro, mais reforçou a sensação que eu tive do momento que ele não me ofereceu também, né. Isso foi em 1992, é.

E cont... eu entendendo que isso aí continua acontecendo, assim, claramente, né. Mas um momento, digamos, um pouco mais explicito que eu tive, dessa situação assim, né. Já tinha noção de tudo isso, dessa possibilidade, sou nascido em Pelotas, é... minha família é... sempre conversamos isso em casa, né... até a situação, assim, de... de... de viver aqui em Pelotas, de... de... de talvez alguns, alguns obstáculos, algumas dificuldades que pudesse ter, isso, é... a minha criação foi assim, né, sempre esclarecedora nesse sentido, mas nunca com ódio, mas sempre procurando deixar de olhos abertos, assim, pro que... que pudesse... é... acontecer a respeito dessa questão... há... do fato de ser negro.

**ENTREVISTADOR: Professor, em relação as suas memórias do teu período de docência. Como elas auxiliam na formação docente, como é que o senhor percebe toda essa sua trajetória enquanto professor, essas escolas, que elas podem auxiliar na sala de aula, hoje?**

**ENTREVISTADO I:** Ah, eu acho que auxilia muito. É... sempre... esses temas, é... a questão, é... étnico-racial, sempre vai estar permeando, sim, o que eu trabalho. E ela tem um papel importante no sentido de... de busca de... é... mediar, né... as discussões... é... pautando dentro do possível, né... há... as questões, é... que... que possam gerar uma... um esclarecimento, no sentido, é... de... de uma integração racial verdadeira, né, não uma coisa pra poder amenizar sentimentos apenas, uma discussão um pouco mais... é... é... esclarecedora, de... de... de procedimentos pra...

pra flexibilizar, em termos de também tornar as coisas um pouco mais, é, tranquilas, né, então sempre, sempre tá presente.

Eu trabalho com geografia, então alguns momentos, é... eu... eu aproveitando, assim, os conteúdos não, não, não... acabam não, não... possibilitando, é, algum aproveitamento, né, dessa experiência, no sentido, étnico-racial, assim, mas é... sempre que é possível, eu busco essas questões, assim.

E hoje eu percebo uma coisa, William, que cada vez mais, os alunos também estão propostos a abrir esse espaço, né, é... As turmas, por exemplo, no CaVG, elas são bastante... as que eu tenho, assim, elas tão bastante, é... misturadas, né, e elas tão bem... quando não, não, não tem, digamos, negros na turma, por exemplo, é... é... as turmas elas tem esse sentimento, elas, assim, ó, carregam um pouco, assim, dessa solidariedade, né, no sentido de... de abrir espaço pra... pra... pra, digamos, alguns ajustes sociais, eles compreendem que isso é, é possível, digo até necessário, né. Nesse sentido de... de... de organizar bom convívio e também equilibrar as coisas, né.

**ENTREVISTADOR: Como... se você observa, né, professor, a contribuição da cultura negra na sua formação docente. O senhor observa?**

**ENTREVISTADO I:** Ah, eu observo, mas eu observo assim ó, eu busco muita coisa, sempre busquei, cara, hoje mais ainda, e... Na minha formação docente, nunca... não tive nada direcionado, assim, no mestrado, nem na especialização, com relação a isso, poderia ter, mas não tive, né. Mas assim, por minha conta, eu sempre procurei tentar cruzar esses assuntos, o assunto, digamos, racial, no que eu trabalho. Então... mas na formação, especificamente, não.

Os temas foram um pouco menos... pra não dizer que... que... que... que não ocorreu, assim, algumas disciplinas do mestrado, principalmente, elas abriram algumas portas pra esse tipo de discussão, né, com... com... com uma certa propriedade, assim, mas não com o aprofundamento que eu acho que poderia ter.

**ENTREVISTADOR: E em relação a pandemia e a cultura negra, como o senhor observa essa questão da COVID-19 e a população negra brasileira?**

**ENTREVISTADO I:** Bom, pela informação que eu tenho obtido em todos esses meses com relação aos informes sobre a COVID, é... e também cruza um pouco com o que eu tenho de informação, já... já tinha antes, não só da COVID, mas de qualquer outra... outra... como é que eu vou te dizer... não pandemia, porque nós não vivemos isso recentemente, isso é agora, né, mas assim, qualquer coisa que atinja a população brasileira, né, em termos de... de... de prejuízo social, né, estrutu.., em termos de

estrutura, a gente sabe que a população que é atingida, geralmente é a mais pobre, né.

E agora, com a COVID, ficou bastante evidenciado essa situação, no momento em que houve essa... essa questão referente a... à pandemia, que atinge a todos, mas a gente percebe que a população pobre, ela ficou muito mais, é... dificultada de se movimentar com relação até mesmo a procedimentos de prevenção e proteção. E... neste momento, ficou bem marcada, por exemplo, o fato de ter muita gente que morreu, da classe baixa, pobres, e esses pobres são da população majoritariamente negra. Isso aí, pra mim, tá evidenciando... evidenciando, né, e... marcando a questão referente a... a percepção de que a população pobre brasileira é majoritariamente negra. Não precisava ser a COVID... a COVID veio porque é uma coisa muito mais ampla, né, é uma pandemia, mas se você pegar, por exemplo, é... a questão, é... de acesso a água potável no país, por exemplo, a população pobre que não tem acesso a saneamento, também, e se tu for perceber, a população pobre é composta por todos, brancos, negros, é... mestiços, mas você vê que tem um percentual bastante grande de negros, que é uma parcela grande mesmo, que é atingida. Então tu percebe aí um desequilíbrio social importante, né, com relação ao acesso, né. Então, acho que isso aí, é... grosseiramente falando, né, é... é como se representasse também o acesso de negros a... em postos de chefia, é... o acesso de negros ao ensino superior; ainda é pouco. “Ah, é por isso que tem cotas”. Sim, a cota é uma correção, é uma tentativa, que eu acho que não deve permanecer, mas ela deve permanecer enquanto mecanismo de... de ajuste, né, então... Mas eu não entendo elas, assim, como uma solução, mas ela é um mecanismo e vem aquela ideia, assim, né, “poxa, não deu”, é... isso, é... eu acho que se o acesso não foi possibilitado a partir de uma mudança de pensamento, de ideia mais aprofundada, então teve que vir mediante, é... o estabelecimento de uma lei, né, e a lei acaba tendo que ser cumprida, né. Então é aquele papo, não vai por bem, vai por mal, né. Não deveria vir por mal, né, deveria vir por bem, deveria vir no sentido de uma constatação, de um trabalho progressivo de ajuste, né. Como isso não veio, veio mediante uma lei, né, e a lei, a gente sabe, né, que ela acaba, é, provocando alguns descontentamentos, então... Mas ela tá aí pra ajustes, né, e tá presente e ela tem o sentido de existência agora, e ela tem que cumprir esse papel. Então, é por aí.

**ENTREVISTADOR: Professor, tem alguma pergunta que eu não contemplei e o senhor gostaria de falar?**

**ENTREVISTADO I:** Não, não, até tá tranquilo assim, tá bem.

**ENTREVISTADOR:** Tá bem. Obrigado. Encerramos por aqui.

## APÊNDICE L – ENTREVISTA J

Plataforma da Entrevista: Via Google Meet

Perfil: Professora do IFSul Campus Pelotas

Idade: 31 a 45 anos

Data de realização: 25 de setembro de 2020

Tempo de entrevista: 19' minutos e 30'' segundos

Observações: A entrevista foi realizada via Google Meet como parte da utilização dos dados da pesquisa e também para realização do documentário como produto educacional, mediante carta de apresentação enviada a “Entrevista J”, assim denominada. Em hora e data marcada Entrevistador e a Entrevista J, compareceram para realização dos questionamentos que contiveram quatorze perguntas e enviado via e-mail, pela plataforma Google Docs, o questionário como complementação do documentário. Adverte-se que, antes de começar a entrevista a convidada foi questionada sobre aceitação e autorização de participar da pesquisa, assim, ficando registrado em vídeo no qual comporá essa dissertação.

No dia vinte e cinco de setembro de dois mil e vinte, às dezessete horas e dez minutos, iniciou-se a entrevista junto a educadora convidada, doravante denominada Entrevistada J. Logo, a professora começa se apresentando e o apresentador faz sua saudação.

**ENTREVISTADOR: [...] Da minha pesquisa, né, de mestrado.**

**ENTREVISTADA J:** Uhum.

**ENTREVISTADOR: Bom, professora, vamos começar então, tá? Primeiro, qual o seu gênero? A senhora se identifica como mulher, homem, outro?**

**ENTREVISTADA J:** Mulher.

**ENTREVISTADOR: Qual a sua idade? Se quiser dizer.**

**ENTREVISTADA J:** Eu tô com 41 anos.

**ENTREVISTADOR: Como tu te identifica em relação a tua etnia?**

**ENTREVISTADA J:** Negra.

**ENTREVISTADOR: Qual o teu Campus de atuação no IFSul?**

**ENTREVISTADA J:** Atualmente eu dou aulas em dois cursos, no Técnico em Vestuário e no curso de Tecnologia em Design de Moda. A minha área de atuação é

mais na área de desenho, eu dou as disciplinas de desenho técnico, desenho de moda, desenho computadorizado. No início, quando eu fui para o CaVG... a gente quando tá no início, né, dá várias disciplinas, mas agora eu já tô conseguindo direcionar para minha área, que é a parte do desenho.

**ENTREVISTADOR: Uhum... Qual a tua formação acadêmica e qual a tua titulação acadêmica?**

**ENTREVISTADA J:** Eu sou formada em Designer de Moda com habilitação em Estilismo, pela Universidade Senac, de São Paulo. Aí como formação de titulação, eu sou especialista em Moda, Criatividade e Inovação, pelo Senac de Porto Alegre, e tenho mestrado na área de Design e Doutorado em Educação e Inovação pela UniRitter de Porto Alegre.

**ENTREVISTADOR: Uhum. Bom, vamos passar para o segundo momento, que são as perguntas relacionadas à pesquisa.**

**ENTREVISTADA J:** Tá.

**ENTREVISTADOR: Em tuas imagens pedagógicas dos professores negros com os quais conviveste no ambiente escolar até a tua formação profissional, quantos eram negros? Desde lá das bases, fundamental, médio, até tua formação.**

**ENTREVISTADA J:** Olha, até a faculdade, eu acho que eu não... eu... Ah, eu tive uma professora negra quando eu era criança. Hã... Agora eu não me lembro o nome dela, mas eu acho que ela dava aula de inglês. Isso no ensino fundamental. Depois, quando eu fui fazer faculdade em São Paulo, eu era a única aluna negra e não tinha nenhum professor negro, também. Então eu só tive uma professora negra.

**ENTREVISTADOR: Bom. Dessa professora negra que tu tivesses. Quais inspirações relacionadas tu leva para a tua sala de aula, dela? Tu leva alguma coisa?**

**ENTREVISTADA J:** Ah, como eu era muito criança, acho que foi na quarta, quinta série... Eu acho que o nome dela era Roseli, acho que era Roseli... Faz muito tempo. Ah, mas a minha mãe, ela foi minha professora no jardim de infância, aí eu posso falar da minha mãe. Porque... a minha mãe tem um trabalho muito bonito, né, de... na área da inclusão, na alfabetização... A minha mãe, ela... agora ela tinha se aposentou, mas ela ficou mais ou menos uns 30 anos no magistério e ela dava séries iniciais, jardim e primeira série. E ela alfabetizava as crianças e ela desenvolveu algumas metodologias para alfabetizar alunos de inclusão, com paralisia cerebral, com Síndrome de Down...

E aí, a minha mãe, depois, já... já no final da carreira dela, ela foi fazer uma Especialização em Pedagogia, é... psicopedagogia! E eu acompanhei, né, essa parte da... mais da... da defesa, assim, da minha mãe, na... da... dessa pós graduação que ela tinha que fazer um artigo, enfim. No final, porque antes eu tava em São Paulo, aí quando eu voltei para Rio Grande ela tava já fazendo essa especialização.

E aí depois, quando eu fui dar aula na Universidade Católica, eu comecei a ter contato com alunos surdos, né. E aí até hoje, né, isso... depois virou a minha dissertação de mestrado e... e até hoje eu tenho um projeto de pesquisa na área da inclusão de alunos surdos pros termos técnicos do vestuário, né, da moda, na língua de sinais.

Então a minha mãe incentivou isso bastante, assim, essa questão de incluir, de inclusão, né, de tratar todos os alunos. Tanto que às vezes, quando ela saía na rua, ela via os alunos dela, que ela deu aula no jardim, na primeira série, já adultos e todos eles se lembravam dela com muito carinho. E eu fui aluninha dela no jardim, jardim de infância.

**ENTREVISTADOR:** Que legal.

**ENTREVISTADA J:** A minha mãe é uma grande referência pra mim.

**ENTREVISTADOR:** Que legal. Professora, agora em relação as suas memórias docentes, as suas memórias docentes. Quais lembranças tens de casos de racismo presenciados com os alunos, contra ti em sala de aula pelos alunos e se tu lembra de casos de racismo por parte dos teus colegas. Nesse período todo que tu exerce já a docência. Não precisa citar nomes...

**ENTREVISTADA J:** Uhum...

**ENTREVISTADOR:** ... Nem local, nem nada, só, assim, se tu lembra desses casos. São essas três perguntas, é, em relação aos alunos, com os alunos, na verdade, né, contra ti em sala de aula pelos alunos e se tu dos teus colegas.

**ENTREVISTADA J:** É, o... o racismo aqui no Brasil ele acontece de forma muito velada, né, então dificilmente as pessoas vão te encarar e ser racistas na tua frente, geralmente elas fazem os comentários por trás, né, e aí depois tu fica sabendo, né.

Como eu sempre dei, né... depois que eu, eu trabalhei lá me São Paulo na parte de... de confecção, mas quando eu vim pro Rio Grande do Sul, a minha área foi mais na docência, que aí eu comecei a trilhar esse caminho na docência. Então eu dei aula... Eu iniciei dando aula na Universidade Católica de Pelotas, né, então, eu acho que, também pelos alunos terem essa consciência de que não pode ser racista, na minha frente eu nunca tive esse embate, assim, de... de o aluno ser racista na frente. Mas a

gente escuta coisas por trás, né, então isso... Isso tem, é um racismo velado, porque eles sabem que racismo é crime, e eles sabem de tudo isso, né. Mas na frente mesmo, nunca me chamaram, assim, de macaca ou de... ou usando a palavra negra de modo pejorativo. Não, isso não.

Tanto que até eu tenho uma aluna, que eu gosto muito dela, e que eu me lembro que ela era [aluna] na Universidade Católica e ela pegou... e eu era Coordenadora do Curso de Design de Moda na Católica, então ela teve um... quando ela me viu, **ela falou assim: “nossa, professora, que legal, a senhora é negra, sendo coordenadora do curso e sendo a minha professora”**. Ela elogiou, porque era muito difícil ver um **negro no papel de professor, né**. E essa aluna também, ela depois ficou bastante minha amiga, assim, né, sempre ajudando nos projetos, e eu... eu, tipo, senti que eu era uma referência para ela.

**ENTREVISTADOR: E tu lembra de algum caso, assim, relacionado aos teus colegas, alguma coisa também, velada talvez, ou não...**

**ENTREVISTADA J:** Ó, dos colegas, quando eu passei no concurso público aqui no CaVG, **ali na área do... que eu dou aula, né, eu fiquei sabendo depois que... Não, também não usaram, foi de uma forma velada, mas usaram um caso por eu ser gorda que eu não merecia ter passado no concurso. Você acredita nisso? Como se a pessoa ser gorda não capacita, não tem a capacidade de passar num concurso, de estudar, de, né, ter toda a titulação**. Então, isso **eu sofri, bullying, é, gordofobia, né**. E poderia ter também a parte de ser negra, só que essa pessoa também não falou, né, que fez esse comentário não usou o negra, mas usou o meu, hã, usou assim **“ah, ela é gorda, como é que ela vai estar dando aula num curso de moda, por ser gorda? Como ela passou nesse concurso?”** Então isso, eu... isso, eu... Foi bem... foi bem triste, assim, **né, as pessoas julgam muito a gente pela aparência, né, e julgam também por nossa cor, então... Só que a gente tem esse racismo velado, mesmo, é a forma que eu vejo**. E eu passei por uma situação de racismo, que essa foi bem forte, foi num evento que eu participei em Porto Alegre, né, eu fui convidada pra ministrar uma oficina que era num encontro de moda que aconteceu na Universidade Feevale e... e uma das mediadoras da mesa, porque assim, eram várias... Várias palestras que aconteciam ao mesmo tempo, então você escolheria qual que você ia assistir. Então como eram palestras na minha área de pesquisa, inclusão, falava também sobre moda pra terceira idade, eu pensei “ah, vou ficar nessa sala”, fiquei na sala do início até o final, né, vi todo o bloco de palestras, né, de apresentação de trabalhos científicos.

E uma das mediadoras começou a falar mal das cotas, começou a falar assim, “ah, como que a gente chama negro agora, a gente chama de afrodescendente?”, começou a falar sobre isso. Ela fez também comentários de gordofobia, e as pessoas, né... e eu fiquei pensando assim... e ela era uma pessoa agressiva, e ela tava falando tudo isso... e o papel dela ali era como mediadora, e não como... pra ficar falando dessas coisas, né. E aí eu comecei a perceber, eu era a única pessoa negra na sala. E aí ela, essa, essa professora, dava aula na... em Passo Fundo, na... na UPF. E aí ela falou assim, “ah, esses alunos que vem de cota...”, porque ela achou que eu era aluna, ela achou que eu era uma aluna de cota, ela não sabia que eu era uma colega dela, que eu, já com Mestrado, uma professora que tava ali. Então ela... ela começou a me atacar, “esses alunos de cota, que não sei o quê, porque essas cotas”, aí ela falou mal dos... dos negros, era... dos africanos, era bem naquela época que tava vindo muita migração, né, de, dos africanos, e ela falou que eles iam tirar os lugares das costureiras...

Aí, ela falou tanto absurdo, e aí as pessoas começaram a olhar pra mim e eu comecei a ficar constrangida, mas daí eu pensei assim: a forma agressiva que ela tava falando, se eu, naquele momento, eu fosse xingar ela, ou fosse enfrentar, ia acontecer um barraco, que não era o objetivo ali, do evento científico, eu tá brigando. Aí o que que eu fiz, eu esperei acabar a apresentação, porque a gente não podia sair enquanto alguém tivesse apresentando, aí eu esperei acabar aquela apresentação, e aí eu me retirei e fiz uma carta, fui pro... pro... pro, tinha assim um espaço onde tinha livros e... que a gente podia, né, transitar ali no evento, né, e eu peguei, sentei num banco e escrevi uma carta, e entreguei pra, é... organização. Perguntei como eu poderia fazer pra entregar aquela carta pra organização do evento, porque... E coloquei tudo que tinha acontecido ali na sala, né.

E é muito... muito triste passar por uma situação de racismo por que a pessoa te julga por algo que tu é... e tu, né... Eu por exemplo, ela tava, aquele tempo todo assim, me julgando por eu ser negra, mas só que eu sou negra e eu tenho orgulho de ser negra, eu não posso mudar minha condição de ser negra, pra mim, é normal ser negra, é como eu sou. E como que alguém vai me criticar por eu ser quem eu sou, né? Então é isso que dói, porque a pessoa tá te criticando por algo que tu é, a tua essência, né, a tua cor, a tua raça. E isso doeu muito.

Aí eu fiz essa carta, entreguei... entreguei pra organização do evento, aí eles pediram pra mim aguardar... porque eles leram o conteúdo da carta, viram que era sério e

pediram pra mim aguardar. E aí, nesse mesmo tempo, eu tenho a minha irmã que mora em Porto Alegre, e ela conhece o pessoal do Movimento Negro, já entrou em contato com o Movimento Negro de Porto Alegre e aí eles falaram que se a Universidade Feevale não fizesse uma retratação no evento, que iria pra... pra TV, pras mídias sociais, enfim. Aí o que que aconteceu, eles me chamaram no dia seguinte, que, né, fizeram uma reunião interna, aí chamaram pra dizer o que eles tavam dizendo e essa professora foi expulsa, tipo assim, ela não faz mais parte desse evento. Foi convidada a se retirar, não continuou no evento até o final, eram dois dias de evento, acho que eram dois dias, não me lembro bem. E aí eu sei que eles fizeram e me falaram tudo isso, “não, a gente não... a Universidade Feevale não compactua com essas atitudes racistas e preconceituosas e...”, aí eu falei, ah, que eu até ia embora do evento, não ia ficar, e eles assim “não, a gente quer que tu fique até o final, porque no final vai ser falado o que aconteceu e vai ser feito uma retratação”.

Então a organiza... a organizadora do evento falou, né, na frente de todo mundo, pedindo desculpas, por ter acontecido esse episódio. Então... E aí eu não levei adiante, mas o Movimento Negro queria que eu processasse, né, porque eu poderia processar por injúria, né, porque ela não tava falando diretamente a mim, mas ela tava supondo que eu era aluna de cota, falou mal dos negros, falou dos afrodescendentes, falou mal dos africanos, então ela tava indiretamente me atingindo, né, usando tudo isso. Então isso foi um... foi bem difícil. E aí depois, no final, eu decidi não... não entrar, assim, na... na justiça, né, mas...

**ENTREVISTADOR: Mas o importante é que houve uma retratação, né.**

**ENTREVISTADA J:** Houve, isso, houve.

**ENTREVISTADOR: É, então, de uma certa maneira, né, tu... tu fostes, né, teve uma sanção, né, teve uma... uma retratação que... que resolveu o problema, né, professora.**

**ENTREVISTADA J:** Sim.

**ENTREVISTADOR: Mas que triste, essas coisas, assim.**

**ENTREVISTADA J:** Muito triste, eu fiquei bem magoada, muito triste mesmo.

**ENTREVISTADOR: Bom, professora, em relação as tuas memórias do teu período de docência Como elas auxiliam na tua formação, assim, essas memórias que tu tem... falou da tua mãe, falou, né, de... da outra professora, as memórias todas que tu tem, assim, como elas te auxiliam hoje, na tua aula, quando tu dá aula?**

**ENTREVISTADA J:** Das minhas memórias? Bom, eu gosto de trabalhar sempre com os alunos algumas coisas relacionadas à África, né, então eu fiz um Projeto de Extensão em 2018, que era... Eu gosto também de trabalhar com alunos bolsistas, né, porque quando eu fiz faculdade em São Paulo, eu era aluna bolsista, então eu sei da importância do que é ter uma bolsa de estudo e de começar a fazer projeto de pesquisa e de extensão.

E aí eu tive, em 2018, um projeto que era... era... sobre a cultura africana e se chamava assim, era... pera aí, deixa eu ver se me lembro. Era... a Indumentária Afri... não, era... “Um olhar para a Cultura Africana através das vestimentas”, então esse foi o nosso projeto. Então o que que a gente fez, a gente selecionou cinco... cinco etnias, né, cinco países da África, pra gente trabalhar essa... essa visão de uma África alegre, de uma África com autoestima, colorida, trazer toda essa riqueza cultural e... e trabalhar em miniaturas. Então a gente pesquisava, por exemplo, todos os trajes da Nigéria, qual era o tipo da roupa que eles usavam, qual o significado do tecido, das cores, do turbante, né. Então a gente pesquisou tudo isso e a gente montou em Barbies, em miniatura, até eu tenho uma, se tu quiser eu posso te mostrar depois.

Aí a gente montou e a gente escolheu, por exemplo, levar esse projeto pras escolas públicas da rede de ensino, de... de primeira à oitava série, e também de ensino médio. E aí a gente foi pra várias escolas mostrando esse projeto. Então a gente mostrava, apresentava um pouco de cada cultura, né, de... a questão da vestimenta, do significado, e depois a gente fazia a exposição. Então a gente levou mais ou menos pra umas cinco escolas.

**ENTREVISTADOR:** Que lindo o projeto. Então, na verdade, tu... a minha segunda pergunta, a minha outra pergunta, seria da contribuição da cultura negra, então a senhora já mencionou, falando sobre isso. Professora, é inevitável a gente não falar sobre pandemia, COVID-19 e o negro na sociedade atual. Como é que a senhora observa essa situação?

**ENTREVISTADA J:** É, que uma coisa que tá muito complicado agora, é que parece que todos esses racistas, né, se sentem empoderados pra, é... tipo, é... podem ser racistas com as pessoas. Então a gente percebe isso, quando tu entra num local, tu ser negra, tu tá de máscara, né, se tu vai numa loja, algum lugar, as pessoas ficam reparando. É diferente o olhar, né, pra pessoa branca e pra pessoa negra, isso eu percebo. E na pandemia, isso tá pior, sabe? Preconceito, também pelo Presidente que a gente tem, por todo esse discurso de ódio e de racismo, as pessoas se sentem

empoderadas pra serem racistas, preconceituosas, né, porque ele, como líder da nação, ele não dá o exemplo, né, ele dá o exemplo negativo. Porque ele é homofóbico, ele é racista, né, misógino. Então...

**ENTREVISTADOR: Professora... é... As minhas perguntas daqui já realizei, eu queria se eu não ... Se alguma pergunta não foi contemplada na minha fala, se a senhora gostaria de [dizer?] alguma coisa.**

**ENTREVISTADA J:** Sim. Se alguma pergunta?

**ENTREVISTADOR: É, se a senhora gostaria de dizer alguma coisa. Algum... sobre as... sobre as minhas perguntas, se eu não contemplei alguma coisa.**

**ENTREVISTADA J:** Eu acho que assim, queria te parabenizar pela tua pesquisa, né, agradeço o convite, acho que é muito importante, né. A gente não tinha muitas referências de professores negros, né. Hoje em dia, né, com as cotas, né, com quando teve um maior acesso das pessoas negras à Universidade, hoje em dia a gente vê o negro em outras posições. Então isso é muito importante, né, a gente... Hoje em dia, eu tenho vários colegas, né, mesmo no CaVG, são professores negros também e que na minha época, quando eu estudei, isso era muito difícil de encontrar, né, tanto que na graduação, dentro de uma Universidade, eu era a única aluna negra, não tinha um professor como referência. E eu pude ver isso anos depois, né, na Universidade Católica, eu ser referência pra uma aluna, né, ela se sentir, né, feliz, porque tinha um professor negro representando, né, e também num cargo de coordenação. Então isso também foi bacana. E acho que é importante também a gente conhecer as nossas raízes, né, enfim, a nossa cultura e ter orgulho da nossa raça, né, da nossa cor. Isso é muito importante.

**Entrevistador: Tá bem. Era isso. Obrigado pela participação!**

## APÊNDICE M – PERGUNTAS DOS QUESTIONÁRIOS

1. Gênero?
  - a. Feminino
  - b. Masculino
  - c. Outro
  - d. Prefiro não responder
2. Faixa etária?
  - a. 18-30
  - b. 31-45
  - c. 46-60
  - d. 61 ou mais
  - e. Prefiro não informar
3. Como você se identifica?
  - a. Negro
  - b. Pardo
  - c. Indígena
  - d. Outro
  - e. Prefiro não informar
4. *Campus* de atuação no IFSul?
  - a. Pelotas
  - b. Pelotas-Visconde da Graça
  - c. Outro
  - d. Prefiro não informar
5. Formação acadêmica (conforme Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>)?
  - a. Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
  - b. Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)

- c. Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
  - d. Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
  - e. Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
  - f. Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
  - g. Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
  - h. Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
  - i. Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
  - j. Prefiro não informar
6. Titulação acadêmica?
- a. Graduação
  - b. Especialização
  - c. Mestrado
  - d. Doutorado

- e. Prefiro não informar
7. Em tuas imagens pedagógicas, dos professores negros com os quais convivestes no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras?
- a. Nenhum (passar para a próxima questão, passar para a questão 9)
  - b. 1 ou 2
  - c. 3 ou 4
  - d. 5 ou mais
  - e. Não lembro (pular a próxima questão)
  - f. Prefiro não informar (pular a próxima questão)
8. Caso tenhas tido algum professor negro e/ou negra – ou seja, a resposta anterior não tenha sido “nenhum”, “não lembro” ou “prefiro não informar” –, com relação à seguinte afirmação, tu concordas ou discordas: “Levo alguma inspiração de docentes negros e/ou negras que tive para a sala de aula”?
- a. Discordo totalmente
  - b. Discordo mais do que concordo
  - c. Não discordo, nem concordo
  - d. Concordo mais do que discordo
  - e. Concordo totalmente
  - f. Prefiro não informar
9. Com relação à seguinte afirmação, tu concordas ou discordas: “Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes”?
- a. Discordo totalmente
  - b. Discordo mais do que concordo
  - c. Não discordo, nem concordo
  - d. Concordo mais do que discordo
  - e. Concordo totalmente
  - f. Prefiro não informar
10. Com relação à seguinte afirmação, tu concordas ou discordas: “Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes”?
- a. Discordo totalmente
  - b. Discordo mais do que concordo

- c. Não discordo, nem concordo
- d. Concordo mais do que discordo
- e. Concordo totalmente
- f. Prefiro não informar

11. Com relação à seguinte afirmação, tu concordas ou discordas: “Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus colegas de docência”?

- a. Discordo totalmente
- b. Discordo mais do que concordo
- c. Não discordo, nem concordo
- d. Concordo mais do que discordo
- e. Concordo totalmente
- f. Prefiro não informar

12. Com relação à seguinte afirmação, tu concordas ou discordas: “Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente”?

- a. Discordo totalmente
- b. Discordo mais do que concordo
- c. Não discordo, nem concordo
- d. Concordo mais do que discordo
- e. Concordo totalmente
- f. Prefiro não informar

13. Com relação à seguinte afirmação, tu concordas ou discordas: “Observo contribuições positivas da cultura negra minha formação docente”?

- a. Discordo totalmente
- b. Discordo mais do que concordo
- c. Não discordo, nem concordo
- d. Concordo mais do que discordo
- e. Concordo totalmente
- f. Prefiro não informar

**APÊNDICE N – QUESTIONÁRIO A (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA A)**

11/06/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

## O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não informar
- Outro

11/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

11/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabelaDeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

11/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

11/08/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

11/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

11/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Ca...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE O – QUESTIONÁRIO B (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA B)

14/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(es) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

Feminino

Masculino

Prefiro não informar

Outro

<https://docs.google.com/forms/d/1VMYEWESKgonSris-7WHBPoQmDvWEaWjZMsu1PshT6j/ledB#response=ACYDBNj26T15F4ccOabrSkwrHM...> 1/8

14/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFsul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

14/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabelaDeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

14/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

14/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE P – QUESTIONÁRIO C (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO C)

15/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@pelotas.ifsul.edu

1) Com qual gênero você se identifica? \*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não informar
- Outro

15/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

15/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

15/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

15/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

15/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

15/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

**APÊNDICE Q – QUESTIONÁRIO D (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO D)**

15/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

## O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

Feminino

Masculino

Prefiro não informar

Outro

15/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

15/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

15/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

15/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

15/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

15/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE R – QUESTIONÁRIO E (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA E)

18/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@yahoo.com.br

1) Com qual gênero você se identifica? \*

Feminino

Masculino

Prefiro não informar

Outro

18/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

18/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabelaDeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

18/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

18/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

18/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE S – QUESTIONÁRIO F (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO F)

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não informar
- Outro

21/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

21/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

21/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Floresta; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE T – QUESTIONÁRIO G (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO G)

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não informar
- Outro

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFsul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

21/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

21/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

21/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

21/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE U – QUESTIONÁRIO H (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA H)

22/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

Feminino

Masculino

Prefiro não informar

Outro

<https://docs.google.com/forms/d/1VMYEWESKgonSris-7WHBPoQmDvWEaWjZMsu1PxhT8j/edB#response=ACYDBN4skPTWBXG06tNEorfk...> 1/8

22/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

22/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabelaDeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

22/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

22/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

22/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

22/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE V – QUESTIONÁRIO I (RESPONDIDO PELO ENTREVISTADO I)

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

██████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não informar
- Outro

25/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IFSul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabelaDeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

25/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

25/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

25/09/2020

O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## APÊNDICE W – QUESTIONÁRIO J (RESPONDIDO PELA ENTREVISTADA J)

25/09/2020 O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

### O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos Campi Pelotas e Pelotas-Visconde da Graça - Questionário

A fim de contribuir com a dissertação do mestrando William Machado da Silva, orientado pela professora Angelita Hentges e vinculado ao Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), do Campus Pelotas-Visconde da Graça (CAVG) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), convido você para participar da pesquisa, respondendo ao questionário a seguir.

Endereço de e-mail \*

████████████████████@gmail.com

1) Com qual gênero você se identifica? \*

Feminino

Masculino

Prefiro não informar

Outro

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

2) Qual é sua idade? \*

- De 18 a 30 anos
- De 31 a 45 anos
- De 46 a 60 anos
- 61 anos ou mais
- Prefiro não informar

3) Como você se identifica? \*

- Negro ou negra
- Pardo ou parda
- Indígena
- Outro
- Prefiro não informar

4) Qual é o seu Campus de atuação no IF Sul? \*

- Campus Pelotas
- Campus Pelotas-Visconde da Graça
- Outro
- Prefiro não informar

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

5) Há quanto tempo exerce a docência no IFSul? \*

- Há 1 ano ou menos
- De mais de 1 até 3 anos
- De mais de 3 até 6 anos
- De mais de 6 até 10 anos
- Há mais de 10 anos
- Prefiro não informar

6) Qual é sua formação acadêmica (conforme a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPQ - <http://cnpq.br/documents/10157/186158/TabelaDeAreasdoConhecimento.pdf>)? \*

- Ciências Exatas e da Terra (Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; GeoCiências; Oceanografia)
- Ciências Biológicas (Biologia Geral; Genética; Botânica; Zoologia; Ecologia; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia)
- Engenharias (Engenharia Civil; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalurgia; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Engenharia Química; Engenharia Sanitária; Engenharia de Produção; Engenharia Nuclear; Engenharia de Transportes; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Biomédica)
- Ciências da Saúde (Medicina; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Nutrição; Saúde Coletiva; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional; Educação Física)
- Ciências Agrárias (Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Medicina Veterinária; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Ciência e Tecnologia de Alimentos)
- Ciências Sociais Aplicadas (Direito; Administração; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social; Economia Doméstica; Desenho Industrial; Turismo)
- Ciências Humanas (Filosofia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política; Teologia)
- Linguística, Letras e Artes (Linguística; Letras; Artes)**
- Outros (Administração Hospitalar; Administração Rural; Carreira Militar; Carreira Religiosa; Ciências; Biomedicina; Ciências Atuariais; Ciências Sociais; Decoração; Desenho de Moda; Desenho de Projetos; Diplomacia; Engenharia de Agrimensura; Engenharia Cartográfica; Engenharia de Armamentos; Engenharia Mecatrônica; Engenharia Têxtil; Estudos Sociais; História Natural; Química Industrial; Relações Internacionais; Relações Públicas; Secretariado Executivo)
- Prefiro não informar

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

7) Qual é sua titulação acadêmica? \*

- Graduação (Licenciatura, Bacharelado ou Tecnólogo)
- Especialização (Pós-graduação lato sensu)
- Mestrado (Pós-graduação stricto sensu)
- Doutorado (Pós-graduação stricto sensu)
- Prefiro não informar

8) Em suas lembranças pedagógicas, dos(as) professores(as) negros(as) com que conviveu no ambiente escolar até a sua formação profissional, quantos eram negros e/ou negras? \*

- Nenhum(a)
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou mais
- Não lembro
- Prefiro não informar

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

9) Caso tenha tido algum(a) professor(a) negro(a), você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Levo alguma inspiração de professores(as) negros e/ou negras que tive para a sala de aula"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

10) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de ao menos um caso de racismo sendo presenciado com estudantes"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

25/09/2020 O Imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

11) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Das minhas memórias docentes, lembro de casos de racismo contra mim em sala de aula por parte de estudantes?" \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

12) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Durante minhas práticas docentes, lembro de casos de racismo por parte de meus/minhas colegas de docência"?

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não concordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

25/09/2020

O imaginário na formação docente: as memórias dos(as) professores(as) negros(as) do Instituto Federal Sul-rio-grandense nos C...

13) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Acredito que as memórias do meu período de docência auxiliam na formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

14) Você concorda ou discorda da seguinte afirmação: "Observo contribuições positivas da cultura negra na minha formação docente"? \*

- Discordo totalmente
- Discordo mais do que concordo
- Não discordo, nem concordo
- Concordo mais do que discordo
- Concordo totalmente
- Prefiro não informar

Muito obrigado pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

**APÊNDICE Y – MOSAICO SOBRE A VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL A PARTIR DE COMENTÁRIOS DOS(AS) PROFESSORES(AS) NEGROS(AS) DOS CAMPI PELOTAS E PELOTAS-VISCONDE DA GRAÇA, DO IFSUL**

